

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ - UNIVALI

ELISANGELA VIEIRA LINHARES

MARCAS DA MEMÓRIA TRADUZIDAS NA IDENTIDADE DOCENTE:
Relatos de vida de professoras alfabetizadoras.

Itajaí (SC)

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ _ UNIVALI
ELISANGELA VIEIRA LINHARES

MARCAS DA MEMÓRIA TRADUZIDAS NA IDENTIDADE DOCENTE:
Relatos de vida de professoras alfabetizadoras.

Dissertação apresentada ao colegiado do PMAE
como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Educação – área de concentração:
Educação – Linha de Pesquisa: *Formação
Docente e Identidades Profissionais Grupo de
Pesquisa – Educação e Trabalho.*

Orientadora: Dra.Tânia Regina Raitz

Itajaí (SC)

2006

Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
ELISANGELA VIEIRA LINHARES

MARCAS DA MEMÓRIA TRADUZIDAS NA IDENTIDADE DOCENTE:
Relatos de vida de professoras alfabetizadoras.

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre e aprovada pelo
Curso de Pós – Graduação em Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí

Área de Concentração: Educação

Itajaí, _____ de _____ de 2005.

Profa. Dra. Tânia Regina Raitz
UNIVALI - Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação
Orientadora

Profa. Dra. Rejane Silva Penna
UNISALLE - Centro Universitário La Salle
Membro

Profa. Dra. Elisabeth Caldeira
UNIVALI – Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação
Membro

Profa. Dra. Solange Mostafa
UNIVALI – Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação
Membro

Ficha Catalográfica (ver com Bibliotecária da UNIVALI)

Meus Tempos de Criança

“Eu daria tudo que eu tivesse
Pra voltar aos dias de criança
Eu não sei pra que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança

Aos domingos missa na matriz
Da cidadezinha onde eu nasci
Ai, meu Deus, eu era tão feliz
No meu pequenino Miral

Que saudade da professorinha
Que me ensinou o be a bá
Onde andaré Mariazinha
Meu primeiro amor onde andaré?

Eu igual a toda meninada
Quanta travessura que eu fazia
Jogo de botões sobre a calçada
Eu era feliz e não sabia”.

Música de: Ataulfo Alves

AGRADECIMENTOS

Embora uma dissertação seja, pela sua finalidade acadêmica, um trabalho individual, há contribuições de naturezas diversas que não posso, nem devo deixar de comentar. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À Deus pelo seu infinito amor, por ter me concedido o dom da vida, por ter cumprido o desejo do meu coração em fazer o mestrado, pela inspiração constante nos momentos difíceis, momentos em que inspirações me faltavam. Posso dizer que: - Senhor tu és maravilhoso, confesso que és o facilitador do meu fluir.

À Professora Doutora Tânia Regina Raitz, que me acolheu como orientanda e que com seu entusiasmo e competência me conquistou. Durante este período tive a oportunidade de conhecê-la como professora, conselheira e orientadora. Em todas estas dimensões sempre apresentou um admirável caráter e uma intelectualidade indiscutível, posso dizer que recebi um presente quando a recebi como orientadora.

Ao meu esposo Jesiel, meu amado e companheiro, capaz de reunir de maneira equilibrada, características que eu admiro: cumplicidade, sensibilidade e acima de tudo paixão. Agradeço pelo apoio, pelos conselhos, sorrisos, pela compreensão de aquecer o leito antes mesmo que eu pudesse me deitar, entendendo as horas, madrugadas quase que inteiras de leitura e estudo. Agradecer ainda pela caminhada que tem feito junto comigo desde que realizei a escolha pela carreira docente.

À minha filha Maria Luiza, pelo estímulo que representa em minha vida, pela alegria de ser mãe, pelo apoio incondicional, pela paciência e grande carinho com que sempre me ouviu, por compreender as horas negadas de carinho e atenção. Obrigada pelos abraços apertados, os sorrisos, o olhar meigo nos momentos de extrema delicadeza e fragilidade humana.

À minha mãe Rosalina, pela dedicação durante meus primeiros anos escolares, pelo sentimento que me consome de conhecer sempre mais e mais. Algumas coisas em nossas vidas são herdadas e com certeza esse desejo de ler, escrever, estudar e ensinar são heranças suas.

À Priscila bolsista do PIPG, pela brilhante dedicação nas transcrições das entrevistas, bem como por sua atuação em todo o processo. Pelas horas atentas, pelos

momentos que demonstrou cansaço reflexo de seu extremo envolvimento e parceria, pelo gesto meigo e pelo sorriso carinhoso.

As professoras entrevistadas, pelo relato valioso e emocionante de suas histórias de vida. Pela paciência e satisfação com que nos receberam em suas residências. Pelos momentos de conversa informal, pelos risos e pelo sentimento de riqueza que envolvia cada recordação.

À professora Dra. Elisabeth Caldeira pelo exemplo de dedicação à pesquisa e por ter aceito o convite para participar de minha banca de qualificação, e pelas contribuições competentes e pertinentes que trouxe a esta pesquisa, minha gratidão.

À professora Dra. Rejane Silva Penna, por ter aceito o convite para participar de minha banca de qualificação, bem como na defesa da dissertação de Mestrado trazendo contribuições extremamente ricas e valiosas no desenvolvimento desta pesquisa, minha gratidão.

À muitos (familiares e amigos) que durante este processo souberam me compreender, pelas ausências e pela falta de risos e de tempo. Mas tenho certeza que mesmo distantes, estávamos tão próximos que nosso elo de afeto não se quebrou. A cada conquista que realizamos, não a realizamos sozinhos. São várias cabeças pensantes, braços valentes e corações apaixonados. Por isso esta conquista é dedicada a todos quanto de alguma maneira ou de outra, conquistaram comigo e agora encontram-se felizes.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	
1.-Contextualizando a Pesquisa.....	19
1.1-Cenário da pesquisa.....	19
1.2-Fragmentos de Minha Memória Educativa.....	24
CAPÍTULO II	
2. Fundamentação Teórica.....	31
2.1-Identidade e Memória.....	31
2.2-História de Vida e Formação Docente.....	35
2.3-Griôs Docentes.....	38
2.4-Revisão da Literatura.....	41
CAPÍTULO III	
3. Metodologia da pesquisa.....	45
3.1-Método de história oral.....	45
3.2-Procedimentos metodológicos.....	47
3.3-Sujeitos da pesquisa.....	51
CAPÍTULO IV	
4. Eixos Norteadores para Análise	
4.1-Memórias da Vida Docente – Escolha da Profissão.....	54
4.2-Diferentes caminhos: Professor sua formação e indicação.....	57
4.3-Dedicação ao ensino: planejamento versus solidão e controle.....	59
4.4-Valores, crenças e a prática docente.....	61
4.5-A tão temida visita do inspetor.....	64
4.6-Significados do ser professor.....	66
4.7-Superação dos sofrimentos vividos no itinerário escolar.....	69
4.8-Como me tornei professora: diferentes tempos e histórias vividas pelas professoras pesquisadas.....	71
4.8.1-Perfil e lembranças da infância das professoras alfabetizadoras.....	72
4.8.1.1- História de vida da professora Salete.....	73
4.8.1.2- História de vida da professora Marlene Rosa.....	75
4.8.1.3- História de vida da professora Dolores.....	79
4.8.1.4- História de vida da professora Marlene Buratto.....	81
4.8.1.5- História de vida da professora Maria da Glória.....	92
4.8.1.6- História de vida da professora Amélia.....	95
4.8.1.7- História de vida da professora Joana.....	96
4.9- Trajetórias convergentes e específicas: traços dos professores pesquisados.....	100

4.9.1- Análise de alguns traços dos professores pesquisados: sentimentos, experiências e vivências nos discursos docentes.....	121
---	------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
----------------------------------	--

REFERÊNCIAS.....	
-------------------------	--

ANEXOS.....	140
--------------------	------------

Anexo A – Roteiro entrevistas.....	141
---	------------

Anexo B – Termo de cessão de direitos.....	146
---	------------

Anexo C – Documentos Iconográficos.....	147
--	------------

Livro lições primárias – cartas ABC-ano 1929.....	147
--	------------

Anexo D- Desfile 7 de setembro - ano 1968.....	148
---	------------

Cerimônia de comemoração – ano 1972.....	148
---	------------

Anexo E- Alunos em desfile na Avenida Atlântica - ano 1966.....	149
--	------------

Escola de Taquaras - ano 1975.....	149
---	------------

Anexo F- Apresentação Artística, agosto de 1973.....	150
---	------------

Anexo G- Fotos Espaço Memorial do Professor.....	151
---	------------

Anexo H- Foto da Primeira escola do bairro da Barra.....	152
---	------------

Anexo I- Escola Isolada da Barra, agora com sede própria, localizada na Praça dos Pescadores, próximo Rio Camboriú. Ano de 1940	153
--	------------

Anexo J- Convite de Inauguração “Memorial do Professor”.....	154
---	------------

Anexo K- Entrevista Jornal Tribuna Catarinense.....	155
--	------------

Anexo L-Publicação e Apresentação da Pesquisa	156
--	------------

Anexo M- Solicitação pesquisa Memorial do Professor.....	157
---	------------

Anexo N- Agradecimento Palestra sobre História de vida Docente.....	158
--	------------

Anexo O- Lista de visitantes no Memorial do Professor.....	159
---	------------

Glossário.....	164
-----------------------	------------

RESUMO

Este estudo busca investigar as trajetórias identitárias dos professores alfabetizadores das Séries Iniciais da cidade de Balneário Camboriú/SC, a partir de seus relatos de vida, numa perspectiva de construção sócio-cultural, focalizada nas diversas relações que estes vivenciaram nos espaços e tempos diferenciados do seu saber pedagógico. Procurou verificar como ocorrem as conexões que emergem de seus processos educativos e que caracterizam tanto cristalizações quanto às transformações na construção de suas identidades. O campo sobre a Formação dos Professores, Memória e Identidade integra a referência deste estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que parte da memória como instrumento de construção e reconstrução da identidade docente, utilizando-se técnicas de histórias de vida e relatos orais, em que se colheu lembranças das professoras aposentadas que atuaram e já atuaram nas Séries Iniciais da Rede de Ensino em Balneário Camboriú. Autores como Ecléa Bosi, Michel Halbwach, Stuart Hall, Alberto Melucci, Marie-Cristine Josso, Rejane Silva Penna, Antonio Torres Montenegro, Dino Preti, Cristina Rego, Maurice Tardif, Freda Indursky, Maria do Carmo Campos, e outros, constituíram importantes contribuições na análise desta investigação. Nesta confluência, os resultados da pesquisa tiveram a finalidade de contribuir para o resgate e registro da história da educação na cidade, além de ampliar os conhecimentos e conjunturas do passado, através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares. Esta foi uma tentativa de compreender o contexto educacional, por meio do indivíduo que nele viveu, ao mesmo tempo, que se objetivou estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise das diferentes experiências vividas. Os resultados apontam a constituição de identidades num movimento que é cambiante, circular e transitório, isto significa que simultaneamente estas trajetórias docentes se moldam, se modificam, são instáveis e permanentes na prática pedagógica, bem como nos modos de pensar e viver. Os resultados obtidos também sublinham a importância dos relatos de vida dos professores, em particular a de sua prática escolar, o processo de ensino-aprendizagem, o saber / ensinar, na medida em que exigem conhecimentos da vida, saberes personalizados e competências que dependem da identidade docente. Esta que tem suas origens na história de vida familiar e escolar dos professores alfabetizadores. No memorial das professoras entrevistadas foi possível observar que em seus percursos docentes o EU professor com o EU pessoal, estavam tão interligados, que as professoras não conseguiam se ver como apenas um EU, mas se viam como professora, mãe, esposa, enfim os papéis sociais eram entrecruzados. Nas narrativas encontram-se momentos que causaram um certo sofrimento para estas professoras. E um destes que foi significativo, também foi superado com o auxílio de um sentimento que acompanha a carreira docente “o prazer de ensinar”.

Palavras-chave: Memória, Identidade e Professores.

ABSTRACT

This study it searches to investigate the identitárias trajectories of the professors alfabetizadors of the Initial Series of the city of Camboriú/SC, Health-resort, from its stories of life, in a perspective of partner-cultural construction, focused in the diverse relations that these had lived deeply in the spaces and times differentiated of its to know pedagogical. It looked for to verify as the connections occur that emerge of its educative processes and that they characterize as many crystallizations how much to the transformations in the construction of its identities. The field on the Formation of the Professors, Memory and Identity integrates the reference of this study. One is about a qualitative research, that has left of the memory as instrument of construction and reconstruction of the teaching identity, using techniques of histories of life and verbal stories, where if harvested souvenirs of the teachers pensioners that had acted and already they had acted in the Initial Series of the Net of Education in Camboriú Health-resort. Authors as Ecléa Bosi, Michel Halbwasch, Stuart Hall, Alberto Melucci, Marie-Cristine Josso, Rejane Silva Penna, Antonio Montenegro Towers, Dino Preti, Cristina Rego, Maurice Tardif, Freda Indursky, Maria of the Carmo Fields, and others, had constituted important contributions in the analysis of this inquiry. In this confluence, the results of the research had had the purpose to contribute for the rescue and register of the history of the education in the city, besides extending the knowledge and conjunctures of the past, through the deepened study of experiences and particular versions. This was an attempt to understand the educational context, by means of the individual that in it lived, at the same time, that it was objectified to establish relations between the generality and the particular one through the analysis of the different lived experiences. The results point the constitution of identities in a movement that is cambiant, circular and transitory, this mean that simultaneously these teaching trajectories if mold, if modify, are unstable and permanent in practical the pedagogical one, as well as in the ways thinking and living. The results also gotten underline the importance of the stories of life of the professors, in particular of its the practical pertaining to school, the process of teach-learning, knowing/to teach, in the measure where they demand knowledge of the life, to know personalized and abilities that depend on the teaching identity. This that has its origins in the history of familiar and pertaining to school life of the professors alfabetizadors. In the memorial of the interviewed teachers it was possible to observe that in its teaching passages I professor with personal I, was so linked, that the teachers did not obtain to see as only one I, but if they saw as teacher, mother, wife, at last the social papers were intercrossed. In the narratives moments meet that had caused a certain suffering for these teachers. E one of that he was significant, also was surpassed with the aid of a feeling that folloies the teaching career "the pleasure to teach".

Word-key: Memory, Identity and Professors.

INTRODUÇÃO

Em um mundo onde os dias e anos passam com grande velocidade, surgem vários estudos e pessoas dedicadas a resgatar idéias e sentimentos que pareciam esquecidos e sem valor. Esses resgates têm sido realizados por meio da recuperação e registro das memórias das pessoas, a partir do depoimento delas. Memórias que não são apenas um retorno a um passado imutável, mas que ao serem narradas, lembradas, adquirem novos contornos que podem ajudar a repensar o presente em que se vive e o futuro que se planeja.

O presente estudo apresenta o cotidiano escolar, o ideário das práticas escolares nas décadas de 1930 a 1970 do século XX, assim estará se delimitando um período para a investigação. Nessas décadas no Brasil, foi construída uma memória, uma representação sobre a escola e o professor, sobre o cotidiano escolar, que durante muito tempo foi hegemônica e que está presente nos dias atuais.

O esforço em examinar essas questões representa uma importante contribuição para o registro da história da educação em nossa cidade, pois salienta-se que muito pouco se tem documentado. Tem-se como preocupação neste estudo a ótica de diversos olhares, e para tanto entrevistou-se sete professoras daquelas épocas mencionadas, quatro das entrevistadas assumiram diferentes funções no decorrer de sua profissão, porém todas foram professoras das séries iniciais. Convém ressaltar, de que encontrou-se algumas limitações, sendo uma o tempo, entretanto, mesmo assim considera-se importante o uso desse tipo de fonte (relato de vida) para a análise histórica da educação, pois:

para compreender o que a escola realizou [...] é preciso tentar apanhar a maneira com que professores e alunos reconstruíram sua experiência [...] Em que pese todas as críticas a seu subjetivismo, e sem isentá-los de outras, esses documentos [...] muitas vezes são as únicas testemunhas de práticas e idéias pouco notadas. (Souza,1997, p.310-311)

Na técnica de pesquisa que se insere a história oral, por meio de entrevistas aprofundadas, a intenção é recolher memórias individuais, ou se for o caso, entrevistas de

grupo que configuram memórias coletivas. O desafio foi a interpretação do material coletado. Para isso, precisou-se levar em conta um certo número de conceitos usados pelos entrevistados. Apareceram algumas designações, atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, muito mais do que acontecimentos ou fatos históricos não trabalhados por memórias. Acredita-se que o conjunto das histórias revelou descobertas do ofício de ensinar e comporá um documento que ajudará a entender a construção da identidade dos professores alfabetizadores em Balneário Camboriú.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Entretanto, Maurice Halbwachs (1990), nos anos 20-30, havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Ao destacar esta característica flutuante, mutável da memória, tanto individual quanto coletiva, convém lembrar que, na maioria das memórias, existem marcos ou pontos relativamente invariáveis, imutáveis. Todos os estudos realizados, por intermédio de entrevistas muito longas, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas de determinados períodos da vida, ou certos fatos, algo de invariante. Numa história de vida individual nota-se que isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças.

Em certo sentido, determinado número de elementos torna-se realidade, passa a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam modificar. Entretanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são: acontecimentos vividos pessoalmente, os vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Sem desconsiderar que todos esses acontecimentos estão recheados de situações que envolvem espaço tempo. Para Halbwachs (1990, p.53) a memória coletiva se refere a uma identidade coletiva que explica uma experiência e um passado vivido por participantes de um mesmo grupo. Nesta passagem pode-se compreender melhor a diferença entre memória individual e coletiva que o autor comenta:

Se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Explicitando melhor esta questão podemos dizer que cada memória individual, tende a ser voluntariamente fragmentos da memória coletiva. Esses fragmentos podem ser chamados de ponto de vista, e este também é mutável conforme o lugar que eu ocupo, as relações que mantenho com o meio também são constituidoras do modo de ver e pensar de cada pessoa. É perfeitamente possível que, por meio da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada. A memória é construída por pessoas, personagens, acontecimentos, podemos arrolar ainda os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que podem ser uma lembrança pessoal, mas também podem não ter apoio no tempo cronológico. A memória é seletiva, nem tudo fica gravado ou registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. Ela sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.

A concepção de memória, mencionada nos parágrafos anteriores é retomada por Bosi (1993, p.281) quando diz, “a memória é sim um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Neste sentido, o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Conforme explica Borba (2001, p.34),

A identidade nunca esta instalada e acabada. O sujeito se reconhece na relação com o outro, mas a experiência do outro não é totalmente vivida

pelo sujeito. O conhecimento entre eu e outro é mediado por uma comunicação na qual eu informa a respeito do outro e recebe a informação sobre a identidade que o outro lhe atribui. Essa comunicação é marcada pela incerteza, pois o eu nunca pode confirmar que a identidade para o mim coincide com a identidade para o outro.

Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si e para os outros, há um elemento nestas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o outro. Ninguém pode construir uma auto – imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Os sujeitos centrais desta pesquisa são professores já aposentados, que trabalharam no ensino público no município de Balneário Camboriú, exerceram suas docências nos anos de 1937 a meados da década de 1980, cinco das entrevistadas continuam residindo no município, uma reside em Camboriú, município vizinho e uma outra na cidade de Porto Belo, pertencem as classes sociais médias baixas, vivem diferentes situações econômicas culturais.

Este estudo tem como objetivo central investigar as trajetórias identitárias dos professores alfabetizadores, transitando pela construção histórica sócio-cultural, focalizada nas diversas relações que estes vivenciam nos espaços e tempos diferentes, em conexões que emergem neste processo, as quais caracterizam situações de cristalizações ou transformações de suas identidades. Um outro objetivo é a criação do Memorial do professor, no Arquivo Histórico de Balneário Camboriú.

Trata-se de um estudo que busca pesquisar também o modo de pensar e a produção do saber pedagógico do professor, procurando apresentar o cotidiano escolar, como ideário das práticas escolares. Parte-se da memória como instrumento de construção e reconstrução da identidade docente, utilizando técnicas de história de vida e relatos orais, onde estaremos colhendo lembranças dos professores aposentados que atuaram nas Séries Iniciais de Escolas da Rede de Ensino da cidade de Balneário Camboriú.

No desenvolvimento da pesquisa, as seguintes questões surgiram como objeto de estudo: Quais foram os saberes produzidos na escola que continuam presentes em suas

vidas? Como os professores constroem suas identidades individuais e coletivas em espaços como a família e a escola? Quais as práticas educativas que foram e continuam sendo engendradas a partir de suas experiências? Quais os sentidos que emergem sobre a escola e o trabalho? Quais as ações educativas desencadeadas na produção do saber ? Como elaboram e quais são os seus projetos e sonhos pessoais?

A intenção desta pesquisa se concretizou na perspectiva, de trazer elementos das histórias vivas que compusessem a história da educação no município. Esta diversidade de informações, lembranças foram encontradas nas experiências vividas por cada uma das entrevistadas, oportunizando além da compreensão de como foi essa trajetória, os sentidos e os saberes engendrados nestas trajetórias. Este fato promoveu a sensibilização dos gestores municipais, para a criação de um espaço dedicado ao registro da história da educação no município, que resultou num memorial do professor com imagens, documentos e biografias de educadores. Desta forma, estas contribuições justificam a relevância científica, teórica e social desta pesquisa.

A estrutura desta dissertação apresenta a divisão em quatro capítulos seguindo as opções teórico-metodológicas do desenvolvimento da pesquisa. No primeiro capítulo, busca-se contextualizar o cenário onde aconteceu a pesquisa. Apresenta-se como contexto municipal a cidade de Balneário Camboriú, localizada na microregião de base teuto-brasileira do vale do Itajaí – Camboriú, distante 90 Km de Florianópolis. O município tem como limites a cidade de Itajaí ao norte, ao Sul com Itapema, ao Oeste com Camboriú e ao Leste com o Oceano Atlântico. Com base em referenciais teóricos, explica-se a versão mais aceita para a origem do nome da cidade. Como a pesquisa trata-se da história da educação na versão de sete professoras aposentadas que lecionaram a partir da década de 1937, buscou-se informações que esclarecessem o início da escolarização dos moradores de Balneário Camboriú, que começou mesmo no ano de 1909. Ao mesmo tempo apresenta-se minha trajetória educativa, com algumas lembranças de minha infância, adolescência e idade adulta, e procura-se registrar como me tornei professora e os sinais da escolha por esta pesquisa.

No segundo capítulo, aborda-se teoricamente o significado de identidade e memória. É possível dizer que ocorre um processo de negociação entre memória e identidade, ambas são fenômenos que necessitam ser compreendidos como essências de

uma pessoa ou de um grupo. Argumenta-se que a identidade se refere a uma totalidade em permanente transformação, fruto de processos que envolvem aspectos biológicos, simbólicos e sociais. Envolvem indivíduos, grupos, contextos sócio – econômicos e culturais em permanente interação dialética, onde percebe-se um dos elementos mais importantes do caráter social da memória, a linguagem. Utiliza-se da linguagem, ou melhor da fala das professoras entrevistadas para afirmar o que os teóricos traduzem. Na revisão da literatura sobre os estudos que apresentam uma certa aproximação e lacunas com relação ao tema, resolveu-se comentar alguns recortes considerados necessários à esta pesquisa.

No terceiro capítulo, exibem-se alguns pressupostos metodológicos, na apreensão da trajetória da história oral. Considera-se que esta metodologia de pesquisa abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, e realiza um resgate de vozes que não se fariam ouvir, pois são histórias vivas de professoras que até o momento não haviam narrado suas histórias de vida pessoal e docente para que muitos pudessem ter a oportunidade de conhecer. E que neste momento por intermédio desta pesquisa se fazem ouvir e conhecer. Apresenta-se os sujeitos da pesquisa, como ocorreu a escolha destes e quais os critérios utilizados para a seleção dos mesmos.

No quarto capítulo, explicita-se os eixos norteadores para análise, onde procurou-se discutir a questão da memória e sua relação com as práticas e os saberes das professoras alfabetizadoras da cidade de Balneário Camboriú. Registra-se os diferentes caminhos trilhados pelo professor na sua formação e dedicação ao ensino. Sublinha-se os relatos de vida dos professores, em particular sobre sua prática escolar, esta que traz fragmentos das experiências vividas em diferentes contextos, bem como recortes de sua formação docente.

Registra-se ainda, que na memória das professoras pesquisadas, os valores morais são fundamentais no exercício da docência e no convívio com as demais pessoas. Os sentidos e os significados do ser professor são apresentados através dos depoimentos registrados nas falas, que traduzem momentos de superações, satisfações, mas também narram momentos de decepções e sofrimentos.

Finalmente, apresenta-se o depoimento das professoras entrevistadas, em forma de texto biográfico, em que cada uma das depoentes optou por registrar os recortes mais significativos, que por sua vez, ficaram registrados em suas memórias. Optou-se por apresentar um quadro de categorias, onde cada uma das entrevistadas, narra seu ponto de

vista sobre determinado assunto. Ressalta-se que na pesquisa optou-se por usar o verbo no impessoal em alguns momentos, mas em outros utilizou-se na primeira pessoa do singular, pois assim se fez necessário.

CAPÍTULO I

1.CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

1.1 CENÁRIO DA PESQUISA

Balneário Camboriú é considerada uma das cidades catarinenses com um rico potencial turístico e a primeira em qualidade de vida do estado, está localizada no litoral norte do estado de Santa Catarina. Balneário Camboriú foi chamada de Nossa Senhora do Bom Sucesso no século XIX (1890), ao tempo anterior de sua emancipação em 1964, como também de sua criação enquanto distrito pelos primeiros habitantes que aqui chegaram. Encontra-se localizada na microregião de base teuto-brasileira do vale do Itajaí – Camboriú, distante 90 Km de Florianópolis. O município tem como limites a cidade de Itajaí ao norte, ao Sul com Itapema, ao Oeste com Camboriú e ao Leste com o Oceano Atlântico .

O primeiro colonizador, foi Baltazar Pinto Corrêa e família, aproximadamente em 1758, ocupou as terras ao norte do município. Estas terras foram cedidas através das sesmarias, recebeu a posse de três lotes, e em 1836 chega Tomas Francisco Garcia com a família e escravos, que acabaram ocupando a região sul do rio (Rio Pequeno), conhecida como Arraial dos Garcia, conforme Rebelo (1997).

O nome da cidade recebeu muitas versões no que diz respeito a sua origem . Porém a versão mais aceita seria original da palavra Cambriassu, de origem tupi-guarani, como comunica Correa (1985) que significa Rio do Robalo Grande, por ter sido o rio, habitat desta espécie de peixe. No ano de 1849, o Arraial de Camboriú (Barra) é elevado à Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso, através da Lei Provincial número 292, isso ocorreu por intermédio da construção da Capela de Santo Amaro. Já em 1859, o povoado passou a fazer parte do Município de Itajaí, pela Resolução número 464, que elevava Itajaí a categoria de Vila, separando-a de Porto Belo. A história de Balneário Camboriú está guardada na memória dos mais idosos da cidade, através das lembranças. São lembranças da praia, dos pescadores, da escola, do respeito a Bandeira, dos turistas, das conquistas e do desenvolvimento da cidade.

De acordo com escritores e depoimentos de moradores antigos do município o primeiro professor da cidade foi Laureano Pacheco, que veio em 1850 de Ribeirão da Ilha, bairro de Florianópolis. Segundo Rebelo (1997, p.179) “O professor Laureano Pacheco, inicialmente, lecionava como professor particular e depois como professor público”.

Somente em 1886, quando terminou a obra da Capela de Santo Amaro, é que começou a surgir o desejo de emancipação como município. Com o aumento da população e o desenvolvimento da agricultura, o então Presidente da Província Dr. Francisco Luiz da Gama Rosa, desmembra Nossa Senhora do Bom Sucesso de Itajaí. Isso ocorre através da Lei 1.076 de 05 de abril de 1884, criando o Município de Camboriú, com território de 1.200 Km², instalado Município em 15 de janeiro de 1889, e tendo como sede a Barra (início do povoamento). Em 1890, por determinação do governador do estado, Lauro Severino Muller, a sede municipal é transferida para o Arraial dos Garcia.

Camboriú foi considerado o berço da República Catarinense, pois foi o primeiro a ter fundado o “Clube do Partido Republicano”, em maio de 1887. Com a transferência da sede do município da Barra para o Garcia, o bairrismo já latente se intensificava, criando-se, assim o Distrito da Barra, em agosto de 1894, suprimido pelo Conselheiro José Antônio Chaves, através do projeto lei em 23 de janeiro de 1900. E em 1959 foi criado um novo Distrito, chamado Praia de Camboriú, onde começou a ser visitado freqüentemente por pessoas de outros municípios, gerando no local um pequeno povoamento. A partir de 1926, as primeiras casas de teuto-brasileiros começaram a despontar entre as poucas casas de pescadores.

Na área da Educação, em 1908, a comunidade dos alemães recebia como professor particular o João Cesário Pereira. Mas por concessão da municipalidade, algum tempo depois, através da Lei no. 81, este professor passou a receber uma subvenção de 15.000 réis por mês, passando a ser funcionário público, na qualidade de professor. A escolarização dos moradores de Balneário Camboriú, começou mesmo no ano de 1909¹.

Encontra-se registrado na obra de Rebelo (1997) a nota de que alguns documentos da Câmara de Vereadores, afirmam que no dia 1º de abril de 1916, Benjamim cria a Escola

¹ Nota esta publicada pelo Jornal “O Pharol”, Ano VI, no. 261, de 16 de julho, publica a notícia de criação de uma escola no Canto da Praia por Beijamim Vieira. A criação desta escola foi tratada na sessão do Conselho Municipal, de 1º de setembro de 1909, cuja resolução determinava o salário do professor, no valor de 20.000 réis, e sendo nomeado como professor o Bernardino d’Almeida Rodrigues (conhecido como Bernardino Paru).

Mista Municipal do Canto da Praia e o seu primeiro professor foi Joaquim de Lima Magalhães, com um salário de 15.000 réis por mês. O escritor comenta que talvez esta escola datada de 1909 trata-se de uma escola masculina. A escola do professor Joaquim ficava instalada na casa do Brasilino Cardoso, casa construída com estuque pintado, assemelhando alvenaria, com portas e janelas grandes, localizada próximo ao Hospital Santa Inês. Depois a escola foi transferida para a Casa do Mingote Serafim (Domingos José Cabral).

Para esta escola foi nomeada como professora estadual Dona Amélia Cabral, lecionava assim na escola Canto da Praia, isso foi no Governo de Hercílio Luz. Na mesma escola lecionou também a filha caçula de Mingote Serafim, nascida em 1911 e recebeu o nome de Amélia Cabral, mas conhecida como Nina, sua saída da escola marca a transferência da mesma para a casa de Francisco Claudino da Silva, localizada após a Igreja São Sebastião, no sentido Sul. A escola sofre mais uma mudança de endereço, indo para a casa de dona Rosinha, no conhecido morro da Rosinha, onde uma das professoras foi dona Doralice Feijó, que depois de contrair um sério problema nas articulações nervosas da mão, dizem as más línguas que foi praga de uma aluna, precisou se afastar do ofício. Esta professora foi substituída por Joana Vieira, data do ocorrido em 1939, a substituição durou três meses.

Do morro da Rosinha a escola foi para onde hoje é a atual na rua 951, na casa de seu Maroca (Amaro Rodrigues), e enfim após esse troca-troca de endereços a escola sofre sua última mudança indo para onde hoje podemos localizar o Colégio Estadual Laureano Pacheco, inaugurando sua nova sede no ano de 1968. Já a escola de madeira que ficava localizada próximo onde é hoje a loja Casas D'água foi usada até o que foi permitido, pois já se encontrava comprometida pelo tempo de uso datado de 1968.

Em visita a Professora Joana Vieira, descobriu-se uma correspondência que a mesma recebeu em agosto de 1994, de seu ex-aluno Evaldo Benthien Filho, trazendo uma Saudação à bandeira que ele declamaria no ano de 1955, em uma Homenagem na Escola Reunida Laureano Pacheco. Conta ela que a homenagem não aconteceu, porém jamais esqueceu estas palavras:

Saudação À Bandeira

Salve, salve Bandeira divina,
De emblema, de glória e de luz,
Que adorar o Brasil nos ensina,
A grandeza de um povo traduz.
Invencível pendão sacrossanto,
Dos combates mais bárbaros e atroz
Animando teu vulto e teu manto,
Que se estendem a sorrir sobre nós.
Brasileiros de raça bravos,
Do passado guardando altivez,
Não seremos batidos escravos,
Não teremos a luta e a (esqueceu a palavra)
Honra eterna ao soldado que corra,
Em defesa do amado Brasil,
Segurando o cantil canta e morra,
Abraçando a Bandeira e o fuzil!

Em seu depoimento a professora Joana Vieira, professora efetiva do quadro funcional, diz que parte dos alunos foram para as novas dependências, onde hoje é o Colégio Laureano Pacheco e os alunos excedentes ocuparam a casa de Marciano Silva, na Rua Noruega , em Balneário Camboriú.

De acordo com o Anuário de Itajaí de 1924, “funcionam na Sede da Vila as Escolas Reunidas, instaladas em sete de setembro de 1922. Dirigida pelo Professor Marcílio S. Thiago, estão matriculados no primeiro ano 66 alunos, no segundo ano 42 alunos e no terceiro ano 37 alunos. Comenta ainda a existência de mais nove escolas isoladas, sendo que uma delas seria a escola Alemã (hoje Bairro Vila Real), uma na Barra e uma outra no Canto da Praia, tendo como professoras regentes Clotilde Ramos, Elegantina Braga e Roza Cabral”.

No ano de 1937 assume a Escola de Taquaras a professora Dolores Pereira Rodrigues, a segunda professora desta localidade. Comenta a professora Dolores que sua ida para a Praia de Taquaras ocorreu pelo afastamento da professora que ali exercia a docência, isso devido a má conduta desta professora, problemas morais de ordem pessoal, fizeram com que a comunidade pedisse a troca de professora. Quando estudava na 3ª. Série do Ensino Fundamental a professora Dolores Pereira Rodrigues, recorda que em seu Livro de Leitura (Editora Séries Fontes – 1929) trazia a Oração do Professor que dizia assim:

Jesus educador da humanidade que disseste:

“ Deixai que os pequeninos comigo venham ter”.

Ensina-me a formar os paladinos da justiça,
da paz e da bondade.

Ensina-me a ensinar a bem viver.

Com palavras, exemplos e carinhos dá que,
conduz ao porto desejado, as alminhas em flor.

Cada coração por mim tocado tenha
o perfume bom dos romalinhos, onde despeje seu divino amor.

Que eu nunca seja pedra de tropeço, que eu nunca
escandalize uma criança, que eu saiba respeitar seu coração.

Dai-me essa força poderosa e mansa.

Esse dom de educar que não tem preço: saber, ternura, esforço e inspiração. Tenho dito!

A professora Dolores hoje está com 86 anos, gozando de plena saúde mental e demonstrando ter muito para ensinar. Relatou que em 1945 lecionou na escola dos alemães na Vila Real em substituição temporária a professora regente Clotilde Ramos.

Ao longo da década de 60, o distrito da Praia de Camboriú, tornou-se o pólo turístico mais importante de Santa Catarina, aumentando a receita do município, e elegendo três vereadores em 1961, sendo eles: Aldo Novaes, Urbano Mafra Vieira e José Linhares, dessa forma aumentou significativamente o desejo de emancipação. Foi então através da Lei número 960, de 08 de abril de 1964, que é criado o Município de Balneário

Camboriú, sendo instalado oficialmente no dia 20 de julho de 1964, recebendo como prefeito Ewaldo Scheffer.

A primeira eleição foi em 03 de outubro de 1965, quando eleito Higino João Pio. A partir daí, a cidade começa a enfrentar todos os problemas de um município. Porém, continua crescendo e se desenvolvendo com esforço do povo e auxílio dos gestores públicos. Nem sempre a memória de uma cidade está nos livros, nem mesmo a história informal que, muitas vezes, e especialmente no caso de Balneário Camboriú, ainda está na memória dos nativos da cidade, dos nossos velhos, que guardam com seriedade incomum cenas e vivências que não voltarão a acontecer, mas que ajudaram a compor uma história de dedicação e amor.

1.2 Fragmentos de minha memória educativa

Nesta perspectiva o registro ou relato das lembranças constituem o que realmente foi ou é significativo em nossas vidas. Como esta pesquisa se baseia na metodologia de “relatos de vida”, escrevo alguns fragmentos que ficaram registrados em minha memória, acontecimentos que foram significativos na minha caminhada. O desejo de saber e compreender como aconteceu e o porquê das ações pedagógicas é que me impulsionaram a esta pesquisa. Sou a primeira filha de um casal de nativos do município de Balneário Camboriú, que iniciaram sua história de amor num período conturbado da história política e econômica brasileira. Vivia-se em Balneário Camboriú um momento de crescimento populacional, os turistas começaram a visitar nossa cidade em 1926, chegavam em busca de deliciosos banhos de mar e piqueniques nos finais de semana. Mas já no período de 1959 temos o Distrito, neste contexto as pessoas lutam pela iluminação elétrica, os turistas agora chegam em maior número e alguns deles procurando instalar residências fixas.

No Brasil, na década de 1970, assume a Presidência da República o general Médici, que governou os anos mais terríveis da ditadura. Foram cometidas torturas e assassinatos de seus opositores, artistas, líderes de movimentos sociais e intelectuais, foram obrigados a ir para o exílio. Os movimentos estudantis, especialmente nas universidades foram combatidos a força e caíram na clandestinidade, assim como partidos políticos de esquerda.

Medidas educacionais foram tomadas para garantir sustentação política aos militares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a 5.692, surgiu neste contexto, em 1971. Nessa época o Ministro da Educação era Jarbas Passarinho. A reforma tecnicista, implementada neste período, resgatava as teorias positivistas, valorizando a ciência como uma forma de conhecimento objetivo. O ensino caracterizava-se pela busca da mudança de comportamento do aluno mediante treinamento, a fim de desenvolver suas habilidades. O valor estava na quantidade e não na qualidade, para realizarem a avaliação usavam testes e exercícios sem nenhuma exigência de raciocínio, sem despertar no aluno o espírito crítico, limitando-se quase sempre a transmitir conhecimento.

Nasci em 29 de novembro 1973, no ano seguinte o governo Geisel assume a presidência do país (1974 -1979), cidade berço de meu nascimento foi Itajaí, cidade pertencente ao estado de Santa Catarina, na região Sul.

Nesta mesma época entre 1971 a 1975, o engenheiro Colombo Machado Salles governava Santa Catarina. Seu governo fundamentou-se no Projeto Catarinense de Desenvolvimento, depois transformado em Ação Catarinense de Desenvolvimento. A estratégia do projeto era a dinamização dos centros urbanos já relativamente desenvolvidos, que concentrassem parcelas de renda e estas permitissem um reimpulsionamento econômico com repercussões sociais.

Nos anos de 1975 até 1979 o estado tem um outro governante Antônio Carlos Konder Reis. Na administração de Konder Reis, algumas obras e serviços como a construção de rodovias federais tiveram o apoio do governo federal, através do presidente Geisel. O lema do governo de Konder Reis era “Governar é encurtar distâncias”. O lema referia-se a encurtar distâncias sociais e econômicas e a prioridade no plano de governo era a construção de estradas. E é nesse contexto que iniciei minha trajetória educativa, mas precisamente final de 1970 e início de 1980. Quando então, conheci a Escola “Professora Maria Terezinha Garcia”. Era uma escola pública estadual, era pequena, tinha seis salas de aula, uma cozinha, a secretaria da escola, onde funcionava a sala dos professores e o gabinete da direção. Quando cheguei na escola me senti importante, afinal ia aprender a ler e escrever, tinha sete anos, fui aluna da Professora Maria Benedita de Borba, nome que nunca esqueci. Era uma professora amável, seu ensino era orientado pelo método silábico.

As lições partiam de palavras chave selecionadas e organizadas em função das suas características fonéticas. As sílabas deviam ser memorizadas e remontadas para formar outras palavras. Nesse contexto lembro de um episódio hilário, era um dia de aula normal como os de costume, a professora tinha resolvido fazer um ditado de frases. Antes de iniciar o ditado mudou alguns alunos de lugar, lembro que fiquei sentada no mesmo lugar, mas ao meu lado sentava-se um menino que sempre se atrasava nas atividades. Todos os alunos inclusive eu, sabíamos que ele tinha dificuldades, pois ele era repetente, era o mais velho da turma, tinha nove anos. Mas voltando ao assunto do ditado, a professora ditou a frase e disse vírgula, em seguida continuou o ditado. Depois na hora da correção descobrimos que ao invés de usar o sinal de pontuação ele escreveu literalmente o nome vírgula. Recordo-me que rimos muito, ele foi chamado a atenção, mas não sei até hoje se aprendeu a lição, esse aluno não chegou a concluir seus estudos.

Enquanto isso, nosso país assistia a alguns movimentos sindicais e de organizações estudantis, que ganharam força, a partir da década de 80. As greves dos metalúrgicos paralisaram as indústrias da cidade da garoa, paraíso para aqueles que sonhavam com riquezas, sim, está se falando da grande São Paulo e se não bastasse logo os bancários acabaram acompanhando a greve.

A crise do milagre econômico foi o estopim desses movimentos, a luta contra a carestia balançou os alicerces da ditadura. Paralelamente, surgiram grupos ligados às questões específicas: mulheres, povos indígenas, negros e homossexuais. E nessa conturbada década também não deixei de lutar. Antes que completasse oito anos, meu pai resolveu separar-se de minha mãe. E agora a família sofre com débitos afetivos e econômicos. Aos oito anos assumi parte da casa, e comecei a cuidar de minhas irmãs que se chamam Heloísa naquela época com sete anos e Emiliane com apenas dois aninhos. Os anos eram difíceis, minha mãe precisava trabalhar, para manter a alimentação, o vestuário e nossos estudos. Recordo-me que minha mãe no início de todo ano letivo, se deslocava de ônibus até a cidade de Itajaí, num departamento de venda de materiais do MEC, para comprar materiais escolares, com preço mais em conta. Ela comprava todo nosso material e a pasta (mochila) era do Positivo. Os cadernos eram todos encapados e etiquetados por ela. Era um material simples, mas que minha mãe o transformava, em algo tão importante,

quanto bonito. Era tão caprichado que eu só pensava em dar o melhor de mim, pretendendo alegrar seu coração, deixá-la feliz com minha dedicação aos estudos.

Desde o final da década de 1970, multiplicaram-se as iniciativas de políticas educacionais voltadas para as crianças e jovens das camadas populares. Todavia a exclusão social, a miséria e os bolsões de pobreza também cresceram. O crescimento continuava favorecendo as elites econômicas. Na esteira dos movimentos populares e intelectuais de esquerda, influenciados pelo pensamento marxista, continuava ocorrendo, ainda no final da ditadura militar e no período de transição democrática, uma produção teórico-pedagógica que recebeu várias denominações, como “pedagogia crítico-social dos conteúdos, pedagogia dialética, ou ainda pedagogia histórico-crítica”, entre outros.

Minha família vivia em Balneário Camboriú na década de 1980, tempo este marcado também por grandes conquistas. Em 1988, foi promulgada a Constituição Federal e a sociedade civil se organizou na luta pelas eleições já. A partir de meados da década de 1980, os movimentos sociais incluíram parcelas mais amplas da sociedade. Surgiram os movimentos ecológicos, que transcendiam a divisão política entre a direita e esquerda e, também, o movimento em defesa dos direitos do consumidor. Ambos resultariam na criação de novas leis, como o código do consumidor, e no fortalecimento do ministério público como instrumento da sociedade civil para fazer valer suas reivindicações. Nos anos seguintes a epidemia da Aids mobilizou uma rede internacional de artistas, dando origem a um movimento que contabilizou vitórias na obtenção de medicação gratuitas, também, na realização de campanhas de prevenção e combate ao preconceito.

Completei o Ensino Fundamental em uma escola pública estadual, a mesma escola que iniciei o primário, porém naquela época a escola era menor e era municipal. Mas eu já havia crescido, e junto comigo a escola passou a atender uma clientela maior e outras modalidades de ensino. Recebeu o nome de Colégio Estadual Professora Maria Teresinha Garcia. Nessa época eu já tinha quatorze anos de idade. A pedido de minha mãe, já no Ensino Médio, resolvi cursar o magistério no ano de 1989. Este ano foi marcado pela primeira eleição direta para presidente desde Jânio.

O novo presidente eleito pela população brasileira foi Fernando Collor de Melo, o conhecido “caçador de marajás”. Recordo-me que a Rede Globo, realizava uma entrevista nos dias das eleições e pergunta à algumas pessoas: Por que votar em Fernando Collor? Uma

senhora empolgada com a vitória de seu candidato falou: -Eu votei pra ele porque ele é lindo! Eu tinha nessa época dezesseis anos e me lembro que achei um absurdo. Esse fato foi tão marcante em minha vida que após quase 16 anos não esqueci. Mas algum tempo depois, o então presidente eleito por grande parte da população brasileira, sofre o processo de impeachment, seus próprios eleitores queriam agora a sua saída da presidência.

Após o impeachment assume a presidência da República Brasileira Itamar Franco até as próximas eleições. Em 1991, casei no mês de maio e no mês de novembro me formei professora do ensino fundamental, na Escola Municipal Armando César Ghislandi, localizada no bairro Vila Real, na cidade de Balneário Camboriú. A educação no município já estava sendo marcada pela preocupação em desenvolver nos alunos procedimentos de pesquisa no espaço escolar e atitudes intelectuais de desmistificação das ideologias, da sociedade de consumo e dos meios de comunicação de massa.

Me interessei pela carreira docente e resolvi cursar pedagogia, prestei vestibular em janeiro de 1992 e em março do mesmo ano comecei mais uma trajetória estudantil, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Em 1992 comecei a lecionar nas séries iniciais, era uma escola municipal, pequena, com uma comunidade carinhosa e com alunos dedicados, ficava localizada na cidade de Camboriú, no bairro Barranco. Eu moro na Barra, um dos bairros de Balneário Camboriú, mais precisamente no pontal sul da cidade, até procurei uma escola perto de casa, mas certa ocasião quando fui até uma escola localizada a duas quadras de minha residência, a secretária e a orientadora me responderam: “Até temos a necessidade de uma professora, mas você não tem experiência, então não serve”. Meu início de carreira, como o de muitas profissionais não foi fácil, até conseguir uma vaga para lecionar. Me locomovia para trabalhar de bicicleta, percorria aproximadamente quatro quilômetros até a escola, mas a alegria de ingressar na educação era tanta, que não me cansava fácil. Procurei aplicar o que estudava na faculdade nas aulas que ministrava.

Algumas vezes me senti frustrada, outras iludida, entretanto continuei minha docência e meus estudos, com a idéia fixa de que o que talvez me faltasse, conseguiria alcançar na formação. Conclui a faculdade de Pedagogia em 1995, nessa época já era mãe e iniciava meu trabalho docente no município de Balneário Camboriú, como professora de Educação Infantil.

A metodologia de trabalho era por meio de projetos de pesquisa, com as crianças, procurando envolvê-las em estudos do seu cotidiano. Enquanto isso, no âmbito político nacional, o presidente Fernando Henrique Cardoso acaba de assumir em 1994. A população brasileira canaliza todas as suas expectativas em um governo limpo, democrático e de mudança. Mas são tempos neoliberais, com privatizações, abertura comercial e dependência do capital especulativo. Modifica-se a Constituição Federal em benefício do próprio Fernando Henrique Cardoso que conquista o direito de se reeleger mantendo-se no poder, durante oito anos (1994-2002).

Portanto a história continua, em 1998 conclui meu primeiro curso de pós-graduação, em Currículo e Metodologia das Séries Iniciais e Educação Infantil, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Nessa época estava lecionando a disciplina de Didática e Sociologia da Educação para turmas de magistério, no Colégio Presidente João Goulart, no centro de Balneário Camboriú. Neste mesmo período o Governo Federal lança os Parâmetros Curriculares Nacionais das Séries Iniciais (1997) e o Referencial de Educação Infantil no ano de 1998, já os Parâmetros Curriculares de 5^a. a 8^a. série são lançados apenas em 2001. Estes documentos até hoje me servem como auxílio na execução do trabalho docente, buscando a qualidade do ensino e da aprendizagem.

No ano de 2000 iniciei minha carreira como supervisora escolar em uma escola municipal chamada Alfredo Domingos da Silva em Balneário Camboriú, permanecendo até 2003. Durante este período participamos da elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola, bem como da Proposta Curricular das Séries Iniciais e de Língua Portuguesa de 5^a. a 8^a. série. Confesso que durante este período na rede municipal de ensino todos os professores envolvidos inclusive eu, tivemos um crescimento intelectual e profissional imensurável. Eram realizados encontros praticamente todos os bimestres, sentamos com grupos de profissionais de diferentes escolas, para estudos teóricos, trocas de experiências e realização do respectivo registro teórico, visando a construção da proposta.

Em 2004, a convite da Diretora Pedagógica da Secretaria de Educação fui trabalhar no Departamento Pedagógico da secretaria, na função de coordenadora das séries iniciais, prestando assessoria pedagógica aos especialistas das unidades escolares. Foram meses de trabalho que enriqueceram ainda mais minha trajetória profissional. Grandes conquistas foram efetivas neste período, conseguimos realizar junto com os demais assessores um

concurso literário com o tema “Professor Escritor”, a Feira Pedagógica, um momento de trocas de experiências, palestras, oficinas, e ressalta-se que o compromisso da equipe foi tão especial que patrocinadores para o evento foi o que não faltaram. Em termos gerais, o município teve um bom crescimento, foi inaugurada a escola modelo de Balneário Camboriú, com uma estrutura fabulosa, os professores participaram de cursos de formação continuada, enfim durante este período como já dito, meu crescimento profissional me proporcionou conhecer melhor o sistema municipal de ensino e suas entrelinhas.

Atualmente trabalho na Fundação Cultural de Balneário Camboriú, desenvolvendo o projeto, já aprovado, “Memorial do Professor”, fui uma das responsáveis por sua execução, salienta-se que este projeto é um dos frutos desta pesquisa. Apresentei nos parágrafos anteriores alguns fragmentos de minha trajetória educativa, visando contextualizar o interesse pelo tema desta pesquisa.

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Identidade e Memória

As diferentes construções identitárias nascem em contextos sociais específicos e precisam ser pensadas em uma perspectiva relacional, ou seja, como resultantes das relações sociais que ocorrem no cotidiano dos atores sociais, e não como propriedades intrínsecas compostas por uma essência imutável.

Melucci (2002), sociólogo italiano, e Dubar (1997), são autores fundamentais para a compreensão do conceito de identidade como um sistema de relações e de representações, numa perspectiva de multiplicidade, desta forma é possível falar de muitas identidades em uma só, pessoal, familiar e social, dependendo do sistema de relações ao qual nos referimos e do qual vem nosso relacionamento. Para Dubar (1997, p.105)

A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem instituições.

Neste sentido, é possível dizer que ocorre um processo de negociação entre memória e identidade, ambas são fenômenos que necessitam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Percebe-se que durante este processo de negociação, é possível o confronto entre memória individual e a memória dos outros, demonstrando que a memória e a identidade são valores que frequentemente são disputados em conflitos que opõem grupos políticos diversos.

Nesta perspectiva, a identidade é construída a partir da relação como o outro, entende-se que ela se constrói dialeticamente na interação social. As considerações de Dubar (1997) indicam de maneira significativa para nossa pesquisa pressupostos que são indispensáveis, tratando-se dos processos identitários, classificando-os em biográfico

(identidade de si) e a relação e comunicação que se estabelece entre o eu /outro (identidade para o outro). Assim a perspectiva deste estudo é resgatar a memória como uma representação, uma recriação, uma interpretação própria que o sujeito faz de si e do mundo que vive. As memórias são vistas como marcas e simbolização de um determinado tempo.

O desenvolvimento desta pesquisa levou-me inevitavelmente à busca da compreensão do conceito de memória. Percebeu-se nas leituras que conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo tema de estudos e cientistas há séculos. Porém este conceito vem sofrendo modificações, pois em cada época procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, que caracterizavam o momento histórico vivido. Segundo Freitas (2002, p. 53),

Na antiguidade Clássica, os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemósine. Essa deusa lembra aos homens os heróis e os altos feitos e também preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem que quando possuído pela memória é transportado por ela ao coração dos acontecimentos antigos, tornando-se assim, um adivinho do passado.

Para os antigos gregos, a memória era sobrenatural, um dom a ser exercido. A deusa Mnemósine, mãe das musas, protetora das artes e da história, possibilitava aos poetas lembrar do passado e transmiti-los aos viventes. A memória e a imaginação têm a mesma origem, pois inventar e lembrar apresentam ligações profundas. Nessa época o registro era algo que contribuía para o enfraquecimento da memória, ao ser transferido para fora do corpo do sujeito. O gregos desenvolveram muitas técnicas para preservar a lembrança, as recordações sem lançar mão do registro. Cabe salientar que o sujeito que possuísse este dom tinha reservado uma missão socialmente diferenciada. O poeta resgata a reminiscência do que é importante do esquecimento, uma espécie de memória viva do seu grupo.

A identidade estabelece, no tempo, quais são os limites de um grupo em relação ao seu ambiente natural e social, regulando o pertencimento dos indivíduos, definindo os requisitos para fazer parte do grupo, os critérios para reconhecer-se e para serem reconhecidos como membros. Na sociedade contemporânea, assiste-se à produção e a transformação de identidades que são motivadas pelas condições de um mundo em

mudança e, reciprocamente, pelas mudanças ocorridas nas múltiplas formas identitárias de natureza cultural, religiosa, étnica, profissional e ecológica. Como sugere Stuart (2000, p. 108), “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Essas transformações se dão ao longo do tempo de vida de cada indivíduo, constituindo uma singularidade que se identifica e se diferencia em relação a si mesmo em diferentes momentos, assim como se aproxima e se distancia de outros indivíduos em momentos diferentes ou iguais. A memória se modifica e se rearticula conforme a posição que ocupo e as relações que estabeleço nos diferentes grupos de que participo. A memória também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a crítica, enfim está inserida num fluxo de sentimentos. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Comenta Baptista (2002, p.39) que “ A memória da própria história é condição para a apreensão desse elemento de igualdade da própria identidade, que constitui o eixo da biografia pessoal”.

Neste sentido o eu se configura a partir das relações sociais que permitem a cada um observar papéis, assumi-los e obter a confirmação do seu exercício através de outros indivíduos significativos. Por um lado, as vivências destes papéis que vão acontecendo ao longo da vida, necessitam ser permanentemente relembradas para constituírem o elemento que dá continuidade ao eixo das biografias individuais. A possibilidade de constituição deste eu de forma mais ou menos autônoma, ocorre na medida em que a vivência simultânea dos papéis permite que sejam exercidos de forma diferente dos modelos, estando, portanto, na questão da originalidade da vivência a possibilidade de transformações.

Este aspecto da identidade que se aplica aos indivíduos, e conseqüentemente recebe a denominação de identidade individual, por si só já considera as questões históricas como parte de sua constituição. Segundo Stuart (2000, p.109) “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais histórico [...]”.

Por isso, a identidade é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em determinado espaço geográfico, entre indivíduos e/ ou grupos que

organizam sua vida cotidiana em torno de atividades semelhantes, tendo como base um conjunto de valores compartilhados. Esses grupos podem ser a família, grupos profissionais, grupos que tem atividades de lazer semelhantes etc. É esta identidade coletiva que dá sentido de continuidade aos indivíduos, que adotam papéis, normas e valores válidos para todos os componentes do grupo, o que reafirma constantemente, através da memória, a trajetória objetiva e subjetiva, tão comentada por Dubar.

As relações entre indivíduos de grupos iguais tendem a facilitar a continuidade das vivências, assim como afirmações e questionamentos, as vivências desconexas ou diferenciadas tendem a introduzir as transformações. A memória está sempre presente nessas possibilidades tanto de afirmação quanto de transformação. Assim, a identidade se refere a uma totalidade em permanente transformação, fruto de processos que envolvem aspectos biológicos, simbólicos e sociais. Envolvem indivíduos, grupos, contextos sócio – econômicos e culturais em permanente interação dialética.

É na interação dialética que percebemos um dos elementos mais importantes, do caráter social da memória, a linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Comenta Ecléa Bosi (1999) que a linguagem é o instrumento socializador da memória, ela reduz, também unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural, as diferentes vivências. É nas histórias de vida que cada indivíduo, têm registrado os sonhos, as lembranças e as experiências mais recentes. No relato da professora Salete encontramos memórias da primeira escola do Bairro da Barra em Balneário Camboriú:

Nossa escola era pequena, ficava na beiradinha do rio. Às vezes quando dava muita chuva, os pilares quase caíam. Tinha duas salas de aula e uma varandinha. A professora Amélia trabalhava na sala que ficava do lado direito e eu na sala da esquerda. A professora Beth fazia os cartazes, ela era bem prendada para fazer essas coisas. A gente se dava muito bem, ali vivemos momentos felizes.

Os relatos de vida retratam em si experiências repletas de afetos, momentos alegres e também momentos que foram um tanto tristes, que ficaram registrados nas memórias das entrevistadas. Assim compreende-se que na formação das memórias se estabelece um diálogo pessoal interno, no sentido de recordar e encaminhar o processo. Desta maneira a

memória é construída pelo próximo sujeito que é também ou foi o autor do que foi vivenciado. Segundo Halbwachs (1990, p.29)

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, a qual podemos sempre apelar, é a nós mesmos.

Nas palavras da professora Dolores ficam explícitas as marcas registradas na memória:

Lembro de uma trovinha grande. “Bandeira, linda bandeira, que da terra brasileira tu fostes a primeira. Bandeira da minha terra, bandeira do meu civismo. Bandeira do meu Brasil, do meu Brasil querido”. Esta era uma, daí têm mais trovinhas, uma outra vou falar: “Salve a bandeira do meu Brasil querido, toda tecida de esperança e luz palio sagrado sobre o coração palpita, alma bendita do país da cruz”. Aquilo era um orgulho, que quando eu falo me dá até uma emoção. Eu sinto emoção, porque eu não posso falar nada da vida escolar. Eu sinto por quem estuda, eu sinto por quem já trabalhou, como eu. Pra mim é uma alegria, é um entusiasmo tão grande ver jovens querendo ser futuras professoras.

As lembranças, portanto permanecem coletivas e vivas. O indivíduo carrega consigo a lembrança do que viveu, das coisas que foram significativas para ele. Observa-se nos depoimentos um conjunto de lembranças que se apóiam não somente sobre as lembranças individuais mas coletivas. A memória é sempre uma construção realizada no presente a partir das vivências e experiências ocorridas no passado.

2.2 História de vida e formação docente

Ser professor implica em uma constante reflexão sobre nós mesmos e nossas práticas, significa falar de formação continuada, essa que nos aperfeiçoa em termos de conhecimento e que qualifica nossas competências, é estar conhecendo-se a todo instante, em diversas relações. Como diz Josso (2004, p.16) “o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da

sua compreensão crítica”. Equivale a nos tornarmos docentes como eu pensante e sensível, uma construção pessoal, onde cada um faz a sua história profissional, caminhada teórica, com experiências e com olhares diferentes.

Em termos de formação docente, esse dualismo tem tido reflexos nos seguintes aspectos: primeiro, na distinção entre o eu pessoal e o eu profissional do professor. Talvez esta distinção possa ser abandonada, pois não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais de cada pessoa. A forma como cada pessoa vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite.

Em segundo lugar, podemos abandonar o vocabulário dualista criado na educação sobre saberes práticos e saberes teóricos. Essa distinção é outra forma de separar crenças e desejos das ações humanas, ou, cartesianamente, separar pensamentos de atitudes. O resultado disso é a compreensão, e portanto a ação, de que alguns pensam para que outros façam, isto é, alguns mandam, outros obedecem. Concorda-se com Nóvoa (1995) de que os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc. “Devemos ter claro que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”. (Nóvoa, 1995a, p.32).

Tardif (2002,p.232) diz que, “a subjetividade dos professores não se limita apenas a cognição ou a representações mentais, mas engloba toda história de vida, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais”.

Nesta perspectiva o trabalho docente é determinado pelas diferentes experiências pessoais e profissionais, ou seja, são representações cognitivas, dimensões afetivas, normativas e existenciais que compõem o fazer do professor. Em sala de aula o professor organiza sua prática a partir de suas experiências, valores, crenças, estas que estão enraizadas em sua história de vida e em sua experiência como professor.

O que se busca, é a reconceitualização de sujeito, considerando seriamente sua vida e seus projetos, suas crenças e atitudes, valores e ideais. E isso não pode ser diferente

para o professor. Tal concepção entende a importância da ação profissional do professor bem como sua ação como pessoa.

Neste processo de reconstrução das questões que implicam a formação docente, Nóvoa (1995, p.34) aponta alguns aspectos do processo "identitário" dos professores que podem servir de referência para a revisão do sentido de formação para o professor: adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores; ação, na escolha das melhores maneiras de agir, jogam-se decisões do profissional e do pessoal; autoconsciência, porque em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria ação.

Para Dubar (1997, p.118), a construção de uma identidade profissional e, portanto, social, envolve processos complementares: um processo biográfico – temporal - e um processo relacional - espacial. O primeiro acontece ao longo do tempo e a partir das categorias oferecidas pelas instituições sucessivas – família, escola, mercado de trabalho, empresa – consideradas acessíveis e valorizantes. Já o processo relacional diz respeito ao “reconhecimento, num dado momento e no seio de um espaço determinado de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostas e expressas pelos indivíduos nos sistemas de ação.” Neste sentido como é que cada um se tornou o professor que é hoje? Nóvoa (1995) afirma que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a maneira de ser com a maneira de ensinar e que desvendam na maneira de ensinar a maneira de ser.

Segundo Josso (2004, p.72), num dos itens de sua obra, “histórias de vida e formação” “a reflexão sobre a vida é centrada nas experiências que consideramos significativas, para compreendermos o que nos tornamos, hoje, e de que forma chegamos a pensar o que pensamos de nós mesmos, dos outros, do nosso meio humano e natural”.

De acordo com a autora, são estas recordações de nossas experiências de vida que foram significativas, tanto positivas quanto negativas, que acabam se tornando nosso referencial prático que se une ao nosso referencial teórico e que por sua vez nos constitui enquanto profissionais docentes e pessoas.

Arroyo (2000) afirma que poucas profissões se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal como a de professor. O professor não apenas exerce a função docente, ele é

docente. Ser professor faz parte de sua vida e, sem conseguir separar os tempos de escola dos outros tempos, carrega angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola.

Neste sentido Moita (1992, p.115) apresenta a identidade profissional dos educadores e professores como uma montagem compósita, cuja construção tem uma dimensão espaço-temporal, isto é, atravessa a vida profissional e envolve os diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola. “É uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações quer ao nível do trabalho concreto.”

Josso (2004) afirma que ir ao encontro de si, visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. Sugere a autora que a questão da escolha, do tempo, das experiências, é um processo de conhecimento de si mesmo, que tem início quando refletimos sobre o caminho biográfico por nós trilhados. Esse exercício de reflexão favorece a atualização dos nossos conhecimentos e práticas, na verdade sugere mudanças. Caminhar para si, apresenta-se como um projeto a ser construído no decorrer de nossas vidas profissional e pessoal, e a atualização consciente de nossas ações, tem seu lugar de destaque, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco e com o outro em ambientes que são sociais.

Desta maneira, a abordagem de relatos de vida pode não apenas provocar um conhecimento da nossa existencialidade como docentes e do nosso saber-viver como recursos de um projeto de si auto-orientado, mas nos convoca a percebermos o sujeito em formação que deve reconhecer-se como tal, para assumir a nossa parte de responsabilidade no processo de ensino e aprendizagem.

2.3 Griôs¹ docentes

A reconstituição do passado tanto coletivo como individual em se tratando das trajetórias identitárias, torna-se um recurso indispensável para a apreensão da identidade

¹ Griôs é a denominação recebida por grupos sociais, que na África em certas regiões onde a escrita não era usada, assumiam a tarefa de preservar a memória do povo, transmitindo oralmente sua história.

histórica. O modo de pensar e o fazer pedagógico, os saberes produzidos, são questões que, nos estimulam a pesquisar a história dos professoras alfabetizadores na rede municipal de ensino. Partindo do pressuposto da memória como instrumento de construção e reconstrução da identidade, utilizando técnicas de relatos de vida docente, colheu-se lembranças de professores que já não são mais ativas no ensino.

Diante deste pressuposto investigar a questão da memória é fundamental para entender como se deu a constituição da identidade dos professores. O conjunto dos depoimentos revela segredos do ofício de ensinar e compõe um mosaico que tende a ajudar a mapear as trajetórias identitárias. Nesta passagem é expressivo o que diz Ramos (2004, p. 35) “Nesta constituição de fatos velhos, neste esmiuçamento , exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje a impressão de realidade”

As lembranças de nossos professores se colocam nessa constante entre o passado e presente, ou seja, entre o já vivido. E é justamente neste processo que conseguimos observar a constituição da identidade docente. O entender como se constitui a identidade docente, se dá por intermédio da história oral, dos relatos de vida de professores aposentados. Foram a partir das lembranças, fatos vividos que constituíram o passado destes alfabetizadores, que compôs-se o tecido de suturação dentro de um contexto histórico-social . Estes professores são oriundos de diferentes cidades catarinenses, que chegaram na cidade de Balneário Camboriú, ajudando a tecer a trajetória da Educação no município.

Nas sete narrativas apresentadas há uma semelhança admirável, no que diz respeito a construção da prática pedagógica, bem como nos modos de pensar e de viver. Revelando estes relatos de vida das professoras, esta pesquisa procurou, a partir da singularidade de uma práxis individual, compreender como se deu a prática coletiva. Os diferentes sentidos que dão as suas práticas, constata-se que lecionar para elas era um ato que dava prazer, uma das entrevistadas Glória menciona que: “Ser professora é uma coisa boa porque a gente ensinava os alunos com prazer, as crianças eram muito obedientes, não é como eles são hoje, e os pais também cooperavam. Nós gostávamos demais de lecionar”.

Os depoimentos de vida docente apontam situações parecidas, mesmo que vividas individualmente, o percurso na formação do professor, as dificuldades de iniciar a carreira do magistério, o prazer de ensinar, o processo de ensino- aprendizagem, o reconhecimento da comunidade, bem como a autonomia aprovada pela família na educação dos filhos, ser professora era um presente para a família quase uma honra. Para Marlene Demonti, professora já aposentada que já foi diretora e secretária de unidade escolar, conta o que era ser professora naquela época: “Ser professora era alguém muito especial, todo mundo respeitava. Lembro-me que ser professora era quase como uma autoridade”.

Conforme Linhares (2000,pg.13)

A exigência de elaboração de um memorial traz consigo a oportunidade de revisitar um passado que paradoxalmente, se faz novo, apesar de duplamente provado: tanto como experiência coletiva, quanto como vivência pessoal.

Nesta perspectiva a entrevistada Salete evidencia que,

Naquela época para ministrar as aulas, nós fazíamos muito material caseiro. Por exemplo, para conhecer as dezenas, as unidades, a gente pegava sabugo de milho, cortava, fazia rodelinhas. Fazia dez de cada cor. Ou usávamos tampinha de garrafa. Nós pintávamos de verde, vermelho, azul, para variar as dezenas. Aí pendurava num cordão. Ali a criança aprendia a somar, fazer subtração. Nosso material didático concreto era confeccionado pelo próprio professor.

As questões que acabam por serem rotineiras, muitas vezes, ganhavam um significado diferente justamente quando se recebia na escola a visita do inspetor escolar. Segundo Amélia durante a visita do Inspetor Escolar, muitas vezes, as crianças ficavam desconfortáveis, mas ela relata que:

O inspetor chegava bem cedo. Uma vez ele chegou e eu nem vi, estava dando aula. Então ele me disse: Bom dia professora! E logo começou a perguntar para os alunos, quantos estavam matriculados?, quantos estavam vindo?, sobre o Hino Nacional, matemática e assim era. Depois ele fazia o relatório, se era bom a professora continuava e se não as vezes ele ensinava o que a gente precisava melhorar. Naquela época não era fácil.

De uma maneira geral, a análise das transcrições estão possibilitando inúmeras reflexões sobre o trabalho docente e o modo de pensar e viver do professor. Encontra-se elementos de comportamento, resistências, frustrações, realizações, determinantes pessoais/profissionais e ideológicas que refletem o fazer docente.

2.4 Revisão da literatura

O levantamento preliminar das fontes foi realizado em obras de referência, livros e pesquisa em banco de teses e dissertações. sobre o tema, foi interpretado e analisado um conjunto de dez pesquisas até o momento, sendo que destas três eram teses e sete eram dissertações, defendidas entre os anos de 2002 e 2004. Salienta-se que de acordo como os temas específicos de cada uma delas, resolveu-se comentar alguns recortes considerados necessários à esta pesquisa. Para facilitar a análise das pesquisas, dividimos elas em três conjuntos: Identidade, memória, professores alfabetizadores e histórias de vida.

Analisando o primeiro grupo que contempla três estudos das autoras Ana Maria Bastos Loureiro (2003), Sônia Maria de Castro Nogueira Lopes (2004) e Beatriz Scoz (2003), evidenciou-se que as pesquisas traçam a trajetória de vida das professoras da educação básica, suas histórias de vida, as relações e práticas sociais. As análises feitas incidem primeiramente sobre a história da educação e do currículo escolar. A tentativa de compreensão da identidade do professor foi investigada por intermédio de histórias de vida, pela construção de trajetórias que incluem a memória, numa visão retrospectiva das experiências que o sujeito vive em diferentes espaços, tempos e grupos.

Ainda a cerca destes estudos, as pesquisas enfatizam que, apesar dos contextos sociais, históricos e culturais em que a profissão docente tem desenvolvido, valoriza em particular o papel do Estado e da formação, bem como as questões de gênero que lhe são implícitas.

O próximo conjunto analisado constitui de três investigações realizadas pelas pesquisadoras Teresa Sarmiento (2002), Máisa dos Reis Quaresma (2004) e Amanda Oliveira Rabelo (2004), que apresentam além dos enfoques anteriores, a relevância da memória institucional, revelam os limites da obra desenvolvida pelos pioneiros do

movimento da Escola Nova, desmontada pela ação da política educacional autoritária, durante o período do Estado Novo. As histórias de vida das professoras normalistas também é investigada, pretendendo detectar o motivo das escolhas da profissão docente e a feminização da profissão.

Um terceiro conjunto de quatro estudos analisados apresenta o resgate das histórias de vida e de aprendizagens dos professores, ressaltam questões sobre as crenças e valores, as possíveis modalidades de ensino e de aprendizagem, como também os livros estudados pelas professoras em sua formação. Estas pesquisas foram realizadas pelas professoras pesquisadoras Maria Salete de Miranda (2005), Giana Lange do Amaral (2004), Dinéia Hypolitto (2004) e Cleusa Maria Sobral Dias (1998).

Diante disto, nossa pesquisa surge com a preocupação de contribuir com a história da educação, que está inserida na evolução do espaço-temporal da formação e atuação da docência na cidade de Balneário Camboriú. Trabalhar com relatos de vida, fez-se necessário alguns recortes sobre a história da educação no Brasil, como também em Santa Catarina. Nessa evolução espaço-temporal da história da educação, observou-se a ausência sistemática de operacionalização das medidas oficiais e legais, o que parece ter contribuído para uma situação de descontinuidade, provocando efeitos de uma “história lenta”.

A revisão da literatura demonstrou que, no Brasil, as pesquisas são incipientes. Um dos trabalhos pioneiros em torno da questão foi a pesquisa sociológica “velhos mestres das novas escolas”, desenvolvida no CERU (Centro de Estudos Rurais Urbanos). Trata-se de um estudo das memórias da Primeira República em São Paulo, pesquisado por Zélia Demartini (1988). O objetivo deste estudo, era o de abordar os problemas educacionais em áreas rurais de São Paulo, durante a Primeira República, numa perspectiva histórico – sociológica.

Ecléa Bosi (1993) , no seu notável trabalho “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, também indicou que, na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas re-fazer, reconstruir e re-elaborar as experiências do passado e que nesse labor de recuperar a memória de uma vida “fica o que significou”.

Um outra fonte literária importante em nossa pesquisa foi a investigação realizada por Tereza Cristina Rego (2003), tese de doutorado intitulada, “Lembranças da escola: o papel da escolarização na constituição de singularidades”, defendida pela autora na

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Se reconhece na pesquisa que a escolarização é essencial para a estruturação das singularidades, aponta também a existência de uma crise na educação brasileira, a precariedade da escola pública, bem como o frágil papel da escola, na construção da democracia nos dias atuais. Busca nas narrativas pessoais indícios para delinear algumas das funções do sistema escolar desempenhadas em diferentes contextos.

Amândia Maria de Borba (2001) também contribuiu em sua obra “Identidade em Construção: Investigando professoras na prática da avaliação escolar”, com base na dinâmica das interações biográficas e relacionais dos professores com seus pares e alunos, em situações avaliativas, buscou descobrir possibilidades e resistências na formação de sua identidade.

Uma outra fonte consultada foi a obra “Desenrolando o Carretel: Vida de professora”, resultado de uma pesquisa de mestrado Maria Rosa Heleno Schulte, do ano de 1996. A pesquisadora faz uma retrospectiva de sua trajetória de vida pessoal e docente. A memória dos fatos, das pessoas, e todo o imaginário que circundou uma época, em que tanto foi escolhendo quanto foi se constituindo professora.

Os estudos de Nerli Nonato R. Mori (1998), acerca da “Memória e Identidade: travessia de velhos professores”, resgata o modo de pensar e fazer do professor primário das escolas públicas, que foi investigado através da metodologia de histórias de vida. A autora trabalha com o pressuposto da memória como instrumento de construção e reconstrução da identidade, pesquisa essa que se assemelha a esta, se diferenciando em relação ao contexto e os sujeitos investigados.

No ano de 2003 com o tema “Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade”, foram pesquisadas as práticas discursivas de professores atuantes em séries iniciais do Ensino Fundamental. Esta pesquisa foi realizada pela professora Alda Junqueira Marin, busca o significado social da função docente e as escolhas pela profissão, bem como a formação e os seus sentidos no dia-a-dia da escola.

Desse modo, algumas pesquisas sobre os temas acima foram realizadas, ao longo dos últimos anos, constituem significativas reflexões sobre as histórias de vida docente, a formação do professor, o itinerário das práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar.

Diante de todas as fontes consultadas, consegue-se observar que muitas delas se cruzam entre si e até mesmo atravessam nossa pesquisa de maneira oportuna e significativa. Porém o mais interessante é que por mais que estas pesquisas tragam em si semelhanças, elas por si próprias se distinguem, pois são sujeitos, espaços e tempos diferentes, e conseqüentemente, caminhadas e experiências que contém a sua particularidade, as suas memórias, enfim as suas histórias.

Na trajetória desta investigação, impôs-se a idéia de um percurso, indubitavelmente sempre inconcluso, no qual o sentimento constante é de estar faltando algo, uma resposta, um sinal ou uma melhor pista que caracterize o esforço em descobrir o presente por intermédio do passado.

CAPÍTULO III

3.METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Método de História Oral

A História Oral começou a ser utilizada na década de quarenta, após a Segunda Guerra Mundial. Esse desenvolvimento ocorreu por intermédio da combinação dos avanços tecnológicos, entre eles o gravador e à necessidade de se conhecer as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra, através dos relatos orais. Para Joutard (2001), a primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos nos anos 50, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tem-se ainda como característica privilegiar as ciências políticas e se ocupar da história dos que ele denomina de “notáveis”. Na Itália, a pesquisa oral foi utilizada para reconstituir a cultura popular, e no México os arquivos orais registravam as memórias e recordações dos chefes da revolução mexicana, sendo estes considerados por Joutard (2001), como a segunda geração dos historiadores orais.

Esta segunda geração foi marcada por uma nova concepção da oralidade, se reportando aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados entre outros. É uma história vista como alternativa a todas as construções historiográficas baseadas no escrito. Desenvolveu-se à margem da Academia, baseando-se implicitamente na idéia de que se chega à “verdade do povo” graças ao “testemunho oral” (Joutard, 2001, p.201).

No Brasil a História Oral teve suas primeiras experiências a partir da década de setenta, quando a Fundação Ford em parceria com a Fundação Getúlio Vargas promoveu um encontro com especialistas em biblioteca e documentação. A idéia era articular um grupo que “pudesse criar uma infra-estrutura de documentação para a pesquisa na área de Ciências Sociais” (Ferreira, 1996, p. 11).

Cabe pontuar que a história oral no Brasil, assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latino-

americana da européia ou norte-americana. Segundo Freitas (2002, p. 31), “uma das primeiras experiências com História Oral no Brasil ocorreu no Museu da Imagem e do Som – MIS/SP (1971), que tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira”.

A história oral só foi se desenvolver plenamente com o fim do regime militar, o que ocorreu no final da década de oitenta. Isso não implica em dizer que a história oral não tenha dado seus primeiros passos ainda na vigência do regime militar. Houve avanços tímidos, porém significativos, principalmente, quando o Centro de Pesquisa Contemporânea do Brasil (CPDOC) ligado a Fundação Getúlio Vargas elegeu os dirigentes nacionais da década de 30 para serem entrevistados. Na obra de Albert (2004, p.11), encontra-se o registro desta experiência:

As surpreendentes histórias que delas ouvíamos eram em sua maioria ignoradas do grande público e dos especialistas, e nos pareciam de extrema relevância para melhor compreender o nosso país. Naquele momento, que se iniciava um processo de abertura política, estes contatos criaram um estímulo a mais para compreendermos o nosso passado recente, ainda envolto em brumas, e o tumultuado curso de nossa história contemporânea.

Essa metodologia de pesquisa abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, realiza um resgate de vozes que não se fariam ouvir. A história oral nos trás a possibilidade de termos o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinada questão. Sua peculiaridade decorre de toda uma postura com relação a história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória.

Segundo Queiroz (1983, apud FREITAS, 2002, p.46),

As histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas.

De acordo com a autora a relevância dos depoimentos não são apenas registros de histórias de vidas, mas são informações que muitas vezes não localizamos em livros ou documentos históricos. É o que nos afirma Penna (2005, p.36)

O trabalho com fontes orais seria inovador primeiro por seus objetos, pois recusando apenas a visão das tradicionais fontes escritas, daria visibilidade àqueles que de uma forma ou de outra, não obtiveram dos pesquisadores o privilégio de serem reconhecidos como testemunhos da história. Os “dominados”, os excluídos”, a “gente comum”, que viveu experiências, lidando com impasses e polemicas anonimadamente, sem direito a memória e ao reconhecimento, morrendo completamente, física e historicamente.

Nesta perspectiva, as memórias expressas nessas narrativas podem ser entendidas como uma somatória de experiências individuais, possíveis de serem utilizadas como fontes históricas. Por intermédio deste resgate da memória se reconstrói o passado. Na reconstrução do passado, a realização de depoimentos pessoais permite-nos captar, a partir das reminiscências, ou seja, das recordações, das lembranças, o que as pessoas vivenciaram e experimentaram.

É interessante comentar um aspecto importante acerca da memória, é sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não seja condição para a sua preservação. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importantes referências na memória dos indivíduos, pois quando são empreendidas mudanças nesses lugares, acarretam mudanças importantes na vida e na maneira dos grupos.

3.2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa de natureza qualitativa, se constituiu por intermédio do método de história oral, com a técnica de relatos orais e de depoimento. A metodologia de história oral vem sendo cada vez mais utilizada, refere-se a relatos de experiências vivenciadas por um sujeito individual, podendo corresponder a determinados fatos, acontecimentos ou

momentos que, para ele, são ou foram significativos e que acabaram por constituir-se em experiência vivida, a qual pode ser lembrada e atualizada. Os relatos das sete professoras alfabetizadoras da cidade de Balneário Camboriú, representam um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de cada uma das docentes aposentadas, possibilitando o registro da história da educação sob a lente do professor alfabetizador.

A memória e, portanto, os relatos de vida não devem ser vistos como versão única da história, elas representam, como outras fontes históricas, pistas do passado. As narrativas constituem o passado, como a realidade, elas são a representação que as pessoas têm do passado, fazem parte das diferentes experiências vividas em um fluxo constante de sentimentos. De acordo com Freitas (2002), a seletividade e o esquecimento estão presentes no processo da memória. Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que “incomodam” são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. Percebe-se, então, a importância do sentimento de pertencimento, apresentado nos depoimentos das professoras pesquisadas. Desta forma, chama a atenção Penna (2005, p.63), quando afirma que “a reconstrução histórica pelo estímulo a memória, com frequência é vista como contribuição para o aguçamento da consciência dos sujeitos históricos de pertencimento a determinado grupo”.

Nesta perspectiva, nossa pesquisa não vem apresentar o relato oral como verdade absoluta, ou ainda como a única versão do passado, mas sim queremos registrar por intermédio dos relatos, pistas que somadas a outras pistas materiais, após verificadas e avaliadas, poderão chegar a uma interpretação aproximada do que tenha ocorrido no passado.

Desta maneira, alguns critérios foram determinantes para a realização desta pesquisa. Era preciso professores que fossem aposentados, pelo tempo de trabalho já dedicado a comunidade escolar, relatariam possivelmente, como teria sido o início da educação em nossa cidade. Outro critério fundamental foi que estes professores tivessem lecionado em escolas localizadas no município, que apresentassem também experiência nas

séries iniciais, bem como depoimentos de profissionais com experiência em cargos de chefia ou coordenação, estes aspectos foram fundamentais na composição de diferentes olhares.

Foram entrevistadas oito professoras, dessas, foi eliminada uma por não atender totalmente aos critérios estabelecidos. As entrevistas seguiram as orientações apresentadas na obra de Verena Alberti (1989), “Manual de História Oral”. Nosso primeiro contato com as depoentes foi por telefone, o momento da entrevista se deu na residência de cada uma delas.

Foram quatro meses de entrevistas, perfazendo uma média de dois encontros com cada uma das depoentes. Para concretização das entrevistas foi elaborado um roteiro com trinta questões abertas e dialógicas. No geral, trabalhou-se dezoito horas na coleta dos relatos orais das professoras pesquisadas, e a transcrição destes depoimentos rendeu uma média de trinta e seis horas de trabalho. Salienta-se que as dezoito horas são referentes apenas ao uso do gravador, mas geralmente quando se chegava na residência das pesquisadas, realizava-se uma breve conversa de mais ou menos trinta à quarenta e cinco minutos, provocando nelas a recordação de um fato marcante em suas vidas, bem como a descontração para a fase seguinte, a gravação do depoimento. Destaca-se que o contato com as depoentes rendeu uma média de quarenta horas.

As memórias e o material colhido no diário de campo foram transcritos na íntegra e editados. A edição de cada relato consistiu em manter apenas a narrativa do entrevistado e em correções necessárias à transformação de uma história oral em texto escrito. Percebendo a importância da linguagem do entrevistado, preferiu-se seguir a afirmação de Penna (2005, p.158), “O material transcrito mantendo a linguagem do entrevistado possibilita um pequeno acesso ao indivíduo e seu meio”.

No sentido básico do termo memória é a presença do passado, mas equivale dizer que é uma representação seletiva do passado, um passado que não se refere apenas a um indivíduo, mas um indivíduo que está inserido na família, na escola e na sociedade.

No campo das formulações teóricas, é importante destacar Maurice Halbwachs (1990), para ele a memória é um fenômeno social, uma vez que o indivíduo que lembra é uma pessoa inserida e habitada por grupos de referência. A memória é sempre constituída pelo grupo, mas é ao mesmo tempo um trabalho do sujeito, ou melhor individual. A

lembrança de um acontecimento ou fato é um processo coletivo e está sempre inserido num contexto social.

Segundo Halbwachs (1990, p.30),

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

De acordo com este autor não há uma memória puramente individual, uma vez que as lembranças das pessoas são construídas sempre a partir da sua relação de pertença a um dado grupo social. Assim, a memória individual pode ser considerada como aquela que resulta da convergência de várias influências sociais e como uma forma particular de convergência das mesmas. Destaca ainda, que não é apenas a seletividade da memória, mas o processo de negociação para conciliar a memória coletiva e a memória individual.

Nesta perspectiva as memórias não podem ser descartadas por sua subjetividade, uma vez que também constituem uma representação do passado enriquecida pelas emoções que a acompanham. As memórias relatadas pelas entrevistadas, foram escritas e editadas, após oferecidas a cada professor entrevistado, por intermédio da pesquisadora, onde para isso realizou-se um novo encontro, que possibilitou a leitura e a aprovação do escrito para futura publicação. No período de contato com os professores, ocorreram revelações pessoais, que as pesquisadas relataram, estas informações não estão registradas na investigação, pelo simples fato de serem confidências. Neste sentido contou-se ainda com um instrumento fundamental, a filmadora para o registro de expressões e gestos que nem sempre são possíveis de serem lembrados no momento das análises dos relatos. Um outro instrumento considerado importante, que contribui significativamente para a pesquisa foi a utilização do diário de campo.

Durante a pesquisa recolheu-se muitos materiais, documentos e fotografias que foram reproduzidos e os originais devolvidos aos seus proprietários. Todo material recolhido passou por uma leitura rigorosa, após esta atividade foi realizado uma análise

essencialmente qualitativa, em seguida procurou-se contextualizar com pressupostos teóricos que indicam a memória como instrumento de reconstrução da identidade do professor alfabetizador da cidade de Balneário Camboriú.

Nesse processo foi efetuado um trabalho de análise dos relatos de vida da seguinte maneira: depois que todas as histórias estavam transcritas realizou-se uma leitura criteriosa, detectando algumas categorias e relacionas com o referencial teórico pesquisado. Em seguida, procurou-se organizar quadros com estas categorias sistematizadas. As categorias apresentadas em cada um dos relatos de vida, foram analisadas e comparadas entre si, em busca de pontos referenciais que estruturassem as memórias, outro aspecto importante foram os pontos em comum encontrados a partir deste exercício.

Em decorrência da complexidade da questão e da dificuldade de acesso a documentos que retratassem o percurso da história da educação no município, esta pesquisa contou com poucos vestígios documentais localizados no Arquivo Histórico do município e pode-se afirmar que a principal fonte de referência foram as histórias vivas, ou melhor, as professoras alfabetizadoras aposentadas localizadas e entrevistadas.

3.3 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa “Marcas da Memória traduzidas na Identidade Docente: relatos de vida de professoras alfabetizadoras”, teve como sujeitos investigados nove professoras alfabetizadoras aposentadas, da cidade de Balneário Camboriú. Estas que compuseram esta amostra foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: professores aposentados, professores com idade mínima de 60 anos, professores que exerceram a docência a maior parte de sua vida em escolas públicas de Ensino Fundamental (alfabetizadores, diretores e especialistas) e professores que trabalharam em escolas situadas na cidade de Balneário Camboriú.

A escolha destas professoras foi resultado de uma pesquisa exploratória nos poucos documentos históricos, consultados no Arquivo Histórico do município, em livros que tratam da história da cidade de Balneário Camboriú e Camboriú, como também por

intermédio de informações de ex-alunos, pais de ex-alunos e pessoas comuns da comunidade balneocamboriuense.

Esta busca foi demorada e complexa, durante este percurso dificuldades como a falta de documentos históricos que registrassem a história da educação no município foram entraves em nossa caminhada, e isso nos despertou para que nossa pesquisa tivesse um rumo diferenciado, o caminho das histórias vivas. Talvez isso não tenham me decepcionado, ao contrário, incentivou-me em prosseguir, pois agora minha responsabilidade aumentaria, seria a chance de termos algo documentado sobre o início da educação no município . Neste sentido, utilizo as palavras de Fazenda (1989, p.18)

Ao levantar a bibliografia sobre o tema , encontrei uma quantidade enorme de títulos referentes à situação política e econômica do Brasil na época, mas pouco se falava sobre Educação. O material existente, além de escasso, nem sempre estava completo, pois não há interesse em preservar os documentos sobre Educação no Brasil. Ao final de cada gestão, estes são queimados, e começa-se tudo da estaca zero – isto constitui uma dificuldade imensa ao pesquisador e aos educadores de maneira geral.

A idéia que serviu de base para subsidiar a escolha desses critérios foi a de tentar circunscrever um possível ideário escolar mais ou menos comum entre os sujeitos investigados. Suas memórias podem apresentar um mapeamento dos possíveis traços semelhantes. O foco de análise voltou-se ao modo particular de cada indivíduo lidar com as inúmeras e complexas influências e interações vivenciadas no decorrer de suas trajetórias docentes, especialmente de sua escolarização, os diferentes tempos e espaços vividos, os valores e as crenças, os sofrimentos enfrentados na profissão docente. De acordo com Montenegro (2003, p.25)

Os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referencia histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados.

Nesta perspectiva, nota-se a importância do trabalho com relatos de vida, dos professores alfabetizadores aposentados. Percebe-se sua relevância para outras pessoas,

pesquisadores, outros professores, que almejem compreender, mesmo que superficialmente como era o cotidiano escolar e a vida do profissional da educação nesta época.

Nas oito histórias de vida pesquisadas, uma delas não atendeu aos critérios estabelecidos, sendo inutilizada para a pesquisa. Observou-se que os sete professores têm em seus percursos um fazer-se professor e, ao mesmo tempo, um fazer a escola. Nas narrativas existe uma composição por semelhança: todos os professores apontam, ainda que de modo diferente, rotas semelhantes na construção de suas práticas pedagógicas, bem como semelhanças e aproximações no modo de viver e pensar a vida. Ressalta-se, que alguns elementos se assemelham, tais como: o percurso na formação do professor, o esforço e as dificuldades encontradas no início da profissão, a dedicação quase que exclusiva para a escola, os bons costumes para fazer da escola um reduto moral, os constrangimentos com a visita do inspetor escolar, a construção de materiais didáticos, o culto à Bandeira e ao Hino Nacional .

CAPITULO IV

4. EIXOS NORTEADORES PARA ANÁLISE

4.1 Memórias da vida docente – escolha da profissão

Nesta parte da pesquisa, procurou-se discutir a questão da memória e sua relação com as práticas e os saberes das professoras alfabetizadoras da cidade de Balneário Camboriú. Neste sentido, trabalhar com os relatos de histórias de vida dos professores implica em resgatar a memória das experiências ocorridas no contexto da escola, o que destas experiências ficou para sua identidade docente.

O resgate da memória esclarece não somente o que foi dito, mas também o que foi vivido e como ocorreu este processo de identificação docente. Trata-se, portanto, de examinar como as professoras articulam os diversos aspectos relativos à experiência em sala de aula, descrita em seus relatos, de forma que identifique o espaço atribuído em suas memórias. A intenção é reconstruir as suas trajetórias, suas frustrações, sucessos, as dificuldades encontradas, as tentativas de superação, suas alegrias, enfim questões vistas por elas após a aposentadoria.

Segundo Passos (2003, p.100), “lembrar-se, trazer a memória, significa a possibilidade de análise do passado, de atualização do mesmo no presente e de indicações importantes para ações futuras”. Nesta perspectiva, quando recorda-se algum acontecimento, lembranças de algo já vivido no passado, utiliza-se a memória não somente para resgatar as experiências vividas, mas também como um instrumento de organização do tempo e espaço em que vivemos e o nosso fazer. Assim Passos (2003 p.103) menciona, ainda, o fato de que “A memória é reorganizadora de ações e espaços, e se realiza a partir da afetividade, pois os sujeitos se lembram bem, em geral, do que os marcou, seja positiva, ou negativamente”.

As lembranças dos professores pesquisados sugere revelar uma tensão entre passado e o presente. Pode-se dizer que em constante movimento, cada um reconstrói a sua identidade e vai transformando-a, por meio do contexto histórico sócio- cultural em que está vivendo.

Registra-se que a compreensão sobre a identidade dos professores aposentados ocorreu no convívio com eles, no ouvir de suas memórias, na análise de suas lembranças, no pensar como eles ocuparam seu período de docência. Nos sete relatos de vida, percebe-se momentos de contradição, mas também de muita cumplicidade, apesar de diferenças econômicas e culturais relevantes apresentadas por cada uma delas.

Nas sete narrativas das professoras, consegue-se observar inúmeros elementos que se assemelham: a falta de diferentes opções profissionais, as dificuldades iniciais na carreira, o prazer de ensinar, o orgulho de se sentir importante na comunidade, o cuidado com os valores morais, a construção de material didático, entre outros, encontra-se também uma prática disciplinadora, precisando em algumas das experiências docentes práticas um tanto quanto rígidas, algumas só com conversas conseguiam resolver as situações problemas.

Na década de 1930, o país viveu uma grande transformação na educação, as mulheres são as escolhidas para o exercício do magistério. Nesta época, se pensava que as mulheres seriam mais bem preparadas do que os homens, por se conceber a educação como uma extensão do lar. Ser mulher era apresentar características de meiga, dócil, paciente, o ato de ensinar prescrevia um dom natural, qualidades atribuídas à maternidade, figura de professora – mãe. Segundo Jesus (2003, p. 24),

O 'ser professora' não aparece nas vidas das professoras de forma naturalizada. Desmistificar o discurso de que para ser professora é preciso nascer com um 'dom', 'ter vocação' é um importante ponto de partida para percebermos o quão complexa é esta profissão, os caminhos que envolvem a opção inicial ou não pelo magistério e a identificação com a profissão.

Estes caminhos para se chegar ao exercício da docência seguem trajetórias que nem sempre são confortantes, escolhidos entre tantas outras opções. Escolhas acompanhadas por diversas questões, a idéia religiosa de se fazer algo para o bem comum, a falta de outras oportunidades, o compromisso e a idéia de que a educação é o caminho de transformação social. Nesta perspectiva, a professora Marlene Demonti, relata que o magistério seria sua segunda opção. A primeira era ser secretária, mas seu pai dizia o tempo todo, minha filha as secretárias são mulheres sem moral na sociedade, sempre têm aquelas que acabam tendo um caso com os patrões. O melhor mesmo é você ser professora como sua mãe. E ressalta ela que por admiração à mãe, acabou seguindo a profissão de docente.

Uma situação parecida foi vivida por Amélia, que acabou se tornando professora após ter substituído sua irmã Darci nas séries iniciais. Recorda Amélia uma situação vivida quando o inspetor chegou em sua sala de aula quando substituíra sua irmã:

Eram oito horas da manhã quando cheguei na escola e fui varrer a sala de aula. Estava varrendo a sala de aula, quando atrás de mim chegou o inspetor. Chegou pedindo os cadernos dos alunos, daí eu dei. Ele viu estava tudo direitinho. Ele gostou muito do trabalho meu e então quando faltou professora eu comecei a trabalhar.

Nas lacunas das falas podemos perceber a falta de opção para a mulher no campo do trabalho, o sacrifício e o preconceito existentes na sociedade daquela época. Entrelaçando o passado com o presente, os caminhos trilhados até então, disponibiliza a reflexão de que hoje, ainda, muitos profissionais da educação acabam seguindo carreira por falta de opção, por pensar ter um dom e precisar desenvolvê-lo. No relato de Marlene Buratto outra professora entrevistada, encontra-se como foi a escolha da profissão.

Quando eu estava na 4ª série do ginásio, aconteceu uma coisa interessante, havia falta de professores. Minha irmã mais velha já era professora da 1ª série. Então não tinha professor disponível, como minha irmã era professora, nesta mesma escola, a diretora dona Solange Ramos disse: Terezinha, traga sua irmã, porque já está em setembro, nós ajudamos ela a concluir este ano. Assim, eu me tornei professora aos catorze anos. Depois voltei para o Colégio Maria Auxiliadora, para fazer o curso normal.

A professora descreve como foi sua entrada no magistério, aconteceu por influência de sua irmã mais velha, bem como por falta de profissionais na época. Nas trajetórias de formação docente das professoras, a aprendizagem do trabalho passou por uma escolarização, que proporcionou o acesso aos conhecimentos teóricos e técnicos que unidos a prática e aos exemplos de seus professores e de colegas de profissão, possibilitaram o preparo necessário ou possível ao exercício da profissão de docente.

4.2 Diferentes caminhos: professor sua formação e dedicação

Depois que se tornaram professoras algumas das depoentes acabaram permanecendo apenas com o curso normal, que na época habilitava para o exercício do magistério. Outras seguiram carreiras diferentes, além de fazerem os cursos oferecidos pela Secretaria de

Educação do Estado, que eram obrigatórios, cursaram faculdade e algumas assumiram funções diferentes como: de diretora e secretária de escola. A professora Orieta foi a primeira diretora do Colégio João Goulart, recorda ela: “Naquela época o professor era alguém respeitado. Lembro que quando chegava uma autoridade no município, o prefeito mandava me chamar, para que eu fosse recepcionar esta pessoa”.

Ao longo de sua trajetória de vida profissional e pessoal, o professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores e experiências, os quais estruturam sua identidade docente, que vai sofrendo transformações nas relações estabelecidas com o ambiente familiar, profissional e social. Conforme Tardif (2002, p.72) “Nessa perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorriam em grande parte de preocupações do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar”.

Os relatos de vida coletados mencionam que as experiências realizadas antes da preparação para o exercício do magistério, conduzem a compreender o sentido de suas escolhas pela profissão, como também influenciaram suas práticas pedagógicas. Em se tratando do trabalho desenvolvido pelos professores em suas salas de aula, estes revelam que a aprendizagem dos alunos dependia não somente do compromisso do professor, mas em grande parte do interesse dos alunos. O programa de ensino vinha da Secretaria de Educação do Estado, descobre-se na voz da professora Marlene Demonti estas informações:

O programa vinha pronto, as disciplinas ensinadas eram, matemática, português, estudos sociais e ciências. A aplicação do programa era assim, por exemplo: matemática, tinha que ter divisão, adição, multiplicação, subtração, problemas, fração, equação. O aluno tinha que aprender aquilo ali, porque no final do ano tinha uma outra pessoa que vinha aplicar a prova do exame. Isso era pra ver se os alunos tinham aprendido e se nós professores tínhamos cumprido o programa.

Todavia, não era apenas o programa de ensino que era entregue pronto para ser cumprido tal e qual o determinado. O professor também era alguém controlado. Em algumas narrativas isso aparece claramente. Já algumas professoras negam que ocorresse perseguição política, mas em todas as narrativas encontra-se falas que remetem a interpretação de que realmente o controle do estado sobre o profissional da educação

acontecia. A relação dos professores com os políticos, é semelhante em todos os relatos. Os políticos nomeavam os professores e determinavam, conforme as vagas e os pedidos da população, os lugares onde cada um iria trabalhar. Têm-se algumas ressalvas, pois alguns professores eram concursados. Mesmo no caso de professores concursados ocorria à transferência de escolas, quando da mudança de governantes de partido contrário ao do professor. Isso fica explícito em quase todos os depoimentos, como o da professora Marlene Demonti,

O professor sempre foi indicado politicamente. Existia muita política naquela época, a professora era removida para longe mesmo, se o partido perdesse. Nós não podíamos fazer política. Eu conheci professores que foram muito maltratados por políticos.

Um dos casos retrata muito bem o controle do governo sobre o professor em termos políticos. Porém, foi solicitado na pesquisa que não divulgássemos os nomes. Conta uma das professoras que “em uma das eleições para governo do estado, seu esposo apoiou o candidato do partido contrário ao de sua família”. Naquela época sua irmã lecionava em uma escola de nossa cidade. A família não gostou muito da idéia, mas o que ela ia fazer, o esposo tinha seu partido e a ele era fiel. O dia de votação chegou e para sua surpresa o candidato apoiado pelo seu pai e familiares perdeu as eleições, depois de algum tempo após o vencedor tomar posse sua irmã foi retirada do cargo que ocupava como professora. A família ficou na expectativa para saber quem seria a professora indicada para ocupar a função. Quando chegou a portaria nomeando a professora a surpresa tornou-se em tragédia familiar, a professora substituta era a irmã daquela que tinha saído. Até os dias de hoje o fato é lembrado pelos familiares, ficou uma situação constrangedora, a depoente afirma que não sabia que entraria justamente no lugar da irmã, mas enfim, são coisas que acontecem na vida.

4.3 Dedicção ao ensino: planejamento versus solidão e controle

Os resultados obtidos nesta pesquisa sublinham a importância dos relatos de vida dos professores, em particular sobre sua prática escolar, sobre o processo de ensino-

aprendizagem, que demonstra que o saber / ensinar, na medida em que exige conhecimentos da vida, saberes personalizados e competências, dependem da identidade docente. Identidades estas que têm suas origens na história de vida familiar e escolar dos professores alfabetizadores. No relato da professora Dolores, consegue-se perceber a intensidade da dedicação ao ensino:

Eu sempre gostei de ensinar, quando os meus alunos não conseguiam aprender, eu pegava na mãozinha deles e ia ajudando um por um até eles conseguirem. A gente começava primeiro pelas vogais, depois ia juntando as consoantes, depois as sílabas, assim a criança ia aprendendo.

Entretanto, observou-se que o fazer pedagógico, o planejamento das aulas, muitas vezes, era algo meio solitário, um dos motivos apresentados era a distância de uma escola para outra, outra seria a falta de tempo. Uma das escolas organizava seu tempo de maneira que as professoras pudessem conversar entre si, isso é registrado na voz da professora Salete que exercia a função de professora regente, que representava a professora responsável pela escola, atualmente podemos dizer que seria a diretora.

Em 1963, eu era a professora responsável pela Escola Isolada da Barra. Naquela época o planejamento a gente combinava nas salas de aula e cada uma fazia o seu. Depois uma mostrava para a outra, para ver se estava bom ou não. nós tirávamos uma hora de folga para fazer o planejamento. Às vezes o inspetor escolar olhava o caderninho da gente. Ele ía na escola, fazia perguntas para os alunos, pra ver se eles sabiam alguma coisa.

Um dos documentos localizados através da pesquisa, um ACTA do Conselho Escolar Familiar de Barra, que era regido pelo Decreto número 1882 de 7 de maio de 1925, decretava:

Art. 1.- Para auxiliar a fiscalização dos trabalhos escolares e incrementar o ensino das escolas publicas rurais, haverá nas localidades onde funcionarem as mesmas escolas um conselho Escolar Familiar, composto pelos membros eleitos pelos Paes, tutores ou responsáveis pelos alunos.

Este conselho tinha como atribuição fiscalizar a assiduidade do professor, a regularidade do funcionamento das aulas, visitar as escolas assistindo as aulas, enfim perfazia um total de oito atribuições, sendo estas as seguintes:

Art.2.- São atribuições do Conselho Escolar Familiar:

I- Verificar a assiduidade do professor, a regularidade do funcionamento das aulas e a exatidão da escripta dos livros escolares e das informações fornecidas pelo professor nos boletins mensaes.

II- Communicar ao Chefe Escolar do Município, ou ao Director da Instrucção, ou, nos municípios onde funcionam escolas subvencionadas pelo Governo Federal, ao inspector do mesmo Governo, qualquer irregularidade verificada de accordo com o numero anterior.

III- Corresponder-se com as mesmas autoridades sobre tudo o que interessar às escolas publicas da localidade.

IV- Visitar as escolas, assistindo 'as aulas.

V- Fazer parte das bancas examinadoras.

VI- Designar qual de seus membros deve visar os boletins de movimento mensal das escolas.

VII- Interessar-se junto 'as famílias pela boa matricula e freqüência escolar.

VIII- Promover todas as medidas que, sem contrariarem as leis escolares, contribuam para a melhoria da escola.

Nesta perspectiva trabalhar com fontes documentais, que contam a história de vida de certos atores, nos dão a possibilidade de compreender um pouco mais as informações sobre o itinerário, e as idéias propostas e vivenciadas na educação naquela época. É de fundamental importância que se tenha consciência do controle presente nos sistemas educacionais, os registros existentes nos livros de relatório confirmam de maneira clara esta presença. Neste sentido, Fávero e Britto (apud MIGNOT e CUNHA 2003, p.113), explicitam que:

Será oportuno observar que o trabalho com fontes documentais deve constituir, para o pesquisador, um diálogo permeado de questões e dúvidas, cujo resultado pretendido nem sempre se apóia em análises bem arrematadas. Embora se tenha como preocupação responder a necessidades e conhecer os fatos para apreender uma realidade histórica, esse conhecimento não pode ser entendido como um dado acabado.

Porém, o que se busca com tais informações é chegar o mais perto possível do real. Trabalhar com a memória registrada nos documentos não deixa de se constituir numa tentativa de aproximação do vivido, do real, bem como ajuda a entender os fatos e o contexto em que ocorreram.

4.4 Valores, crenças e a prática docente

Na memória das professoras pesquisadas, os valores são fundamentais no convívio com as demais pessoas. Fica claro nos depoimentos que valores morais, respeito aos mais velhos, fidelidade conjugal, temor a Deus, enfim muitos dos valores hoje socialmente um tanto quanto esquecidos, naquela época era regra que não existia exceção. As histórias revelam respeito aos políticos, as leis, a igreja, a família, às diferentes autoridades constituídas, inclusive ao inspetor escolar. Em outras palavras é possível, perceber, na fala das professoras, pistas que retratam os valores morais empregados no cotidiano da prática docente.

Nas lembranças da professora Dolores, hoje com 89 anos, ela nos declama a oração do professor publicada nas cartilhas da 3ª série, “uma das frases ditas na oração trata de que o professor jamais escandalize o coração de uma criança”. Nas entrelinhas desta oração, registrada no início de nossa pesquisa, reconhece-se o quanto era cobrado do professor uma postura ética e moral, sem permissões para deslizes. A professora Dolores, ainda, comenta que iniciou sua carreira docente na primeira escola de Taquaras. A primeira professora foi afastada do cargo a pedido dos pais daquela comunidade. Ressalta ela que a professora tinha cometido um deslize amoroso com um homem casado da comunidade, fato este que em 1937 era crucial. Esta professora foi transferida da escola e mais tarde foi afastada definitivamente do cargo. Dolores diz que a encontrou aproximadamente dois anos depois como enfermeira no Hospital Marieta K Bornhausen, na cidade de Itajaí.

A escola de Taquaras em que a professora Dolores lecionou era recém criada. Ela foi a segunda professora naquela instituição de ensino. A escola foi instalada praticamente sem nenhum planejamento, cabia a comunidade decidir algumas coisas na escola. Desta maneira, a primeira professora de Taquaras como contou Dolores saiu por motivos

personais, observou-se neste sentido os valores empregados pela sociedade sobre as questões morais. A transferência da professora ocorreu não por motivos profissionais, ou melhor, ela poderia até vir a ser uma excelente professora, mas moralmente falando para aquela comunidade, o exemplo que a professora daria aos alunos e para as demais mulheres seria um tanto prejudicial. Dolores ainda comentou que os políticos nomeavam os professores, conforme as vagas e os pedidos da população, e quando assumia a vaga o professor agia do seu jeito. Nesta perspectiva, Josso (2004, p.39) explicita que “As experiências, de que falamos, as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”.

Desta maneira, o professor é o sujeito ativo de sua prática. Ele organiza sua aula a partir de sua vivência, de sua história de vida, das suas crenças e valores e do que julga ser o melhor e o mais correto. No relato de Marlene Buratto, quando questionada sobre a metodologia da época comenta:

Não tínhamos os recursos que temos hoje, mas, por exemplo, nós fazíamos pra nossas crianças filminhos, que hoje nós pegamos e colocamos na televisão uma fita, mas nós fazíamos na cartolina, pegávamos uma caixa de papelão, uma manivela e fazíamos o filme. Usávamos os recursos e nossa imaginação, que hoje as pessoas não querem mais usar. Contávamos com palitos de fósforo, porque não tínhamos ábaco, pedrinhas e conchinhas as crianças recolhiam e nós trabalhávamos em sala de aula, assim elas aprendiam a fazer contas. Não jogávamos papel fora, pois eramos nós que comprávamos. Naquela época os cursos e as grades eram mais abrangentes, as pessoas com uma melhor formação, de sorte que saíam profissionais mais capacitados para enfrentar o mercado de trabalho.

Sob esta ótica Tardif (2002) salienta que as competências e os saberes que não são produzidos pelo professor são vistos como realidades subjetivas, ou seja, são construídas socialmente e também compartilhadas. A professora Marlene relata seu fazer pedagógico no dia-a-dia da escola. O esforço em construir instrumentos pedagógicos para enriquecer e facilitar o processo de aprendizagem dos alunos. E isso nos reporta a fala de Tardif (2002, p.234) quando elucida:

Em toda atividade profissional, é imprescindível levar em consideração os pontos de vista dos práticos, pois, são eles realmente o pólo ativo de seu próprio trabalho, e é a partir e através de suas próprias experiências, tanto pessoais quanto profissionais, que constroem seus saberes, assimilam novos conhecimentos e competências e desenvolvem novas práticas e estratégias de ação.

Nos oito relatos de vida, são retratados os valores norteados por um ideal de ser humano. O compromisso docente em formar um cidadão ideal para a sociedade, fazia com que os professores se esmerassem ao máximo, seguindo as exigências estabelecidas pela sociedade. Desta forma, conforme Arroyo (2000, p.81) pode-se dizer que

O que leva o docente a se dedicar e com eficiência a ensinar sua matéria? É a crença, o valor dado, a importância dada a essa aprendizagem, para um dado ideal de ser humano, para um projeto de sociedade. [...] Em nossa docência aflora nosso compromisso com o destino de seres humanos e da sociedade.

Essa dedicação comentada pelo autor traduz o que se encontrou nas narrativas das professoras aposentadas. Este era o compromisso docente, estar formando um cidadão ideal para uma sociedade que na percepção de algumas delas também seria a ideal, fazia com que se o esforço empregado valesse a pena.

4.5 A tão temida visita do inspetor escolar

Conforme os relatos das histórias docentes, os Inspectores Escolares deveriam ser nomeados para cada distrito judiciário, em nossa cidade nos anos anteriores a 1964, nosso município pertencia ao Distrito de Itajaí, depois Distrito de Camboriú. Mas aqui em Balneário Camboriú tinha-se o Distrito da Freguesia de Bom Sucesso (atualmente Bairro Barra), isso já foi comentado na parte inicial desta pesquisa. Para tanto, em cada distrito era nomeado uma pessoa que realizaria a inspeção do ensino nas escolas mistas, isoladas e reunidas.

Uma das funções do inspetor escolar era visitar ao menos duas vezes por mês os institutos de ensino infantil, primário, intermediário e profissional mantidos pelo Estado, a fim de averiguar o cumprimento da legislação e das instruções e ordens emanadas de autoridades competentes. O que fosse observado, era realizado em forma de relatório que a professora teria que assinar e atender as solicitações ali descritas. Segundo Tesser (2000, p.154),

É esta dinâmica que caracteriza o jogo do poder, suas regras são suficientemente predeterminadas para que diferentes indivíduos participem dele e suficientemente genéricas, elásticas, para que estes possam alterá-las. Em síntese, para ter força devem ocupá-las, contudo, ao aceitá-las adquirem força para mudá-las.

Não há, por conseguinte, nas atribuições tanto de Delegados do Ensino como de Inspectores Escolares, a indicação de orientações didático-pedagógicas aos professores, mas tão somente a verificação, averiguação, observação, advertência e julgamento. O visto nos livros de registros de visitas, de termos de compromisso, de atas, são comuns e permanecem no arquivo da Escola Estadual Francisca Alves Gevaerd, (localizada na Barra, e que teria sido construída no lugar da escola mista da Barra), assim como pareceres nos livros de visitas, nos quais constam normalmente considerações e elogios às professoras e a professora regente que hoje seria a diretora.

Mas ao abrir o livro e ao ser folheado, encontram-se textos e relatórios dos inspetores escolares, estes são escritos que relatam o esforço de outras gerações que, ao escrever, narrar ou descrever e quem sabe até mesmo sugerir ações para a escola, deixaram gravada uma história de dedicação, uma memória de trabalho à educação. Nos textos escritos no livro de relatórios, percebe-se uma cultura escolar, uma vez que eles trazem as marcas das práticas sociais vivenciadas na instituição de ensino naquela época.

Após tantas páginas escritas, invariavelmente manuscritas e assinadas com caneta tinteiro, tem-se pistas e vestígios de um tempo em que os inspetores escolares eram personagens que para muitos professores causavam desconforto, para outros era um simples companheiro de trabalho que tinha, como afirma, Sperb (1963), a função de fiscalizar o trabalho do professor. Observavam, avaliavam e por fim emitiam um julgamento em forma

de relatório. Isso era o que era possível na época para se melhorar ainda mais o trabalho do professor. Abaixo se pode observar o registro do Inspetor nesta Acta de 1944 e que diz o seguinte:

Termo de Visita – No dia 24 de julho de 1944 visitei a escola mista estadual da Barra, distrito e município de Camboriú, regida pela professora Santina de Souza Castilho, e observei o seguinte: 1º. que a matrícula total era de 42 alunos, sendo 22 do 1º, 14 do 2º. e 6 do 3º. ano; 2º. que faltaram 12 alunos, sendo 5 do 1º.ano, 4 do 2º. ano e 3 do 3º. ano; 3º. que a sala de aula não tem vidraças e as janelas são mal dispostas. Reinam ordem e asseio; 4º. que faltam mapas do Sistema Métrico e de Iniciação Geográfica; 5º.que a escrituração estava em dia, confere e é feita com cuidado, mas não estava bem em ordem; 6º. que o aproveitamento dos alunos foi, mas três classes, bom em leitura, regular em aritmética e escrita, e deficiente nas demais matérias; 7º. que tem Caixa Escolar, Liga Pró- Língua Nacional e Pelotão de Saúde; 8º. que tem Plano de Divisão dos Programas, (foi elaborado caprichosamente, mas com falhas) e Caderneta de Tarefas Diárias; 9º. que o mobiliário é novo, foi fornecido pelo Departamento de Educação; 10º. que tive, em geral regular impressão. Recomendações: Os alunos devem habituar-se: a falar mais alto, a não responder em forma de pergunta, a dar as respostas em sentenças completas, a levantar o dedo quando sabem as respostas. Os programas devem ser seguidos fielmente. Assinado Inspetor Escolar Pedro Paulo Philippe.

Com este texto pretende-se apresentar o trabalho do inspetor escolar no cumprimento de seus deveres de vigilância e inspeção. O inspetor escolar Pedro Paulo registra aspectos da escola, da sua organização e do cotidiano e, ainda, busca contribuir para consolidar uma escolarização que segue o programa fornecido pelo Departamento de Educação do estado de maneira rigorosa.

Mas a importância de um acompanhamento pedagógico era sentida já em 1924-1928, por Anísio Teixeira, quando no exercício de Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, na Bahia, em Relatório ele sugeria: "Quanto ao problema da inspeção escolar, saliento as vantagens da substituição do tipo fiscal por um tipo de assistência técnica, que permitam um fecundo trabalho de cooperação para o progresso e aperfeiçoamento da escola". (TEIXEIRA, apud, LOCCO, 1987, p. 42).

Desse modo convém lembrar aqui, o significado dos dissabores vividos na carreira docente, encontrados não somente nos depoimentos, mas também em documentos como este termo de visitas. Destaca-se aqui, a observação registrada pelo inspetor, quanto ao plano de divisão dos programas. Em momento nenhum se tem registrado algum de intervenção, que o inspetor tenha realizado para auxiliar o trabalho desta professora, no sentido de realizar a correta distribuição do programa, ou ainda, a distribuição do programa que era estabelecido pelo sistema educacional, não considerava, muitas vezes, a necessidade encontrada pela professora frente ao processo de ensino e aprendizagem.

4.6 Significados do ser professor

De acordo com Mori (1998, p. 55), “A sabedoria que as narrativas nos legam é que na memória coletiva dos professores há uma grande lacuna do significado de ser profissional”. O passado que estes professores nos trazem, remete a necessidade de um tempo cronológico para se acomodar as inovações e mudanças ocorridas na profissão. As lembranças dos professores denotam uma dedicação quase que exclusiva à escola, uma vida cotidiana regrada, controlada tanto pela comunidade quanto pelos governantes, ou ainda superiores. A retórica da professora Joana expressa o carinho e dedicação com o ensino e a escola.

Eu gostava tanto de ser professora, que muitas vezes dava o horário de término das aulas e eu continuava na escola. Tinha dias que eu não tinha nem vontade de voltar para casa. Meu desejo era ficar trabalhando na escola. O meu esposo as vezes até reclamava. Me dedicava, muitas vezes, mais aos alunos do que aos meus filhos.

Na sua experiência como professora, Joana revela prazer em ensinar, em dedicar-se à escola, aos alunos, comenta a alegria de organizar festas e homenagens na escola. O relacionamento com a comunidade, hoje ainda se faz presente. Neste sentido, a representação da identidade é construída a partir da relação como o outro. O relacionamento com a comunidade, também acontecia com base nos valores sociais, transferidos de pai para filho. A identidade do professor apresenta um traço marcante, pois

para a comunidade ser professor se referia às pessoas especiais, portadoras de um dom sublime, o dom de ensinar. Acreditam os professores pesquisados que a comunidade os via como exemplos, pessoas que não poderiam falhar de maneira nenhuma. Diante dos relatos percebe-se que os professores se consideravam referências, conforme a fala da professora Marlene Demonti:

O professor tinha um valor assim como se fosse uma autoridade, um padre. O professor era um líder na comunidade. Tanto que se o professor não fosse bem moralmente, ele era tirado do cargo. Tinha que ser alguém com boa índole. Precisa ter um dom mesmo. Tinha que gostar de ser professor e mostrar que gostava de ser, nós tínhamos um amor pela escola e pelos alunos.

Com a responsabilidade de ser exemplo, os professores tinham que se manter íntegros, em relação a sua postura, até mesmo seu vestuário não poderia deixar a desejar. Encontra-se no relato da professora Marlene Buratto, indícios destes cuidados:

Não era qualquer um que era professor. Um professor não deveria ir trabalhar de chinelo, imagine isso era inadmissível. a conduta do professor era de alguém que deve ser exemplo. Nós éramos muito valorizados pela comunidade e também respeitados.

A professora em algumas comunidades tinha autonomia para educar os alunos, não apenas ensinar. O educar para os pais, naquela época, representava repreender quando o aluno fizesse algo de errado, algumas vezes com castigos, outras com conversas e em algumas situações difíceis como a que relata a professora Amélia:

Eu tinha um aluno que quando eu ia corrigir os deveres dos outros ele ficava atrás de mim fazendo caretas. Eu dizia vai te senta guri, vai fazer teus deveres, mas ele não respeitava. Um dia o pai de outro aluno meu, fez uma palmatória e me deu. Eu ainda disse, mas não precisa pai, o teu filho não incomoda nada. E o pai respondeu que eu deveria usar quando o filho me incomodasse. Naquele dia o aluno que sempre me incomodava, não obedecia, eu já estava nervosa. e daí, peguei a palmatória e joguei, pof! Mas acabei acertando o filho do pai que fez a palmatória, eu quase matei ele. Tratei a tarde toda com água de sal, e levei ele em casa. O pai não ficou bravo comigo.

Essas ocorrências não eram freqüentes, no entanto, os meios de se conseguir a disciplina dos alunos consistia em repreender com conversas e com castigos. Nas demais lembranças apresentadas pelas outras professoras a indisciplina era algo resolvido de diversas maneiras. Nesta lógica Tardif (2002, p.232) escreve que:

A maneira como um professor resolve e assume os conflitos de autoridade na sala de aula com os alunos não pode se reduzir a um saber instrumental, mas envolve inevitavelmente sua própria relação pessoal com a autoridade, relação essa que é necessariamente marcada por suas próprias experiências, seus valores, suas emoções.

Foi possível constatar os saberes da docência nos relatos, estes que não se apresentaram somente como representações cognitivas, mas se observou dimensões afetivas, existenciais e normativas. Pois, diante de situações difíceis em sala de aula os professores agiram a partir de suas experiências pessoais, suas crenças, das quais o professor filtra e organiza o seu dia-a-dia, ou melhor, sua prática docente.

4.7 Superação dos sofrimentos vividos no itinerário escolar

Na análise dos oito relatos de vida foi possível perceber que as trajetórias de vida pessoal e profissional das professoras pesquisadas, sempre estiveram tão integradas, que em algumas situações relatadas ficou difícil compreender quando era o Eu pessoal e o Eu profissional. Neste mesmo sentido de integração, ficou visível a participação na vida cotidiana da escola e dos colegas de profissão. Como diz Arroyo (2000, p.27),

Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro em nós.

No memorial das professoras entrevistadas foi possível observar que em seus percursos docentes, o Eu professor com o Eu pessoal, estavam tão interligados, que as professoras não conseguiam se ver como apenas um Eu, mas se viam como professora, mãe, esposa, enfim os papéis sociais eram entrecruzados. De acordo com Arroyo, até tentamos nos despir de um papel ou outro, mas um faz parte do outro e esse resultado de intersecção é o que nos compõem está incorporado em nós. Quando verifica-se o relato da professora Dolores, consegue-se ver nas entrelinhas o que o autor afirmou,

Os pais participavam da vida escolar dos filhos. Queriam compreender mais sobre os filhos. Então eles vinham nos perguntar, como deveriam agir com os filhos em casa. Em Taquaras onde trabalhei aconteceu várias vezes. Nós éramos chamadas até pra aconselhar os casais que não estavam conseguindo viver bem. A professora às vezes fazia papel de conselheiro, de orientador, éramos de tudo um pouquinho. Por isso não era qualquer um que podia ser professor.

Mas o itinerário escolar nem sempre era constituído apenas de muito respeito, ou admiração. Muitas situações eram extremamente complicadas e até complexas. A relação dos professores com os alunos, com os pais e até mesmo com a igreja, nem sempre eram tranqüilas. Nas oito narrativas encontrou-se momentos que causaram um certo sofrimento para estas professoras. E um destes momentos que foram significativos, mas foi também superado, tem o auxílio de um sentimento que acompanha a carreira docente “o prazer de ensinar”, é narrado no depoimento da professora Amélia:

Tinha uma mãe que não gostava muito de mim. Então, os filhos dela que eram meus alunos, não queriam me respeitar. Uma noite ela mandou os filhos colocarem na porta da sala de aula cascas de amendoim. Quando cheguei cedo as cascas estavam todas lá. Nunca falei nada, pois sabia que com o tempo eu conseguiria conquistá-los. Gostava muito das crianças e nunca fiz nada para prejudicá-los.

Diante de situações como esta comentada por Amélia, consegue-se perceber que o conhecimento do professor, não era apenas teórico ou científico, mas os conhecimentos do senso comum, as habilidades em lidar com situações problemáticas eram de origem prática. Esse conhecimento adquirido no cotidiano escolar, oferece possibilidades para resolver situações imprevistas e imponderáveis, que precisam ser controladas para a realização do

trabalho docente. Nesta passagem comentada por Tardif (2002, p. 64) se percebe como isso ocorre,

Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação.

Os saberes que são utilizados no cotidiano da sala de aula, não são apenas científicos, mas sim um aglomerado de vários conhecimentos, diferentes fontes, que acabam contribuindo para a concretização da intenção educativa. Levantar sobre estas práticas foi uma das primeiras tarefas realizadas. Em todos os relatos de vida encontrou diferentes técnicas, ou estratégias de ensino. Mas por vezes, os relatos assemelham-se, o ideário de ensino e de aprendizagem, visto apenas como fruto do esforço, de dedicação do professor no seu trabalho.

O trabalho desenvolvido pelos professores foi detectado como algo que produz prazer, mas que em alguns momentos provocou sofrimentos. O trabalho definido por Codo (1997, p.36) constitui “uma dupla relação de transformação entre o homem e a natureza, geradora de significados”. Compreender o trabalho, nesta perspectiva, é partir das possibilidades e formas como o homem controla o seu meio ambiente e como é controlado por ele, e o sentido ou significado que o trabalho tem para este professor ou para a sociedade.

Nas palavras da professora Marlene Buratto, a importância do trabalho desenvolvido com parcerias, entre diferentes profissionais, acabava por mobilizar a comunidade num único sentimento: o de aprender.

Eu sempre gosto de contar esta história porque mostra o trabalho bonito que o indivíduo pode fazer pela sociedade. Nos finais de semana se reuniam o Dr. Edson Villela, que eu conheci nesta época, ele gostava de ajudar o pessoal da supervisão escolar com palestras. O Dr. João José Maurício D’ávila era o nosso juiz, o Armando César Ghisland que era o prefeito. Todos nós nos reuníamos nas escolas aos sábados para dar palestras para a comunidade. O Dr. Edson falava sobre saúde, o Dr. Maurício falava sobre cidadania e o Prefeito Ghisland também sobre cidadania, sobre o município, assim todos nós

estávamos em contato com a comunidade. Ensinávamos e ao mesmo tempo aprendíamos.

Na análise destes relatos compreendeu-se que o trabalho desenvolvido pelas professoras estava relacionado com a dupla transformação entre homem e objeto que fala Codo (1997). É na medida em que o professor cuida do outro, ou seja, dos alunos, dos pais e até mesmo da comunidade, que ele vai também se transformando, ele vai se constituindo não somente no campo profissional, mas também pessoal. É neste processo de transformação que ao mesmo tempo em que transfere parte de si para o outro, o professor visualiza no outro o seu trabalho realizado, e esse movimento, faz com que ocorra as superações de possíveis sofrimentos vividos.

4.8 Como me tornei professora: diferentes tempos e histórias vividas pelas professoras pesquisadas.

Nossas protagonistas da sala de aula, ou seja, as professoras pesquisadas romperam com o anonimato ao narrarem suas vivências e experiências do cotidiano escolar, bem como passagens de suas vidas, algumas destas talvez nunca contadas nos trazem uma narrativa de envolvimento não somente profissional mas também uma doação pessoal para o magistério. Certamente, quando decidiram aceitar nosso convite para a entrevista, valeram-se de anotações feitas ao longo do exercício profissional e de outros escritos da intimidade que serviram de suportes da memória. Anotações estas que não foram registradas com auxílio de caneta e papel, mas que estão escritas em suas memórias, em seus gestos, em suas falas, enfim, histórias vividas que continuam vivas como se o tempo nunca passa-se. Segundo Montenegro (2003, pág. 40),

A história oral se descobre um processo de socialização de uma visão de passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente/inconsciente. Entretanto, a aquisição da capacidade de falar, de comunicar idéias é elemento determinante dessa historicidade. Uma historicidade de luta, de resistência, que, evidentemente, tem suas marcas de conformismo e repetição do status quo.

Nesta perspectiva as entrevistadas unem o saber do cotidiano com o saber da profissão, experiências que compuseram um passado não muito distante, mas que continuam presentes, marcas, fragmentos, sentimentos, enfim partes vividas da história pessoal e coletiva que se entrecruzam produzindo uma identidade profissional.

4.8.1 Perfil e lembranças da infância das professoras alfabetizadoras

As histórias a seguir narradas pelas professoras aposentadas, trazem um exercício de rememoração das discussões e acontecimentos vividos por elas, mais que também ensinam aos possíveis leitores desta pesquisa, a oportunidade de como enfrentar situações semelhantes. As diferentes histórias docentes fazem um convite à participação da história contada, uma viagem mental ao tempo vivido ou ainda ao momento que se vive.

4.8.1.1 Professora Salete Maria da Luz Silva - 63 anos – Centro – Bal. Camboriú

A professora Salete iniciou seu trabalho docente em Balneário Camboriú no ano de 1963, na Escola Isolada da Barra. Mora com o esposo em uma casa no centro da cidade. Nasceu em Biguaçu (Florianópolis) e em 1963, veio morar no município, aqui estabeleceu residência, gerou filhos e atuou como docente até se aposentar.

Quando estabeleci o contato com a professora Salete e relatei o objetivo de meu telefonema, ela prontamente me recebeu em sua residência. Sempre sorridente e satisfeita em contar como foi sua trajetória profissional. Durante a entrevista revelou experiências interessantíssimas, uma delas foi a confecção dos materiais didáticos utilizados nas aulas de matemática para ensinar as quatro operações.

A trajetória da professora, mãe e esposa, traz uma história de grande esforço e dedicação. Em sua narrativa a professora expressa a dificuldade de locomoção de casa para a escola, chegando a atravessar o Rio Camboriú de barquinha para que do outro lado

encontrar-se com os alunos e ter mais uma bela tarde de ensinamentos. Ressalta que isso não atrapalhava nada, era sim trabalhoso mais ao mesmo tempo prazeroso. A professora Salete em seu depoimento demonstrou grande afinidade com os materiais didáticos confeccionados por ela, nas diferentes áreas de conhecimento, demonstrou uma habilidade de unir o lúdico ao ensino, promovendo assim um aprendizado dinâmico e envolvente. A seguir a história de Salete, apresentam o fazer do professor e a trajetória de uma profissional criativa e dedicada ao ensino. Predicados encontrados na fala da professora que narra abaixo sua história de empenho à aprendizagem do educando.

Minha primeira professora se chamava Vanda, estudei até o 2º Grau. Quando comecei a lecionar não era fácil, pois a gente não tinha muita experiência. Eu gostava bastante de ir para a escola, apesar de morava longe, era mais ou menos cinco quilômetros, eu caminhava a pé. Fui estudando e quando percebi já era professora.

Sou a filha mais velha, e não cheguei a conhecer minha mãe, fui criada por minha avó. Da minha infância trago muitas recordações, e uma delas era minha brincadeira preferida, a “Sete Marias”. Eram sete pedrinhas, nós jogávamos pra cima e pegávamos a de baixo, depois ia pegando uma a uma. Mas a regrinha deste jogo era pegar as pedrinhas sempre em ordem crescente, ou seja, primeiro uma, depois duas, três até que todas as sete pedrinhas estivessem em seu poder. Também tinha a brincadeira de corda, a gente brincava muito. Eu sempre gostei de lecionar para 3ª e 4ª Série. Acredito que o ensino era melhor do que hoje em dia.

Em 1963 quando lecionei na Barra, morava no centro e ia a pé até a escola. Mas para chegar até a escola era preciso atravessar o Rio Camboriú, lá no Pontal Sul de barquinha. Chegava no Pontal e esperava o Sr. Maneca com a barquinha, entrava e sentava em um dos bancos, segurava com uma mão os livros, cartazes e demais materiais e com a outra tentava me equilibrar, sempre preocupada em não me mexer para que a barca não virasse. Era tudo com muito trabalho até chegar a escola, mais valia a pena. Durante minha vida de professora, nunca lecionei os dois períodos (matutino e vespertino), sempre gostei de lecionar pela manhã.

O planejamento das aulas cada professor fazia o seu, depois uns mostravam para os outros, e também acontecia que de vez em quando o supervisor escolar chegava e dava uma olhadinha no caderno.

Naquela época o professor era concursado e o professor que não era, chamávamos de professor substituto. Recordo que as vezes o professor substituto era indicado politicamente. Naquela época, nós fazíamos muito material didático caseiro. Por exemplo, para conhecer as dezenas, as unidades, a gente pegava o sabugo de milho, cortava, fazia rodelinha e coloria com tinta. Assim tinha material concreto, construído pelo professor.

Nossa escola era pequena, na beiradinha do rio. Às vezes quando dava muita chuva, os pilares quase caíam. Tinha duas salas de aula e uma grande varanda. O processo de ensino e aprendizagem acontecia através de atividades, provas, deveres escolares. E aquele aluno que tinha dificuldades, eu ficava com ele na sala depois do horário, procurando ajudá-lo a aprender. Acho que a educação é tudo. A pessoa tem que ter no mínimo o 2º grau. Valeu a pena ser professora, mesmo com o pequeno salário. Conheci muitas crianças e hoje vejo alguns na faculdade, outros já formados, sendo bons pais e mães de família, então, percebo que alguém aproveitou bem o que eu ensinei.

4.8.1.2 Professora Marlene Rosa Cardoso Demonti - 69 anos – Centro – Balneário Camboriú

A entrevista com a professora Marlene Demonti resumiu-se em duas tardes, aconteceu em sua residência no centro da cidade de Balneário Camboriú. O cômodo da casa escolhido para aquela tarde foi a sala de estar. Com um grande sorriso a professora aposentada me recebeu, mostrou sua casa e as peças em crochê produzidas por ela, muitas cores, linhas e pontos arrematados de carinho, característica de uma educadora e artesã que tem prazer no que faz.

A professora Marlene Demonti revelou-se uma narradora empolgada, não deu muita importância para o gravador, nem tão pouco para a filmadora, demonstrou-se desinibida e interessada em contribuir com o registro da história da educação do município.

Fala rápida e concisão nas respostas, não expressou nenhuma restrição em narrar como era sua vida docente, o que viveu e o que deixou de viver.

Sua trajetória como professora começou no ano de 1956, no município de Sombrio (SC). Lecionava para as quatro séries juntas. Naquela época recebia um programa pronto da Secretaria Estadual de Educação, e com base nele planejava suas aulas. Começou a lecionar no município de Balneário Camboriú, em 1972. Ano em que aconteceu sua primeira experiência no município, na localidade do Bairro da Barra. Revelou que para chegar na Escola Isolada da Barra, era necessário ir caminhando de casa até o Pontal Sul e lá aguardar a barca do Sr. Maneca para então atravessar o Rio Camboriú. No relato de vida da Professora Marlene foi possível observar e até compreender não apenas sua trajetória docente, mas também como era a vida de professor daquela época. Em seu depoimento registra as memórias, as lembranças de quem viveu para ser professora e foi professora para viver uma missão que à poucos é destinada: a missão de ensinar.

Minha primeira professora foi Castorina Rosa Cardoso, que era minha mãe. Meus anos escolares foram alegres, nós brincávamos muito de roda, esperávamos com ansiedade a festa de 7 de setembro, que minha mãe preparava, e posso afirmar que era uma festa maravilhosa. Lembro que tinha aqueles hinos, o da bandeira, o da independência e o hino nacional, recordo-me que líamos muitas poesias. Foi uma infância muito gostosa, só que era assim, a gente estudava 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries juntas. Recordo-me que era um ensino puxado, porque a gente aprendia quatro operações, a fração e raiz quadrada. Era diferente de hoje, era mais estudo, não era tanta pesquisa, era mais aula mesmo. Essa primeira fase de minha vida, vivi em Laguna. A cidade de Laguna ocupa hoje uma área de 353 Km². Localizada a 120Km ao sul de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, abriga uma população estimada em 70 mil habitantes. Ela foi fundada em 1676 por bandeirantes vicentistas, esta cidade carrega uma história de lutas e conquistas. Depois de alguns anos passei a morar em Imbituba, naquela época conhecida como cidade de Sambaqui.

Ser filha de professora era uma cobrança enorme, minha mãe foi minha primeira professora, minha primeira catequista. E posso dizer que muito do que ensinei, aprendi com ela. Minha mãe era uma pessoa muito dedicada, muito esforçada, era considerada uma das melhores professoras do município. Ela estudou até a quarta série e fez também um curso

de aperfeiçoamento. Meu pai também tinha só o primário, ele trabalhava como comerciante.

Minha infância foi muito gostosa, nossos brinquedos eram de barro, era loucinha de barro, fogãozinho de ferro, boneca de gesso, de pano. Então minha mãe ia as reuniões em Imbituba e trazia tudo que era de bonito para me presentear.

Comecei a lecionar em 1956, era contratada e isso aconteceu na cidade de Sombrio (SC). As séries eram juntas, não era nada fácil, mas se conseguia fazer um bom trabalho. Hoje em dia os professores reclamam disso e daquilo, na nossa época era mais difícil. Era assim, nós recebíamos da secretaria da Educação um programa para cada série, era tipo o diário de classe. E no final do ano tinha o exame. Eu ia examinar outra escola, era designada para esta função. As provas vinham num envelope enviados pela Secretaria da Educação, ele era lacrado e só podia ser aberto na hora. Nunca me esqueço que um dia eu fui aplicar o exame em uma escola, e para infelicidade da professora e dos alunos, a única coisa que a professora não havia dado para a 4ª série tinha caído para esses alunos. A professora chorava, porque os alunos eram bons mesmo. Lembro que fiquei apavorada, porque eu precisava aplicar aquela prova que tinha sido enviada pela secretaria. Era difícil, porque dava-se um trabalho para a 4ª série, com a turma da 2ª série ensinar a divisão, dar história para 3ª série, isso tudo numa mesma classe. O único responsável pela escola era o professor, ele limpava as salas, pois não tinha servente. Merenda naquela época não existia, na hora do recreio as crianças brincavam, de corda, de roda e nós os professores acompanhávamos tudo. O professor tinha um valor, assim como um delegado, um padre. O professor era um líder da comunidade. Tanto que se o professor não fosse bem moralmente ele era tirado do cargo. Tinha que ser alguém com boa índole. Como metodologia de ensino naquela época, para a primeira série era chamado de método silábico (o be-a-bá), era por sílabas, palavras e depois frases. Não era como agora, do todo para as partes. Nós começávamos a ensinar primeiro as letras: a,e,i,o,u. Depois as sílabas, depois as palavras. E lembro que a criança saía da primeira série lendo mesmo. Os conhecimentos necessários naquela época chamavam-se normal regional, terminava a quarta-série, depois tinha a provinha de admissão para o ginásio, e só aí então, cursava o antigo complementar que era a quinta, sexta, sétima e oitava série. Recordo-me que apenas com o complementar já podia lecionar, mas era mais especializada a professora com o curso do normal regional. O

professor sempre foi indicado politicamente. Existia muita política naquela época, a professora era removida para longe mesmo, se o partido perdesse. Nós não podíamos fazer política. Eu conheci professores que foram muito maltratados por políticos.

No ano de 1966 a Secretaria de Educação do Estado me lotou no bairro Mata de Camboriú, eu não conhecia o lugar. Naquele tempo eles estavam fazendo a BR-101, eu caminhava de Itapema até Mata de Camboriú. Depois de alguns anos fui transferida para a cidade de Camboriú, naquele tempo o inspetor escolar era o Sr. Abalaor Américo Madeira, que me lotou no Colégio José Arantes bem no centro da cidade. Depois fiz o concurso, aí fiz o magistério em Itajaí. Tinha uma Kombi (veículo de transporte), que levava um grupo de professoras para fazer o curso em Itajaí, no Colégio Vitor Meirelles. Aconteceu neste meio tempo o concurso, passei e fui transferida para a cidade de Itapema, depois de uns dois anos então fui lotada em Balneário Camboriú, na Escola Isolada da Barra. Permaneci durante dois anos na Barra, depois fiz permuta para o Colégio João Goulart, e permaneci ali por dezoito anos, até me aposentar.

Quando trabalhei na Barra, nós atravessávamos de barca com o seu Manoel, era eu, a professora Salete e a professora Elisabeth, nossa caminhada era do centro da cidade até o Pontal Sul, para então atravessar de barquinha. As escolas dessa época eram pequenas, de madeira, às vezes eram alugadas pelo governo. Eu por exemplo, quando estudei a casa era da minha mãe, a sala era a escola e nos morávamos atrás. Naquela época os pais mandavam os filhos para a escola, e “Deus o livre”, se o filho não obedecesse a professora. Os pais da comunidade gostavam muito de mandar presentes para as professoras, era peixe, camarão, farinha, flores e até ovos, a professora era considerada uma autoridade.

Nós sempre recebíamos a visita do inspetor escolar, que sempre era feita de surpresa. Ele via todos os trabalhos, as atas, os relatórios de envolvimento mensal da escola, os livros, perguntava para os alunos pra saber se eles estavam aprendendo. Nós comentávamos umas com as outras quando o inspetor ia à escola, ele sempre vinha na escola. Nós recebíamos um programa que vinha pronto da secretaria da educação. Tinha também a ata que nós fazíamos no fim do ano, do exame, quem examinava a escola. Era lavrado na ata quantos alunos tinham aparecido no exame de cada série. Era assinada aquela ata.

Uma coisa boa da educação era o seguinte: se tu tinhas 90% de aprendizado, tu ganhavas uma promoção, ou seja, nosso salário melhorava um pouquinho por causa da produção. Esses dias eu estava vendo, oitenta centavos nós ganhávamos (risos). Depois foi melhorando, não era tanto, mas era melhor que agora. Nós do Estado, estamos a mais de quinze anos sem receber um aumento. O município daqui, valoriza muito mais o professor do que o Estado. Como em todo o setor que tem muita gente trabalhando, sempre tem alguém que reclama, mas o município tem muita atenção com a educação. No Estado, eles criaram muitos cargos que não precisava nas escolas, acho que deveria ter mais valorização dos professores.

Na época que estava lecionando era muito difícil ter curso para os professores, e quando tinha era em Florianópolis. No município mesmo tinha muito pouco, no colégio do Estado do município de Sombrio teve dois cursos apenas. Outra coisa que acontecia, é que nós ficávamos as vezes quase um ano sem ordenado (pagamento), hoje isso não acontece. A demora no pagamento dos salários dos professores se dava pela falta de dinheiro, o Estado era pequeno, a arrecadação era pouca. Uma vez teve uma reunião que a diretora comentou que quem estava trabalhando ainda era por amor ao ensino e aos alunos. Isso aconteceu no governo do Irineu Bornhausen, ele atrasava muito o ordenado. Depois que vim para Balneário Camboriú, o ordenado foi difícil de atrasar. Recordo que para ver se os alunos tinham aprendido o conteúdo, fazíamos uma prova com quarenta questões. Algumas vezes para ajudar o aluno ficávamos no recreio com ele ou alguns minutos depois do horário escolar.

As disciplinas ministradas segundo o programa do governo eram: português, matemática, estudos sociais e ciências. Depois mais tarde, na minha carreira, tínhamos que fazer o planejamento com base no programa enviado. Por exemplo: matemática, tinha que ter divisão, adição, multiplicação, subtração, problemas, fração, equação. O aluno tinha que aprender aquilo ali, porque no final do ano tinha outra professora que vinha aplicar aprova do exame. Fiquei trabalhando como professora 42 anos, porque eu lecionei 25 anos no Estado, depois continuei no município.

E deste tempo todo acho que educação é tudo na vida. A pessoa tendo uma formação, uma educação, ela sabe viver melhor, ela sabe agüentar os problemas que existem na sua própria vida. Sabe educar os filhos, os netos, como toda família tem seus

erros, mas nós temos um alicerce. Eu sinto por mim, que os filhos têm um alicerce, e os netos já vem no mesmo lado. Então, educação é tudo na vida.

4.8.1.3 Dolores Pereira Rodrigues - 86 anos – Camboriú

Em uma conversa com o historiador Isaque de Borba, descobri a história da Professora Dolores, por intermédio do historiador localizei ela e marquei um encontro. Na tarde de uma quarta-feira, um dia ensolarado o historiador me levou até a residência da professora Dolores, que já nos aguardava. Segundo sua neta, a professora Dolores se encontrava muito enferma, mas já sabendo do objetivo daquele encontro, cedo se arrumou e aguardava com muita disposição. Desde o primeiro instante fui bem recebida e a professora Dolores demonstrou muita satisfação em narrar sua trajetória docente.

A professora foi a segunda profissional que atuou na Escola de Taquaras (uma das praias de Balneário Camboriú), isso no ano de 1937, naquela época a professora residia na própria escola, devido a distância do lugar. No desenrolar da entrevista a professora Dolores não se mostrou preocupada com o gravador, e tão pouco com a filmadora, assim como a professora Marlene Demonti, o que ela queria mesmo era contar sua história. Narrou que naquela época não era qualquer um que poderia ser professor. Para exercer a docência era necessário ter uma moral intocável. Sua trajetória docente teve início em Taquaras, mas ela lecionou na Escola da Comunidade Alemã, no bairro Vila Real. Depois passou a lecionar na cidade vizinha de Balneário Camboriú, o município de Camboriú, onde ficou até se aposentar, isso ocorreu aproximadamente no ano de 1964.

Considero a professora Dolores, assim como as demais depoentes, “histórias vivas”. Abaixo, nas palavras de Dolores temos o relato de sua história de paixão e dedicação ao ensino, misturando o estilo do romantismo e do realismo ela descreve acontecimentos que ficaram registrados em sua memória.

Eu nasci no Barranco, hoje conhecido por São Francisco de Assis (bairro da cidade de Camboriú), lá eu cresci, me criei entre meus pais, pois não tive irmãos. Eu fui filha única, criada entre meus pais, avós e titios. Depois eles morreram e se acabou. Daquela

infância, daquela meninice, que de tão macia, hoje eu tenho saudade, entre o papai e a mamãe. Eu era como uma flor muito mimada, até os meus dezoito anos. Depois me casei aos dezenove, também continuei recebendo muito mimo do marido, tive apenas um filho. Aos dezenove anos comecei a lecionar em Taquaras, isso datava 1937. Nessa época experiência não tinha, apenas muita vontade e exemplos das minhas primeiras professoras, especialmente a Professora Zoe Melo.

Trabalhar em Taquaras era muito difícil, por causa da locomoção. A gente precisava de qualquer coisa, vir até Camboriú, como era complicado, era muito longe, longe de tudo. O Estado alugou para a escola uma casa, e a professora que era casada tinha o direito de residir na mesma casa. Era tudo muito difícil, mas eu queria muito ser professora, depois era um lugar tão agradável, as crianças eram muito obedientes e atenciosas. Os pais daquela comunidade tinham pouca compreensão das letras, mas eles eram preocupados e interessados, todos muito amigos. Lá os mais cultos iam para ensinar, primeiro foi a professora Maria Venerada, depois fui eu até 1941, quando fui transferida para Várzea do Ranchinho. Nos primeiros anos de docência, eu usava lousa escrita com o lápis da mesma cor da pedra, e para apagar era usado uma esponja retirada do mar (algas). Eu deixava os alunos usarem, pois alguns não tinham cadernos e os pais me pediram, não havia outro recurso.

Lecionava só na parte da manhã. Entre as dez e dez e trinta, eles tinham recreio, comiam algum pãozinho, que tivessem trazido de casa e também brincavam de roda, de “sete marias” e muitas outras brincadeiras. Eu fazia reunião com os pais, nós dialogávamos muito, com a ajuda deles criamos a caixa escolar, para beneficiar as crianças menos favorecidas. Aquele dinheiro que angariava, se comprava caderno, lápis e se doava para aquele aluninho que não tinha como comprar. Nossa associação de pais era muito organizada, tinha o presidente da caixa, o secretário e também um tesoureiro, tudo era estipulado, tudo direitinho. Eu ainda tenho, se o tempo não comeu, o caderninho assinado por eles, pelo presidente, pelo secretário e pelo tesoureiro. Os alunos naquela época tinham muito interesse, porque os pais tinham interesse.

Recordo que fui a segunda professora de Taquaras, quando a primeira foi removida para o Estaleiro (uma das praias vizinhas) e lá dela ela foi excluída do magistério, por ter praticado atos que denegriram sua moral, comprometendo sua carreira de professora. O

inspetor de quarteirão era uma autoridade, vigiava todos nossos atos, e não permitia nenhum deslize, logo um como esse. Não era qualquer pessoa que poderia ser professora, era necessário ter uma boa moral.

4.8.1.4 Marlene Buratto - 66 anos – Centro Balneário Camboriú

Como primeira secretária da educação do município de Balneário Camboriú, a professora Marlene Buratto trás em seu depoimento informações importantes na busca da compreensão da história da educação no município. Na rotina de secretária, de professora e até mesmo de diretora do campus UNIVALI (Balneário Camboriú), construiu sua trajetória docente com dedicação, dinamismo e acima de tudo demonstrou competência em seu trabalho.

A professora Marlene possui um jeito de quem vê na educação a solução de muitos problemas sócio-econômicos. Quando telefonei para sua residência e expliquei qual seria o objetivo desta pesquisa, e de como sua narração seria indispensável, prontamente aceitou e tratou de agendar um horário para a entrevista.

Com dia e hora marcados, fui até seu apartamento de frente para o mar da praia Central da cidade. Era uma manhã sugestiva, o dia amanhecerá ensolarado, e o lugar escolhido era a sala de estar, onde a professora coleciona algumas obras de arte, bem como fotografias de seus sobrinhos e irmãos. Sentei-me no sofá ao lado da professora Marlene, a brisa do mar invadia aquele ambiente, que era extremamente calmo e aconchegante. Iniciei a entrevista com uma conversa informal e logo depois começamos a conversar sobre as questões que faziam parte do roteiro de entrevista. Durante a mesma a professora demonstrou prazer em narrar suas memórias de docente, e quando lembrava de sua infância, das primeiras professoras e do início da carreira, ela se emocionou.

Sua trajetória profissional foi de 46 anos, destes dos quais recordou com muito carinho. A bela oratória da professora revela-nos a sua busca insaciável pelo saber, aqui faço minhas as suas palavras “seu capital intelectual”. Essa era uma das palavras mais usadas em seus discursos, proferidos durante sua gestão na Secretaria da Educação de Balneário Camboriú. Foram precisos dois encontros para registrar uma parte de sua história. A professora Marlene nasceu em Bom Retiro, região Serrana, no ano de 1940. Aos

14 anos começou a lecionar, para a 1^a. série, em seu depoimento conta que isso aconteceu meio por acaso. Sua irmã era professora na mesma escola, e estavam precisando de uma professora substituta. Isso ocorrerá no mês de setembro,então, a diretora preocupada em resolver a situação, sugeriu que a irmã da professora Terezinha assumisse a turma. Então, a professora Marlene assumi a 1^a. série e inicia sua carreira como docente. Em seu depoimento professora Marlene narra uma história de quem realmente viveu um romance com a educação, com momentos bons e ruins, mas sempre com a missão de ensinar.

Eu nasci na Região serrana, chamada Bom Retiro em 1940. Durante meus dois primeiros anos de vida meus pais moravam no interior. Meu pai era comerciante e minha mãe trabalhava em casa e também no comércio. Nesse tempo meu pai juntamente com meu avô compraram o primeiro hotel da cidade de Bom Retiro. Aos 2 anos eu vim pra cidade, meu pai tinha o hotel que se chamava Brasil. Lá eu me criei até os 7 anos, depois meu pai vendeu esse hotel e veio morar em Rio do Sul, no Alto Vale, também num hotel e também de nome Brasil. Então foi quando eu iniciei meus estudos. Eu fui estudar no Grupo Escolar Paulo Zimmermann em Rio do Sul. Lá eu me alfabetizei. Não me recordo do nome da minha primeira professora, me parece que era Adélia. Depois no final deste ano, meus pais venderam este hotel e foram para Lages. Lá também ele montou uma casa de comércio, mas os negócios não foram bem sucedidos, então vendeu o que tinha comprado em Lages e voltou para Rio do Sul, eu fiquei concluindo o ano escolar lá em Lages. Estudei numa escola antiqüíssima, chamada Vidal Ramos, muito bonita, acho que era a primeira escola de Lages. Conclui o ano e voltei para Rio do Sul.

No meu terceiro ano escolar eu fui estudar no Colégio Maria Auxiliadora, colégio só de meninas. Neste ano, fazia muito frio, foi a primeira vez que eu vi neve de capuz, foi em Rio do Sul. Me lembro da professora Irmã Irene, nós víamos cair pela janela a neve, mas ela não queria deixar nós vermos. Todas as crianças corriam para a porta. Foi muito interessante, me lembro como se fosse hoje aquele dia. Depois eu não fiz o ginásio neste colégio, eu fui para uma escola pública, voltei para o Paulo Zimmermann , que era também um colégio misto.

Quando eu estava na 4^a série do ginásio, aconteceu uma coisa interessante, havia falta de professores, minha irmã mais velha já era professora. Então tinha que substituir, era

o mês de setembro, uma professora da 1ª série. Então não tinha professor disponível, como minha irmã era professora nesta escola, então a diretora, a dona Solange Ramos, disse: “Teresinha, traga sua irmã, porque já está no mês de setembro, nós ajudamos ela a concluir este ano”. Assim eu me tornei professora, eu tinha na época 14 anos. É claro que chegou no fim do ano não tinha passado criança nenhuma, porque eu nem sabia. A minha primeira experiência como professora foi engraçadíssima. Aí voltei para o Colégio Maria Auxiliadora, para fazer o curso normal. Todos me ajudaram, porque eu era muito nova. O normal era 2º grau, ensino médio. Fiz até o 2º ano do 2º grau, aí eu já fiz concurso para ser professora. Fui trabalhar num bairro da cidade, Taboão, numa escola chamada “João Dori Garten”.

Pra minha surpresa quando estava ano passado (2004) na Secretaria da Educação, um moço queria falar comigo, precisava ver se eu era quem ele conhecia. Entrou na minha sala e viu que eu era a pessoa que ele conhecia, que tinha o alfabetizado na escola “João Dori Garten”. E pra meu espanto ele é diretor numa escola estadual de Balneário Camboriú. Foi uma sensação agradabilíssima, o moço me abraçava emocionado e eu também.

Bom, eu terminei o normal, fiz o concurso. Não precisava ser normalista. No outro ano, já normalista, tinha terminado o 2º grau, que era o máximo. Nós ouvíamos falar em pedagogos, mas isso era no Rio, São Paulo e estava começando a Universidade Federal, estavam colocando os primeiros cursos, o de Pedagogia em Florianópolis. Então como eu era muito jovem, não podia sair de casa pra estudar fora. Eu comecei a lecionar em um bairro da cidade, chama hoje Bela Aliança, mas na época se chamava Matador. Mas isso tinha que pegar um ônibus, 5:30h da manhã, do ônibus que vinha de Lages, ia pra Blumenau, pra chegar nesta escola as 7:30h da manhã. Lá eu comecei a trabalhar com 3º ano primário. Eu achei um desafio surpreendente, me realizei trabalhando com esta 3ª fase. Lá eu pude dar asas à minha imaginação, criar todos os mecanismos pedagógicos que eu via, que eu imaginava, eu colocava em prática e era uma coisa fabulosa. Lá eu fiz grandes descobertas, descobri que eu sabia falar em público, porque a escola era nova, quando nós chegamos lá tinham três professoras antigas e nós três colegas que tinham se formado na mesma turma, conseguimos vaga naquela escola. Ganhamos uma escola nova que se chamava Lili Rego. Então fui escolhida como a pessoa que ia saudar o governador e foi o dia que descobri que tinha vocação pra falar em público, porque nós tivemos uma belíssima

inauguração, eu fui bastante cumprimentada, inclusive pelo governador. Naquele dia eu ganhei uma bolsa de estudo do governador de SC, Heriberto Heusi, pra eu fazer Pedagogia em Florianópolis. Foi uma briga pra sair de casa, acabei não saindo, não aproveitando. Passado uns dois ou três anos, surgiram os cursos de supervisão escolar, que foi um trabalho feito pela ONU para melhorar o ensino nas localidades mais distantes e pra trabalhar com o professor de escola isolada, multisseriadas. Então fui fazer este curso de supervisão escolar, daí fui para o Rio Grande do Sul, para Pelotas. Nós fizemos 1800 horas de aula em nove meses, nós estudávamos as vezes de manhã, a tarde e a noite. Eu até hoje acho que foi um dos melhores cursos, no qual eu aprendi muitas coisas na minha vida profissional de pedagoga. Quando nós voltamos, o 1º curso de supervisão tinha iniciado em Itajaí, o 2º foi na região de Rio do Sul. Abrimos o serviço em Rio do Sul. Depois, minha mãe tinha problemas de pressão alta. Toda vez que isso acontecia, nós tínhamos que vir pra praia, então o médico recomendou que nós viéssemos pra praia de uma vez. Então em 1969 nós viemos pra cá. Eu consegui também, com a carteira de trabalho que eu já tinha apresentado, a transferência para Balneário Camboriú. O governador que assinou minha transferência, foi o Sr. Ivo Silveira. Foi concedido havia aberto supervisão em Balneário Camboriú.

Quando o serviço de supervisão fez 10 anos, esse pessoal da ONU veio aqui. Vieram ver o serviço de 10 anos de supervisão em Itajaí, e de 1 ano em Balneário Camboriú. Nessa época, nós rasgamos estradas para que a comissão fosse ver. No morro do boi tinha uma escolinha, pela BR, pegava um atalho, que caminhava mais um pouquinho já estava em Camboriú. Aquela estrada foi aberta pelo seu Domingos Fonseca, naquela comissão. Foi assim que conheci todo o município e suas escolas, fazendo esse trabalho de supervisão. Não tinha essas estradas. Quando eu ia pra Taquaras, eu achava que ia morrer ali naquelas ribanceiras. Foi assim que eu comecei a trabalhar aqui e que foi muito bom. Eu sempre gosto de contar esta história porque mostra o trabalho bonito que o indivíduo pode fazer pela sociedade. Nos finais de semana se reuniam o Dr Edson Vilela, que eu conheci nesta época, ele gostava de ajudar o pessoal da supervisão com palestras. O Dr João José Mauricio D'Ávila era o nosso juiz, o "Armando Gislandi" que era o prefeito, nós íamos para essas escolas nos sábados fazer palestras.

O seu Armando falava sobre cidadania, sobre o município, estava em contato com o pessoal da comunidade. O Dr Edson falava sobre saúde e o Dr Mauricio falava sobre cidadania. Esse era um trabalho muito bom, a comunidade estava nos esperando, nós arrumávamos a escola e eles nos recebiam.

Em 1992, perdi minha mãe e fiquei bastante isolada, fiquei com uma depressão grande, estava sozinha. Então pedi licença sem vencimento e fui morar um pouco em Curitiba com uma amiga. Depois mais um tempo eu fiquei em São Paulo com outra amiga. Daí eu tinha trancado o curso de Pedagogia, que tinha começado a fazer, quando eu voltei, depois de 2 anos conclui. Depois comecei a fazer pós-graduação em Administração escolar porque sempre tive uma tendência para administrar, e já me tornei professora no curso de Pedagogia na área de Administração. Assim, fiz a minha carreira, fiquei 25 anos na Universidade, quando me aposentei em 1992, tive a oportunidade de montar o 1º campus avançado da Universidade, que foi em Balneário Camboriú. Vim fazer este trabalho a pedido da comunidade daqui mesmo, naturalmente consentida pela reitoria, na época era o professor Vilela, que foi nosso 1º reitor. No ano anterior nós estávamos preparando a Fundação para se tornar Universidade, já tinha me tornado uma pessoa muito da administração, era a pessoa da pró-reitoria de ensino, criamos um centro de estudos educacionais, que era para preparar os professores para a Universidade, dando os cursos de especialização. Então, encerrei aquele trabalho, aí vim abrir o campus de Balneário Camboriú juntamente com o curso de turismo e hotelaria.

Anteriormente nós já queríamos criar uma faculdade de turismo aqui, que na minha 1ª época de Secretária de Educação, se instalou o 1º curso de turismo do país em São Paulo, da escola Anhembí-Morumbi e a primeira visita técnica deles foi em Balneário Camboriú. E essa época era o 2º ano de curso deles e o 1º ano que o Osmar Nunes, o Mazoca, era aluno nessa faculdade. Então seu Osmar, pai, ofereceu o hotel para que eles viessem se hospedar e fazer o levantamento do potencial turístico do balneário. Eles pediram que a Secretaria da Educação desse essa cobertura, na época eu era secretária, então dei essa cobertura, nós ficamos tão entusiasmados com o curso de turismo que criamos uma Associação de Ensino aqui, pra montar o curso de turismo no município. Aí já fizemos as alianças com a escola Anhembí-Morumbi, foi uma coisa bastante grande. Quando fomos apresentar o processo no Conselho estadual de Educação, eles fizeram muitas exigências,

eles queriam por exemplo, que os professores das matérias fossem europeus e nós não tínhamos condições. Nosso processo baixou em diligência, nós nunca respondemos e ficou trancado. Acho que 17 anos depois é que nós montamos o curso novamente, em 1990, daí não só turismo, mas juntamente com hotelaria. Até por uma coisa engraçada, porque quando se fala em turismo, hotelaria vem a reboque. Juntamos as duas habilitações, por isso o curso começou com uma matriz curricular muito extensa, eram 5 anos pra dar conta, porque eram duas especializações. Na época tinha 31 escolas de turismo e 5 de hotelaria. A nossa foi a 1ª junto. Todas as outras escolas que deram este curso depois adotaram nossa matriz curricular. Nós fizemos essa história no país. Ele já foi criado com cara de centro, porque isso a reitoria nos garantiu, que a criação desse primeiro campus avançado tivesse essa característica. Dura até hoje, tanto é que tudo que a Universidade quer implantar, testa aqui pra ver se dá certo e deu certo.

Eu trabalhei aí até me aposentar, quando deixei tinha não só o curso de Turismo e Hotelaria que eu fui a 1ª diretora, e que criamos com auxílio de outros professores toda a matriz curricular, todas as pesquisas. Hoje nós temos 12 cursos aí, fantásticos, sendo: Turismo e Hotelaria, o único cinco estrelas do país e único curso onde ele congrega da graduação ao Lato-sensu (especialização, mestrado e doutorado). Esse é um feito que ainda nenhuma outra Universidade do país conseguiu. Eu sou mestre em Turismo e Hotelaria, tenho duas especializações, um mestrado, não quis fazer o doutorado porque já estava no meu final de carreira, e eu trabalhei 46 anos. Claro que conhecimento sempre é necessário, porém achei que devia sair e gostaria de ter ainda um pouco de energia, pra poder fazer outras coisas.

Meu pai era filho de imigrantes italianos e apenas foi alfabetizado. Minha mãe era descendente de fazendeiro e durante seus 4 primeiros anos escolares, estudou na fazenda que meu avô tinha 14 filhos, então contratava o professor pra ensinar os filhos dele na fazenda. Quando ela já tinha feito o último ano primário, os fazendeiros da região montaram uma escola e contratavam um professor. Então minha mãe repetiu o 4º ano pra não sair mais cedo. Minha mãe era uma autodidata, ela lia de gibi à clássicos, discutia contigo. Foi a 1ª mulher que eu vi que lia jornal diário.

Eu acho que os cursos daquela época, a grade curricular era mais abrangente, as pessoas com uma melhor formação, de sorte saíam as pessoas mais capacitadas para

enfrentar o mercado de trabalho. Como as grades eram mais abrangentes, davam um melhor preparo para o exercício da docência. Então havia uma valorização do trabalho, eu não sei se é certo ou errado, mas a partir do momento que houve a democratização da educação, onde em todos os lugares foi colocado uma escola, mas com este mesmo ritmo não foram preparados professores, então eles precisavam sair mais cedo da escola porque precisavam preencher aquelas vagas.

Eu digo pra quem quiser escutar, você nunca dá o que não tem. Se você não tem conhecimento, se você não tem preparo, você não pode trabalhar. Aí eu acho que começaram a ruir as grandes instituições de ensino. Porque se você não tiver preparo suficiente, você é incapaz de criar mecanismos, você não estudou filosofia, não estudou psicologia, e está aí. E hoje com todas essas ofertas boas e más, quem não estiver bastante preparado pra enfrentar este mundo agora, não tem recursos intelectuais pra poder efetivamente desenvolver sua atividade com clareza, qualidade.

Hoje começa a acontecer, os ordenados não acompanharam, aja vista que no dicionário brasileiro existia a expressão “chupim”, que não era do passarinho não, era marido de professora, porque uma vez elas ganhavam bastante dinheiro. O suficiente pra comprar seus livros, revistas, etc. Hoje não tem, inclusive acho que eles baniram isso do dicionário, porque não existe mais. Porque a professora não admite que ande de chinelo de dedo, roupa rasgada pra aula. Você espera que ela esteja bem, porque isso também interfere em todos os processos da educação. Existe um ditado que diz, “o teu exemplo é o maior pregador”, ora, se a sua professora vai de qualquer jeito, ele também vai de qualquer jeito. Então aí, é a diferença de ser professor.

Com os ordenados que se ganha hoje, professora precisa trabalhar em dois, três lugares, ao mesmo tempo. Ela não é máquina, ela precisa descansar, se recrear, ela precisa ter leituras, ela precisa ter viagem. Uma professora que mora no interior, como é que ela vai ensinar algo que não conhece, como o mar, a maré, por exemplo, se ela nunca viu isso. Com os recursos que ela tem como ela vai fazer isso? Então são coisas dessa natureza. Daí se você também nunca vê nada, você também não faz sua imaginação crescer.

Acho que nós tínhamos uma aliança maior com a família, então eles educavam também, iam para escola para adquirir conhecimento mais amplo. Porque a professora também era mais preparada, o ambiente escolar era um templo, não era depósito, tudo isso

dá essa conotação diferenciada ao ensino. Não tínhamos os recursos que temos hoje, mas por exemplo, nós fazíamos pra nossas crianças filminhos, que hoje nós pegamos e colocamos na televisão uma fita, mas nós fazíamos na cartolina, pegávamos uma caixa de papelão, uma manivela e fazíamos o filme. Nós usávamos os recursos da nossa imaginação, que hoje as pessoas não querem mais usar. Nós contávamos com palitos de fósforo, porque nós não tínhamos ábaco, nós pedíamos pra recolher pedrinhas e todo mundo aprendia a fazer conta. Nós fazíamos recortes nas folhas, ninguém colocava nem um papel fora, porque tudo era recurso. Nós fazíamos nossas marionetes. Na época nós amassávamos o jornal ou papel higiênico e fazíamos a marionete. Por isso que eu digo, os recursos estão aí, antes nós tínhamos mais conhecimentos porque nós criávamos.

Naquela época a família tinha a noção da parte dela, no acompanhamento do seu filho na escola. Eles tinham essa consciência, eles não esperavam só da escola. Nós tínhamos essas Associações de Pais e Mestres que participavam da escola, quando nós não tínhamos merendeiras, eram eles que estavam fazendo, eles estavam levando. A horta escolar, eles davam um dia de serviço pra organizar, o uniforme era limpo, a unha era limpa. Não existia esse desleixo que você põe na escola e acha que é um depósito. E hoje temos isso, lamentavelmente. A família trabalhava mais com a escola. Hoje está muito desvinculada.

O desgaste do professor hoje é muito maior, hoje além dele ter que cuidar da parte intelectual e despertar o raciocínio, ele precisa se ocupar de uma série de outras coisas que antes a família se ocupava. Essa é a grande verdade. Quando o profissional é consciente e bem formado, ele até consegue deixar seus problemas, ele sabe que a atividade dele, porque na minha opinião, professor é um homem diferente de qualquer outro, é uma profissão diferente do homem intermediário. Ele precisa se dar este carinho de dizer que ele não é um homem comum, ele é um formador. Dele pode sair um monstro ou uma pessoa muito equilibrada. Se ele tem essa consciência ele consegue separar o seu cotidiano, sua vida e não ter essa influência maléfica no emocional do aluno. Se ele não é bem resolvido, se ele não tem inteligência suficiente, ele transmite sim e você vê classes completamente irrequietas.

Eu mesma tive uma experiência, daqueles três primeiros meses de magistério, o mês de setembro que eu nunca vou esquecer da minha vida. Eu entrei na sala, 40 crianças, 40

bonequinhos que não se moviam, porque a professora tinha grandes problemas emocionais. Ela não admitia que uma criança levantasse o braço, a mão e a fala. O afastamento da professora foi em função de seus problemas emocionais.

O emocional do professor interfere muito na formação da personalidade, do pensamento, em suma, na formação do indivíduo como ser holístico que ele é. Como é que você vai ter sensibilidade se você não tem psicologia. Hoje com a inclusão dos alunos, das crianças que tem necessidades especiais, junto com as crianças ditas normais, de uma classe. Se essa criança não tiver estabilidade emocional, ela não vai aceitar. Agora quem é que tem que ter muito mais? O professor que tem que transmitir.

Muitas mulheres ainda escolhem esta profissão, pelo estigma da família, de que mulher para trabalhar tem que ser professora. Pedagogia, querendo ou não, é o curso de menores mensalidades, que é oferecido a noite. Acho que deveria ser o contrário, o dia inteiro, mas em todo caso, ainda é um curso que permite trabalhar, embora trabalhando no magistério e cursando Pedagogia, até acho que seja uma aliança boa, mas não permite que a pessoa, a menos que seja muito vocacionada, faça seus estudos, que esqueça sábados, domingos e tudo mais pra poder se dedicar.

Na concepção de muita gente, na minha não, é de que seja um curso mais fácil. Não tem muita tendência para a área dos cálculos, das ciências mais exatas, saúde. Os cursos de saúde, almejados por todo mundo são muito caros, na sua grande maioria, precisa ou que o pai banque ou que ele seja muito esperto pra poder numa escola pública. Então, hoje as mulheres optam pelo curso de Pedagogia, porque é uma profissão que nunca vai se esgotar, quem é bom e sabe que é tem seu espaço reservado e quem é bom logo ele se sobressai, é interessante isso, ele cria mecanismos, ele fura ou não encontra barreiras, apesar dessa penúria, apesar de saber que ganha pouco, que hoje não é considerado. Porque se fosse considerado, professor senta no lado direito de qualquer governante, mas não é.

Para exercer a docência era preciso ter o normal regional. Na verdade tinha o ginásio científico e o ginásio normal. Me parece que era chamado normal regional. Este habilitava pra ser professor porque se estudava didática, psicologia. E daí tinha mais tendência feminina do que masculina. O professor fazia concursos. E quando era necessário fazer substituições, então, o professor era indicado, só pra substituição ou alguma coisa assim, não me lembro, de nenhuma interferência política.

Naquele tempo nós tínhamos o quadro de giz, comecei com os pretos depois apareceram os verdes. Eu fui conhecer um giz que não estragava muito a mão, quando eu entrei na supervisão. Existiam os álbuns seriados, que hoje tem outro nome (histórias em seqüência), a sala tinha aquelas carteiras de dois, grandes.

As Associações de Pais e Mestres elas eram fortes, elas atuavam e procuravam dar a escola aquilo que ela necessitava. As festas das escolas eram os pais que organizavam e depois a comunidade se reunia pra ver aquilo que ia ganhar. Se ia fazer um muro, aterrar, fazer uma cerca, compravam papel. O primeiro mimeógrafo, quando eu comecei a trabalhar, tinha no escritório.

Não tínhamos muitos problemas com a disciplina, as crianças eram mais calmas, mais educadas. A família influenciava muito. Acho que nós tínhamos a condução das aulas, daí eu volto a dizer, quando o professor é bem preparado, ele consegue dominar a sala. Quem domina a sala é o professor, com o quê, com conhecimento, não se domina com vara. Você tem aulas bem preparadas, você sabe que uma hora tem que brincar com a criança, tem que sair daquela rigidez, porque tem que se extravasar e depois a hora de comentar. Tudo isso depende do preparo do professor.

O professor nunca ganhou bem, eu me aposentei no ano de 1985, apenas com curso superior, porque eles não credenciaram minhas especializações, porque eu já era especialista na época. Me aposentei ganhando onze salários e meio. Era o correspondente, veja o quanto que decresceu, hoje devo estar ganhando minha aposentadoria do estado, por volta dos cinco salários. Se é que dá, pra ter uma idéia, hoje se tem um decréscimo muito grande. Há uma desvalorização, você sempre domina aquele que é mais fraco.

A classe dos professores, acho que sempre foi desunida. É uma coisa impressionante, isso eu nunca pude entender durante os meus 46 anos de magistério, isso foge da minha imaginação, o por que de nós sermos tão desunidos. Nós podemos ser muito bons no desempenho da profissão, prá outras coisa não somos tão espertos. Acho que não temos tempo para especulação. Pode até ser que seja pelo comodismo.

Os cursos de formação continuada passaram acontecer quando surgiu o serviço de supervisão escolar, foi se detectando a necessidade. E depois não eram só com as escolas isoladas e todos começaram a participar dos cursos. Foi uma revolução. Isso foi em 1965 que eu fiz o curso e em 1966 comecei a trabalhar. O processo ensino-aprendizagem

acontecia como até hoje. Os alunos que tinham mais dificuldades eram bem mais acompanhados pela professora. Nós não tínhamos dificuldades de horários para auxiliar as crianças, nós mandávamos que eles viessem em outro horário, nós estaríamos disponível, isso não era obrigação. O professor sentia essa necessidade, ele fazia isso, a escola não precisava promover isso. Sábado e domingo nós passávamos corrigindo as atividades acumuladas durante a semana, e já planejava o que ia ser feito durante a semana. Na segunda-feira já mostrava pra diretora e ela dava o visto. A gente desenvolvia aquilo. Durante o horário de recreio dos alunos, tinha um grupo de professoras que tinha que ficar brincando com as crianças, tinha a merenda escolar, não tinha refeitório, nós íamos nas boquetas. Nós ganhávamos uma caneca de sopa, as mais evoluídas ganhavam até um pão. Era sempre sopa, era tudo muito bom.

Todo o mês nós tínhamos reunião pedagógica com a diretora, fora do horário escolar. Tinha uma figura de inspetor escolar. Quando cheguei em Balneário Camboriú, já peguei como supervisora, mas o inspetor escolar era o seu Antonio Lempto. Acho que ele era daqui, mesmo. Aí eu já era igual a ele, era supervisora, já tinha outro patamar, ele só ajudava a gente, fazíamos reuniões juntos.

Para se detectar se os alunos tinham aprendido eram realizadas provas. Nós tínhamos provas bimestrais e as vezes até mensais. Nós fazíamos muitos trabalhos, nós já corrigíamos. Nós não íamos pra frente se o aluno não entendesse nada. Não tinha essa depois de botar em outra sala, era nós mesmas que resolvíamos. Era o professor e o aluno, juntos para resolver o problema, e o diretor que ajudava quando a gente precisava ia buscar alguma coisa pra gente, algum material.

Iniciávamos o ano letivo em março, mas tinham muitas férias. Nós trabalhávamos aos sábados. No mês de julho tinha, mas era menos tempo, acho que era 15 dias. Depois em dezembro, até o final, depois janeiro e fevereiro eram as férias. Nós dizíamos que tínhamos três meses de férias. Então era julho que eram férias escolares, janeiro e fevereiro, só que se trabalhava aos sábados. A grade curricular adotada na época era: Português, matemática, catecismo, trabalhos manuais, canto orfeônico, desenhos, geografia, história, ciências. Lembro que nós fazíamos cantinhos de leitura, não tinha uma sala de aula que não tivesse seu cantinho de leitura. Os livros a gente tinha, se não tivesse a gente pedia. Era uma coisa que a gente pedia para os pais, para os comerciantes, era uma festa. Nós

tínhamos os dicionários, sempre que aparecia uma palavra nova, nós tínhamos que introduzir aquela palavra até que fixasse no vocabulário da gente. Não tinha quem não fizesse dicionários, era importantíssimo isso. E os cantinhos da leitura, da matemática com joguinhos, dominó de palavras, como a gente gostava.

Eu acho que vale a pena ser professor, e nós vamos chegar num ponto que os governantes vão entender que eles não vão avançar, sem ter um educador.

4.8.1.5 Maria da Glória Santos Stucker - 80 anos – Barra- Balneário Camboriú

Maria da Glória foi uma das professoras que iniciou o trabalho docente na região, estudou até o 2º ano complementar.

Telefonei para sua residência e comentei a importância de seu depoimento para a pesquisa, depois de conversarmos um pouco sobre educação, a professora Maria da Glória aceitou conceder seu depoimento. Marcado dia e hora, fui até sua casa, localizada em um dos bairros da cidade, considerado Centro Histórico Cultural. Bairro que tem em sua história, contos interessantes, histórias de escravos, de crença, berço de criação do município.

Durante a entrevista, a professora demonstrou vontade em narrar sua história de amor, de realização e até de decepção com a educação. Iniciou sua carreira aos 17 anos, com pouca formação, mas com disposição para ser uma boa professora. No desenrolar da entrevista a professora Maria da Glória, solicitou que eu desligasse o gravador. Comentou que algumas informações não gostaria que fossem registradas, e assim foi respeitado. Para acontecer o registro do seu depoimento, foi preciso duas tardes. Em uma das tardes o esposo Adalberto, até quis participar, mas a professora não permitiu. Comentou que agora era vez dela falar um pouco de sua história. No início da entrevista a professora ficou um pouco nervosa, mas logo depois conseguiu se tranquilizar. E então, narrou sua trajetória docente com detalhes importantes, desde sua formação até sua experiência de sala de aula.

Minha primeira professora foi Adélia Santos Coelho. Meus anos escolares foram muito bons por ser inteligente e ter uma vida boa. Sempre quis ser professora, e fui, mas lamento por não ter minha carreira profissional reconhecida.

Meu pai era pescador e a mamãe doméstica, ambos estudaram até a terceira série. Nasci no bairro da Barra e minha infância foi aqui. Naquele tempo a gente era muito pobre, mas éramos felizes assim, satisfeitos.

Comecei a lecionar com 17 anos, sendo que naquela época não era necessário ter a formação exigida hoje. Os professores tinham indicação política. Gostava de minha profissão, os alunos eram obedientes e aplicados, todos queriam aprender. As crianças vinham da Mata de Camboriú, Estaleiro, Taquaras a pé para estudar na Barra.

As professoras ensinavam a metodologia básica: primeiro as vogais, depois as consoantes, e então junta-se para formar as sílabas. As meninas eram maioria nas classes, pois os meninos trabalhavam com os pais na roça e na pesca.

Por ser uma comunidade pouco afortunada, os alunos utilizavam-se de caneta tinteiro, e os que podiam somente compravam caneta e as usavam junto com o caderno.

A primeira escola ficava localizada onde hoje é a Rua Emanuel Rebelo dos Santos. As casas escolares eram de madeira, possuíam em média duas janelas na frente e uma porta ao lado, carteiras e quadro-negro.

Naquela época os pais participavam da vida escolar do filho, indo à escola e perguntando sobre seu desempenho. Ainda comentavam que se desobedecessem os professores poderíamos puni-los. Pagavam cerca de 500 réis, na época, para o caixa da escola, para que os filhos pudessem receber caderno e lápis.

Nesse tempo quem cuidava das escolas eram os inspetores que iam perguntar aos alunos sobre matemática, português, etc. E se fosse verificado que as crianças não estavam tendo um bom aprendizado eles iam exigir das professoras. A comunidade também era cuidada por tal inspetor, e as pessoas não se intrometiam, não se envolviam na escola. Escrevia apagadinho para os ladinos passarem por cima e ensinava as letrinhas, primeiro as vogais, depois as consoantes, depois as sílabas. Ia na mesinha de um por um, às vezes endureciam os dedinhos, era tão difícil, mas ia indo até que aprendiam.

A professora era bem tratada a ponto que fosse boa professora. Para esse cargo eram colocadas pessoas distintas, não podendo de modo algum ser mãe solteira. As professoras tinham técnicas para obter disciplina dos alunos tais como palmatória e colocar o aluno ajoelhado em areião grosso. Mais eu nunca precisei usar técnicas como essas, apenas conversava e os alunos atendiam.

A religião não influenciava muito o ensino, na Barra principalmente, onde era a totalidade católica. Já no Rio Pequeno de Camboriú existiam presbiterianos, e então essas crianças eram soltas antes da Doutrina que era dada uma vez por semana, e ensinava a rezar o Pai Nosso, Ave Maria e como deveria ser para obedecer a Deus.

Eu ensinava os alunos numa didática antiga, escrevendo fraquinho para que os alunos escrevessem por cima. Com os mais difíceis pegava na mão e ajudava até aprenderem a fazer, até que eles escrevessem sozinhos.

A avaliação era feita de forma que só as crianças que sabiam mesmo passavam de ano. Eram feitos ditados de palavras e sentenças, e assim eles provavam seu conhecimento. O professor fazia o planejamento das aulas seguindo a cartilha para a criança estudar. As aulas eram preparadas, na maioria, em casa, principalmente quando haviam ditados e esses eram feitos em uma aula em especial. Os alunos aprendiam a ler na escola, dificilmente os pais os faziam praticar em casa, tudo isso era responsabilidade do professor.

Um dos fatos mais marcantes de minha vida escolar foi um dia em que minha irmã beliscou o menino que sentava à sua frente. A professora acusou-me de ter cometido tal ato e me colocou para fora da classe. Eu chorei muito e cheguei a dizer para meu pai que não queria mais ir para a escola, mas fui mesmo assim, pois fui incentivada a terminar o último ano. Minha infância foi pobre, mas alegre, lembro que fazíamos ninhos de natal e recebíamos docinhos de presente nestes. As brincadeiras eram diversas como amarelinha, corda e roda. Eu acho que a educação é algo com o qual não conseguiríamos viver sem, e o professor é a figura principal no aprendizado. Lecionei na parte da tarde e acredito que os alunos da época eram muito mais obedientes que os de hoje em dia. Não me arrependo de ter sido professora, e durante este tempo substitui muitas colegas de profissão. A única coisa que sinto é de não ter me aposentado como professora, isso nunca vou esquecer.

4.8.1.6 Amélia dos Santos Vitor - 83 anos – Barra – Bal. Camboriú

Dona Amélia foi contactada por telefone. Após ter recebido as informações sobre a pesquisa, imediatamente se dispôs a marcar um encontro.

Na casa onde mora como o marido, um filho, uma nora, dois netos e dois cachorros, falou de sua vida, mostrou algumas fotos, emocionou-se narrando sua vida docente, sempre emaranhada com a vida de mãe e esposa. Durante a pesquisa foi encontrado o livro ACTA, com o primeiro registro realizado no ano de 1926. Mas foi no registro do ano de 1956 que

localizamos o nome da professora Amélia, naquela época com trinta e três anos, quando a escola ainda era chamada de Escola Isolada da Barra. Amélia fala de sua experiência docente com detalhes que ficaram registrados em sua memória.

Quando eu estudava fui até a 4^a série. O conhecimento que se adquiria dava para passar para a série seguinte. No segundo ano tinha português, matemática (no quadro), ciências e geografia. E aí na geografia tinha aqueles mapas na parede, então a gente tinha que apontar tudo direitinho. Minha primeira professora foi Dicanelo, ela era de Itajaí, eu estudava no Grupo Vitor Meireles. Na escola tinham meninas pobres e ricas e estas não gostavam de se misturar com as pobres, a gente mesmo assim de vez enquanto brincava. Nossa brincadeira preferida era bandeira solta e de roda. Lembro que papai e mamãe estudaram até o terceiro ano. Papai era pescador e mamãe só cuidava da casa e dos filhos. Na infância durante o Natal nós pegávamos aquele negócio que o passarinho faz ninho e colocava no chão da sala, fazia tipo um ninho e ficava esperando o Papai Noel. Aí tinha sempre um que ia lá e colocava uma coisinha. Em um desses natais, a madrinha de uma irmã minha, se vestiu de papai Noel e encheu o saco com loucinha de barro, hoje quase não tem mais. Naquela época era o brinquedo que toda menina gostaria de ganhar. Então depois que colocou todos os presentes no saco, ela subiu as escadas, mas aconteceu o que ninguém esperava ela caiu. Na queda a madrinha quebrou as loucinhas, nós rimos muito naquele dia, foi tanta gargalhada que acabamos esquecendo que o que havia quebrado era o nosso valioso brinquedo. Depois que terminei a 4^a série, fui substituir minha irmã Darci, lá na Mata de Camboriú. Eu dei aula durante três meses, aí nas vésperas de eu entregar o cargo, o inspetor Pedro Paulo Phillippe me pegou na surdina às 8 horas da manhã. Quando ele chegou eu estava varrendo a sala de aula. Estava com a cabeça baixa, fiquei nervosa, pois não tinha experiência, mas enfrentei o desafio. Ele chegou e pediu o livro de chamada. Pegou o livro na mão e verificou a chamada, depois pediu o caderno dos alunos, eu dei a ele, estava tudo direitinho. Porque eu era uma professora na linha com os alunos, e o inspetor escolar gostou muito do meu trabalho. Então foi assim que comecei a lecionar.

Lembro-me que quando aparecia um aluno com dificuldade, eu pegava na mão dele e escrevia junto com ele, até ele aprender.

No dia-a-dia da sala de aluna, eu sempre gostava de fazer assim: Primeiro eu ensinava o ABC que tinha que aprender e bem aprendido. Depois a criança ia juntando B+A, B+E, aí fazia sílabas, depois formava palavras e então, começava a ler e escrever. Para ensinar matemática eu usava o bambu, cortava todos no mesmo tamanho, ensinava a adição, a subtração e assim ia. Usava também a cartilha AEIOU chamada Meninice. Dalí ensinava a primeira letra A e perguntava: - O que a gente escreve com A? Eles respondiam: -AVE! (Está certo!). E assim nós íamos para frente e eles iam aprendendo. Quando eu fiquei efetiva, levou uns três anos e passou para Grupo Escolar, então, veio professora nova e eu me aposentei.

4.8.1.7 Joana Vieira dos Santos - 90 anos - Balneário Camboriú – Centro

A narrativa da professora Joana trás o tamanho exato de quem viveu uma real paixão pela educação. Testemunha de grandes transformações no município de Balneário Camboriú, ela conta em detalhes momentos vivenciados pela educadora, mãe e esposa.

Além de ser pioneira na educação, a professora Joana gosta de falar e receber docilmente pessoas interessadas em suas histórias. O esmero com que se preparou para os encontros, o delicioso lanche preparado, transparecia a alegria de quem guarda na memória não apenas fatos tristes, mas sim uma centena de razões que fizeram com que a mestra muitas vezes esquecesse até mesmo de retornar pra casa no final do expediente escolar. Durante a entrevista a professora Joana não demonstrou nervosismo e nem insegurança para narrar sua história. Professora desde 1944, relata em sua trajetória experiências singulares de uma docente, que almejava continuar estudando para dar o melhor de si. Neste momento de aprendizagem e exercício docente nota-se em sua fala a dedicação e a satisfação de ensinar. Em sua fala encontra-se fragmentos, ou melhor, expressões que denotam o prazer, a alegria de quem viveu uma história de intenso amor com a educação.

Eu estudei até o complementar, minha primeira professora se chamava Amélia Maria Cabral. Era bom estudar naquela época, mas era muito longe, eu morava no Tabuleiro, e ia lá no Canto da Praia (Pontal Norte - Balneário Camboriú). Então era uma

caminhada muito grande, mas era bom estudar. Eu sempre gostei da idéia de ser professora, achava que era uma missão bonita. Eu tinha uma vontade de estudar, esse foi um motivo que me chamou a atenção.

Nós éramos lavradores, trabalhávamos na roça, mas eu gostaria de estudar. Meus pais eram pobres e eu não podia estudar, então só fiz o complementar mesmo. O complementar seria o Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª Séries. Não tinha outro estudo aqui em Camboriú. Minha infância era na roça ajudando meus pais a trabalhar. Nós trabalhávamos em engenho de farinha, engenho de cana, e nós fabricávamos farinha e açúcar. Assim ajudava os meus pais quando era pequena.

Minha mãe tinha as mãos pisadas, não podia trabalhar. Nós de pequenina, já dávamos conta de cuidar do serviço da casa, de cozinhar, limpar e lavar. Era uma vida sacrificada, nós não tínhamos uma infância assim com brincadeiras, era muito difícil. Lembro que nossa maior alegria era a chegada do Natal. Comemorava-se, eles diziam que era o menino Jesus que vinha trazer alguma coisa para a gente, então nós fazíamos aqueles ninhos de barba de velho, em cima da mesa, enfeitava com flores pra ver se ganhava um presentinho. No outro dia tinha uns docinhos, uma coisa assim, eles não tinham condições de dar uma coisa boa pra gente, mas o Natal era muito legal e nós adorávamos os presentinhos.

Eu sempre gostei de ser professora, para mim era uma alegria estar com as crianças. E sempre fui substituta. Antes de me formar, sempre ia na escola, as professoras me convidavam para substituir quando era necessário. Eu estive quatro anos em Canhanduba, na escola municipal, substitui aqui em Camboriú no Grupo Escolar José Arantes, aqui também na Escola Canto da Praia, a professora Dolores Linhares, eu substitui. Depois foi criado em Camboriú o curso complementar e como eu queria ser professora mesmo, não sem título, mas uma professora mais consciente, com mais conhecimentos, então fui estudar em Camboriú. Depois de formada eles me deram o Rio Pequeno, aí eu fiquei uns 5 ou 6 anos. Depois vim pra Balneário Camboriú. Trabalhei então na Escola Laureano Pacheco.

Para fazer as matrículas dos alunos, nós fazíamos assim, quando terminavam as aulas. Depois do início do ano letivo, uns quinze dias antes de começar as aulas, nós tínhamos que ir nas casas, procurar alunos para matricular, senão eles não iam na escola.

Era um trabalho difícil, mas nós gostávamos, estávamos a serviço da comunidade. Quando nós víamos que os alunos não tinham condições de comprar o uniforme, então fazíamos a campanha das espigas de milho, das garrafas. As crianças traziam e nós vendíamos aos comerciantes. Esse dinheiro ia para o caixa. Eu comprava pelúcia, as costureiras ajudavam a costurar as roupinhas para crianças que estivessem sentindo frio, e sandalhinha, aquela conhecida como alpargata, nós levávamos para as crianças que ficavam descalças. Em 1944 eu me formei e depois de vinte anos de formada, Balneário Camboriú se emancipou.

Naquela época (1952) nós explicávamos a matemática no quadro. Passávamos no quadro e eles iam resolver, depois então passava no caderno pra levar pra casa, no outro dia traziam resolvidos. E aquela criança que tinha uma dificuldade, não conseguia entender, compreender, eu fazia material didático para auxiliar na aprendizagem.

Lembro que o professor era indicado pela Secretaria da Educação, porque eu trabalhava pelo Estado. O inspetor escolar levava o nome da gente na Secretaria e vinha com a portaria. Nós não podíamos começar a lecionar sem ter a portaria. A Secretaria da Educação enviava um Programa e nós planejávamos as aulas em cima do programa. Nós fazíamos cartazes, a criança prestava mais atenção, eles tiravam da revista as figuras. Nós tínhamos aulas de geografia, os rios, por exemplo, combinando com a matéria toda.

Para ser professora era preciso ter o curso complementar de 5ª a 8ª Séries. Aí nós éramos professoras nomeadas, depois mais tarde é que começou o normal, que era o 2º Grau. Esse pessoal que fazia o normal, eram chamados de normalistas. Na época era como uma faculdade. Nesse período se valorizava muito a educação, os pais também cooperavam com a gente, claro que sempre tinha aquele que não ajudava muito. Se acontecia da gente ensinar alguma coisa que as crianças não queriam estudar ou estivessem um pouco rebeldes, eu ia nas casas pra levar ao conhecimento dos pais daqueles que não estavam levando os estudos a sério. O inspetor escolar não dava quase orientações, ele vinha mesmo era ver se estávamos trabalhando direito, se estávamos desenvolvendo o programa. Cada mês tinha um programa e nós tínhamos que dar conta dele. Lembro que esse negócio de deixar passar de ano sem saber não podia, o aluno não podia ficar abandonado, ele precisava saber. Nossa avaliação era por intermédio de exame. As disciplinas ensinadas eram Português, Matemática, Geografia, História, Conhecimentos Gerais e Catequese aos sábados.

Os diferentes caminhos percorridos pelas professoras entrevistadas, descrevem suas histórias de vida pessoal e profissional, que supõem que o ser e o fazer-se professor estavam atrelados a todas as experiências vividas por elas. De acordo com Tardif (2002, p.72)

[...] o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva mas com grande convicção, na prática de seu ofício.

Neste sentido, o ser e o fazer-se professor são constituídos por conhecimentos, ou saberes experienciais, vivenciados no dia a dia docente, como também nas experiências vivenciadas quando discentes. Estes saberes vão sendo adquiridos, herdados durante toda história escolar, das amizades, das conquistas e fracassos, dos momentos bons e ruins. As narrativas docentes pesquisadas revelam a importância da história de vida dos professores, especialmente do vivido na idade escolar, nas trocas, nas experiências, nas vivências, tanto no que diz respeito a escolha do magistério como o estilo adotado para ser um profissional da educação. Tardif (2002, p.79) afirma que:

[...] o tempo de aprendizagem do trabalho não se limita à duração da vida profissional, mas inclui também a existência pessoal dos professores, os quais, de um certo modo, aprenderam seu ofício antes de iniciá-lo.

Uma constatação importante é que ao mesmo tempo que as trajetórias docentes das professoras pesquisadas são diferentes parecem se igualar em alguns momentos. Sabe-se que suas primeiras experiências docentes constituem as décadas de 1937 à 1954, perfazendo um total de dezessete anos, onde percebe-se que a educação brasileira, quer dizer, em Balneário Camboriú não sofreu grandes avanços. Os modelos educacionais adotados por elas parecem se igualar, as condutas docentes apresentam padrões estabelecidos por um governo, ou por uma política educacional centrada no controle de ideologias pré-estabelecidas na e pela sociedade. Ademais, observa-se também algumas mudanças no relacionamento de professor e aluno, pois, com o passar dos tempos, os

professores aprendem a compreender melhor os alunos, suas necessidades e dificuldades, procurando meios didáticos que possibilitem a aprendizagem.

Nesta perspectiva percebeu-se que os saberes profissionais são variados e heterogêneos, pois as diferentes experiências narradas traduzem isso, apesar de fazerem parte de um grupo de docentes que viveu praticamente as mesmas décadas de experiências docentes, de implantação da educação, de conquistas e fracassos. As professoras entrevistadas expressam ações diferenciadas na busca de atingir diferentes objetivos, pois um professor raramente utiliza os mesmos meios para alcançar a aprendizagem de determinado aluno, cada qual com suas especificidades.

4.9 Trajetórias convergentes e específicas: traços dos professores pesquisados

Há consciência de que os dados obtidos com esta pesquisa, não buscam ter um resultado pronto e definido, mas abrem portas para compreensões, interpretações e sem sombra de dúvidas, trás consigo um movimento de registro de como aconteceu e viveu o professor na cidade de Balneário Camboriú. As narrativas apresentadas indicam como o fazer-se professor está intimamente ligado a uma série de fatores e que as experiências individuais são, além de singulares e dinâmicas, altamente complexas, pois não obedecem uma ordem automática. De acordo com Rego (2003, p.348)

A riqueza dos testemunhos mostra, entre outros aspectos, que nenhum dos entrevistados é indiferente à escola. Todos têm o que recordar e o que contar sobre as dificuldades, as alegrias e decepções vividas nos seus tempos de escola. O fato de terem o que relatar já demonstra por si o significativo espaço ocupado pela escola em suas vidas.

É evidente que os depoimentos retratam os fatos marcantes e significativos em cada uma das vidas. O que talvez seja significativo para uma das depoentes, não o tenha sido para a outra. As professoras lembram-se das datas de quando iniciaram na carreira docente, dos tempos de infância, de como era difícil a vida de ser professor, de como o professor era respeitado, das metodologias utilizadas nas aulas, dos materiais didáticos produzidos, das cartilhas usadas, enfim uma série de informações que apresento no quadro a seguir:

Nomes e dados Biográficos	Idade	Local e data de nascimento	Profissão
Saete Maria da Luz	63 anos	Biguaçu – Florianópolis 02/07/1943	Professora Aposentada
Maria da Glória Santos Stucker	79 anos	Balneário Camboriú 18/11/1926	Professora, não se aposentou como tal.
Amélia dos Santos Vitor	82 anos	Balneário Camboriú 21/05/1923	Professora Aposentada
Joana Vieira dos Santos	90 anos	Balneário Camboriú 21/08/1916	Professora Aposentada
Dolores Pereira Rodrigues	88 anos	Camboriú março de 1913	Professora Aposentada
Marlene Buratto	66 anos	Bom Retiro (SC) 15/05/1940	Professora Aposentada
Marlene Demonti	69 anos	Laguna 08/05/1937	Professora Aposentada

Nomes e dados Biográficos	Quando iniciou seu trabalho (ano) Como foi o início da carreira	Narrativa da infância na escola	Planejamento e estratégias de ensino
Salette Maria da Luz	1963 A escolha pelo magistério foi acontecendo, então optei por ser professora. No início era difícil porque a gente era nova, não tinha experiência. Eu trabalhei em uma escola pequena, era isolada, com todas as turmas juntas.	Eu gostava bastante de ir para escola, morava longe e ia a pé, tinha muitos amigos e as professoras eram bacanas.	A gente combinava na sala de aula e cada uma fazia o seu, uma mostrava para a outra para ver se estava bom ou não, porque não tinha diretora naquela época, era escola isolada, só tinha professora regente. Fazia planejamento semanal. E tinha os livros, a gente marcava as leituras, os pontos e passava para os alunos. As vezes o inspetor escolar olhava o nosso caderninho. Ele vinha na escola e fazia perguntas para os alunos, pra ver se estava no planejamento.
Maria da Glória Santos Stucker	1943 Eu gostava bastante de estudar, porque eu era muito inteligente, era uma vida muito boa. Sempre tinha isso na mente, que eu queria ser uma professora e fui. Comecei a lecionar quando tinha 17 anos. Só que eu tenho uma grande tristeza, porque nunca consegui me aposentar como professora.	A minha infância aqui era muito boa, a gente era pobre mas era feliz. Naquela época a gente estudava com lousa, esse era o nosso caderno.	Planejava as aulas em casa pra levar tudo preparadinho pra lá não ter problema nenhum. Sabia a aula que ia dar. O inspetor escolar fazia visitas na escola de vez em quando. Era assim, o inspetor vinha, tinha um tempo marcado pra eles virem na escola. Durante a visita eles perguntavam para as crianças sobre matemática, português, pra ver se as crianças estavam aprendendo bem. Se acontecesse de o inspetor verificar que os alunos estavam com

			muita dificuldade, ele já registrava na ata e exigia que a professora ensinasse melhor.
Amélia dos Santos Vitor	1940 Foi acontecendo, eu não planejei nada, mas acabei me tornando professora. Eu lembro que fui indicada	Existiam meninas ricas que não brincavam como as pobres, tinha uma menina que dizia: porque vocês não querem brincar com ela, só porque ela é pobre. O sangue dela é por um acaso mais fraco?	Fazia o planos em casa e mostrava para as outras professoras. Eu fazia assim: “Olha vamos ler a página tal, um lia um pedacinho, o outro lia outro pedacinho, assim eu via se estavam prestando atenção. Mandava tarefa para casa, alguns estudavam (risos), malandros né. Eles levavam para estudar, mas... Eu tinha uns alunos bons na classe.
Joana Vieira dos Santos	1944 Eu sempre gostei de ser professora, para mim era uma alegria estar com as crianças. E eu sempre fui professora substituta, antes de me formar. Eu ia na escola e as professoras pediam para eu substitui-las, depois me formei e então tinha a minha turma. Não era fácil, mas eu já tinha alguma experiência.	Nós estudávamos do primeiro até o terceiro ano. Era bom estudar naquela época, mas era muito longe, onde eu estudava. Eu morava no tabuleiro, e ia lá no canto da praia. Então era uma caminhada, muito grande, mas era bom estudar.	Nós fazíamos planejamento. O programa de ensino vinha da secretaria da educação. Nós planejavamos em cima do programa. Nós fazíamos cartazes, a criança prestava mais atenção, eles tiravam da revista as figuras. Tínhamos aulas de geografia, os rios, por exemplo, combinando com a matéria dada, eram os chamados centros de interesse. Nós víamos qual seria o primeiro dia de português e as matérias que íamos lecionar naquela semana . Com a matemática era a

			<p>mesma coisa. Hoje começava com matemática, amanhã com português. Fazia o planejamento em casa, de noite, tirava o programa e planejava com ele, fazia de segunda a sábado, fazia a tarefa, cada folha tinha a tarefa do dia. Também tinha leitura todos os dias. Lia com eles um trecho todo dia, e ali trabalhava as categorias gramaticais que eram dez. Cada aluno lia um parágrafo da leitura.</p>
<p>Dolores Rodrigues Pereira</p>	<p>1937 Eu tinha dezenove anos quando comecei a lecionar. Foi no dia 17 de julho, que comecei a lecionar em Taquaras. Foi minha primeira experiência. Lecionei lá até 1941, depois fui removida para Várzea do Ranchinho. A educação naquela época era compreendida, não como alfabetização, mas como respeito, no saber tratar, era o que eles entendiam por educação. Depois no decorrer do tempo, com a gente ensinado e explicando, a educação da escola era alfabetização, aprender a ler, escrever, a contar. E a educação se</p>	<p>Quando comecei a estudar nem posso compreender o que vou dizer, porque foi um tempo feliz. Uma vida de estudante muito boa, muita atenção, inteligência, compreensão, o quanto eu ouvia, gravava. Por quanto eu fiz a 4ª. Série em três anos e meio. No dia 1º de junho foi o meu primeiro dia de aula, isso era ano de 1927. Só mesmo por pensamento e amor que eu tinha pela leitura e escrita. As minhas primeiras professoras, como já falei era a Dona</p>	<p>A metodologia da época, usava-se o quadro e com os centros de interesses, hoje a ilustração. Era uma cartolina grande, com diversas gravuras pregadas. Assim, uma estrada, um carro, uma carroça, um cavalo, um cargueiro que era o que tinha lá em Taquaras. No ano de 1937 quando eu fui para Taquaras trabalhei assim, pregava na parede, e então, perguntava: “- Vocês sabem o que significa isso? Eles respondiam, uma estrada, aí um cavalo que vai levando carga</p>

	<p>prezava o respeito, a obediência aos pais, era a educação compreendida naquela época. A professora tinha que ter uma boa moral, não era qualquer um, às vezes eu era chamada para resolver problemas na comunidade, era conselheira.</p>	<p>zoe Melo, 1º. Ano, ela era muito rígida, era enérgica. Os aparelhos de educação dela eram a régua, era milho nos cantos para colocar de joelho, puxão de orelha. Ali ninguém podia falar, ninguém podia sorrir. Ali era uma prisão, dentro da educação, dentro do ensino, porque quando ela levava os alunos para o quadro pra ensinar, ela queria o máximo de silêncio, para aqueles que estivessem ali ouvissem e vissem ela escrever. E os que estavam nas carteiras também ficassem muito atentos, porque se ela ouvisse um riso, uma conversinha pequena, ela executava na hora do recreio.</p>	<p>em dois balaios, ceirões, e assim começávamos a aula, e trabalhávamos todas as áreas de conhecimento.</p>
<p>Marlene Buratto</p>	<p>1954 Quando terminei o 2º. Grau, como normalista, isso era o máximo. Nós ouvimos falar em pedagogos, mas isso era no Rio de Janeiro e São Paulo e estava começando a Universidade Federal de Santa Catarina com o curso de Pedagogia, em Florianópolis. Quando eu estava na 4ª. Série do ginásio, aconteceu uma coisa</p>	<p>Eu estudei no Grupo Escolar Paulo Zimmermann em Rio do Sul. Lá eu me alfabetizei e na 4ª. Série fui estudar num Colégio só de meninas, chamado “Colégio Maria Auxiliadora”. Lembro que neste ano fazia muito frio, foi a primeira vez que eu vi neve e usei capuz, isso</p>	<p>Nós tínhamos os recursos que temos hoje, mas por exemplo, nós fazíamos pra nossas crianças filminhos em cartolina, hoje nós colocamos a fita no vídeo cassete e a televisão apresenta. Nossa televisão era uma caixa de papelão, nossos recursos eram criados a partir de nossa imaginação. Nós contávamos com palitos de fósforo,</p>

	<p>interessante, havia falta de professores, minha irmã mais velha já era professora. Então tinha que substituir, era o mês de setembro, uma professora de 1ª. Série. Então não tinha professor disponível, como minha irmã era professora nesta escola. Então a diretora, a dona Solange Ramos disse: “Teresinha, traga sua irmã, porque já está no mês de setembro, nós ajudamos ela a concluir este ano” . Assim eu me tornei professora, eu tinha 14 anos.</p>	<p>foi em Rio do Sul. A professora era Irmã Irene, nós víamos cair pela janela a neve, mas ela não queria deixar nos vermos. Todas as crianças saíram correndo para a porta, para ver a neve. Foi muito interessante.</p>	<p>porque não tínhamos ábaco, pedíamos para recolher pedrinhas e todo mundo aprendia a fazer contas. Não colocávamos papel fora, tudo era aproveitado. Confeccionávamos marionetes. Na época nós amassávamos o jornal ou papel higiênico e fazíamos a marionete. Por isso que eu digo, os recursos estão aí, antes nós tínhamos mais conhecimentos, porque nos criávamos. Todo material saía do próprio dinheiro, do salário do professor, talvez por este motivo ninguém colocava material fora.</p>
<p>Marlene Demonti</p>	<p>1953 Iniciei minha carreira como professora substituta, no município de Sombrio, tinha aproximadamente 16 anos. Depois de alguns anos consegui ser lotada como professora efetiva. Naquela época era só uma classe com a 1ª, 2ª, 3ª. e 4ª séries. Não era fácil, pois eu não tinha experiência, mas com o tempo fui aprendendo. Comecei a lecionar em Bal. Camboriú, em 1966 na Escola Isolada da Barra.</p>	<p>Foram tempos alegres, nós brincávamos muito de roda, a festa de sete de setembro era muito esperada. Foi uma fase muito gostosa, de aprendizado. Era puxado, porque a gente aprendia quatro operações, a fração. Era diferente de hoje, era mais estudo, não era tanta pesquisa, era mais aula mesmo. Na escola eu fui muito cobrada, além de ser filha de professora, eu também era aluna dela. Então, a cobrança era</p>	<p>Era um método bem antigo. Por exemplo na primeira série, era o método do “beabá”, era por sílabas, palavras, depois frases. Não era como agora, do todo para o nada. Nós começávamos a ensinar primeiro pelas letras:a,e,i,o,u. Depois as sílabas, depois as palavras. A criança saía da primeira série lendo.</p>

		enorme, ela foi minha primeira professora, minha primeira catequista. Recebi os primeiros ensinamentos com a minha mãe.	
--	--	---	--

Nomes e dados Biográficos	Instrumentos Pedagógicos	Experiência Significativa	Perseguições Político Ideológicas
Salete Maria da Luz	O material era caseiro, usávamos sabugo de milho pintando em cores, para trabalhar as dezenas, quadro negro, giz, livros, mapas, etc.	Eu era a professora responsável. Nós tínhamos uma hora de folga para fazer o planejamento, cada uma fazia o seu, às vezes o inspetor escolar olhava o caderninho.	Eles comentavam que tinha, mas eu nunca vi.
Maria da Glória Santos Stucker	Caneta tinteiro, quadro, giz, cartilha, cortava bambuzinho para fazer canetas tinteiras e também usava para ensinar a matemática. Usava também caderno (risos) mas era aquela tristeza, pois era muito difícil escrever a tinta.	A gente mandava ler mas não liam, somente aqueles bem aplicados.	Existiam, se o governo mudasse, aquela professora que era favorável ao governo permanecia, senão era tirada.
Amélia dos Santos Vitor	Quadro preto, tinha caderno, lápis, caneta, tinha tinteiro, o livro do macaco intrometido, grãos de feijão.	Alfabetizei um aluno surdo. Ele me chamava de Tutuí, e não queria outra professora.	Sim, existiam. Se o governo perdia a professora perdia a vaga também.
Joana Vieira dos Santos	Quadro negro, caderno, cartilhas, caneta, lápis, cartazes, figuras...	Eu tive tantas emoções que eu não sei distinguir, mas eu tive emoções fortes. Eu fui uma privilegiada, eu tive uma carreira de docência muito bonita.	Muita, inclusive eu fui perseguida. Eu fui perseguida porque meu irmão era chefe político. Então mudou de partido, aí eu fui judiada. Eles me removeram para um lugar chamado Limeira, era muito distante. Lá era só caminho de barro, pra passar de carroça os

			morros era muito difícil.
Dolores Rodrigues	Pereira Cartilhas, cartazes, figuras, lousa, palmartória, régua.	Foram muitos momentos, mas em 1937, na escola de Taquaras eles não sabiam o que era uma bandeira. O senhor prefeito de Camboriú, o Flávio Vieira, porque naquela época Balneário Camboriú, pertencia a Camboriú. Então ele deu a bandeira e o meu esposo construiu o mastro. Naquele tempo se lecionava aos sábados, então as homenagens cívicas eram aos sábados. Assim no ano de 1937 tivemos nossa primeira homenagem Cívica com bandeira.	Aconteciam demais. Ocorreu um fato que ainda hoje lembro, isso aconteceu com o inspetor de quartirão. Havia uma rebeldia, as professoras que não fossem do mesmo partido eram transferidas para longe de suas casas, era bem difícil.
Marlene Buratto	Cartazes, marionetes, palitos de fósforo, livros, revistas...	Eu já tive tantas emoções que eu não sei distinguir, mas eu tive emoções fortes. Eu não poderia relatar um. Eu fui uma privilegiada, eu tive uma carreira de docência muito bonita. Mas no ano de 2004, encontrei um ex-aluno na secretaria de educação em Balneário Camboriú, e para minha surpresa ele me reconheceu e hoje é um dos diretores de escola do município, foi emocionante.	As perseguições políticas ideológicas não cheguei a ver nenhum caso e muito menos vivenciei.

<p>Marlene Demonti</p>	<p>Para ajudar na aprendizagem do aluno nós fazíamos muito material didático, usávamos cartazes, palitos, feijão, figuras, enfim sempre procurávamos criar meios para auxiliar na aprendizagem.</p>	<p>O que mais marcou na minha vida, foi quando lecionava em Navegantes, precisava ir de ônibus até o Marcílio Dias, de lá seguia a pé, até a balsa e atravessava o Rio Itajaí de barquinha. Um dia deu problema na barquinha que parou bem no meio do rio, e a Marinha é que veio nos socorrer. Podia chover forte, como fosse que eu nunca faltei ao trabalho. O diretor da escola sempre falava que eu era um exemplo de professora.</p>	<p>A perseguição política sempre existiu. Esse era um dos problemas frequentes, encontrados na escola. É que os políticos ficavam vigiando o professor. Ficavam observando se o professor chegava tarde ou chegava cedo, era um controle só. E se o partido do professor perdesse ele era transferido, o melhor mesmo era não se manifestar politicamente.</p>
-------------------------------	---	--	--

Nomes e dados Biográficos	Escolaridade e profissão dos Pais	Para conseguir Disciplina	Curso de Formação Continuada
Salette Maria da Luz	Meu pai estudou até 4ª série, e era operário (operário de fábrica de alimentos). Já minha mãe não sei pois ela faleceu quando eu era bebê.	Eles não eram naquela época indisciplinados, eles eram levados e dava para contornar. Eu conversava e naquela época não tinha televisão. Acredito que a televisão deseduca.	Precisava fazer o curso normal regional. E os cursos que o Estado ministrava de vez em quando.
Maria da Glória Santos Stucker	Meus pais estudaram até a 3ª série, papai era pescador e mamãe era do lar.	Quando eu era aluna tinha palmatória, areião grosso para as crianças se ajoelharem em cima quando desobedeciam. A família participava da vida escolar dos filhos. Eles vinham na escola saber como os filhos eram, se eles estivessem desobedientes era só contar pro pai. Os pais ainda diziam que podia bater, e quando chegavam da escola em casa, os alunos eram punidos.	Não existia, e como sou preparada para lecionar não precisou.
Amélia dos Santos Vitor	Meus pais estudaram até a 3ª série, papai era pescador e mamãe era do lar.	Tinha palmatória, tampinha de garrafa... mas eu só conversava. Mas aconteceu um dia que eu tinha um aluno lá do Itajaí, esse me incomodava. Fazia	Fiz curso quando faltava pouco para me aposentar, por causa do ensino renovado. Era do governo do estado, eles davam todo material. Depois de

		<p>careta, por trás de mim enquanto eu corrigia a lição dos outros. Eu dizia vai sentar guri, mas não adiantava. Então eu joguei a palmatória nele, mas não acertou, pegou no aluno que estava atrás. Eu pensei que tinha matado o menino, saiu muito sangue. Eu coloquei pó de café e o sangue estancou. Fui falar com o pai do menino, e ele não achou ruim. Essa palmatória foi esse pai que deu pra mim.</p>	<p>acabar o curso no Colégio Vitor Meirelles, que era todos os dias, o período todo, aí eu me aposentei.</p>
<p>Joana Vieira dos Santos</p>	<p>O papai e a mamãe eram lavradores. O papai eu não sei até que número de grau ele tinha. Só lembro que ele sabia muito matemática. Eu chegava em casa com os trabalhos escolares, e ele me ensinava tudo direitinho. Aprendi muita coisa com meu pai. Já minha mãe era analfabeta.</p>	<p>Eu achava feio uma professora ficar gritando com os alunos. Naquela época nós éramos como mães dos alunos, eles eram como se fossem meus filhos, então com disciplina eu não me incomodava.</p>	<p>Só ter o curso complementar (5ª. A 8ª. Série). Aí nós éramos professoras nomeadas, depois mais tarde é que começou o normal, que era o 2º. Grau. Esse pessoal que fazia o normal eram chamadas de normalistas. Na época era considerado como uma faculdade.</p>
<p>Dolores Rodrigues Pereira</p>	<p>Papai estudou até a 3ª. Série com professor particular (vovô pagava 10 tostões, ou seja, mil réis). Ele era carpinteiro e trabalhava de embarcado, depois honrou a profissão de engenheiro e marcador de terra. Mamãe era doméstica, cuidava apenas do lar.</p>	<p>Eu tinha diversos processos, vamos dizer, rigorosos para a disciplina, mas eu nunca usei. Tinha a palmatória, era um dos objetos mais utilizados pela ex-professora, quando eu fui para Taquaras. Tinha régua, varinha de marmelo. Mas eu</p>	<p>O professor algumas vezes era escolhido, mas muitas das vezes ele era indicado por um político. O conhecimento necessário, era ter o 4º. Ano bem forte. Tinha bastante curso para os professores, através do governo.</p>

		usava minha estratégia, com carinho, com palavras, exemplos, com eles próprios eu conseguia a disciplina e não precisava usar meios de violência.	
Marlene Buratto	Meu pai era filho de imigrantes italianos e apenas foi alfabetizado. Minha mãe era descendente de fazendeiros e durante os seus quatro primeiros anos escolares, estudou na fazenda que meu avô tinha, todos os quatorze filhos, para isso era contratada uma professora pra ensinar os filhos dele na fazenda. Minha mãe era alfabetizada e lia muito. Meus pais forma hoteleiros e produtores de uva.	As crianças eram mais calmas, mais educadas. A família influenciava muito. Acho que nós tínhamos as condução das aulas, daí eu volto a dizer, quando o professor é bem preparado, ele consegue dominar a sala. Quem domina a sala é o professor, com o quê, com conhecimento, não se domina com faca. Você tem aulas bem preparadas, você sabe que uma hora tem que brincar com a criança, tem que sair daquela rigidez, porque tem que extravasar e tudo depende do preparo do professor. Pois, ninguém dá o que não tem.	Mesmo depois de formados, os professores continuavam a fazer cursos de formação continuada. O estado e o município planejavam essas formações.
Marlene Demonti	Naquele tempo não tinha cursos, minha mãe fez até a 4ª série e um curso tipo de aperfeiçoamento agora, era o primário. Meu pai também tinha só o primário, ele era comerciante. Só minha mãe era mais esforçada, naquele tempo era	Era aquela técnica bem antiga, era pra ficar quieto, e tinha que ficar. Se não se comportasse, a professora colocava de castigo, eu nunca gostei de trabalhar assim. Sempre gostei de ser amiga dos alunos. A minha mãe,	Era muito difícil ter curso, quando tinha curso era em Florianópolis. No município mesmo tinha muito pouco, no colégio do estado no município de Sombrio, durante o tempo que lecionei, teve somente dois

	<p>como se fosse o curso de magistério agora.</p>	<p>as vezes usava a palmatória, batei na mão, eu nunca precisei agir assim.</p>	<p>cursos. Uma coisa que também acontecia, que hoje em dia não existe, é que nós ficávamos quase um ano sem receber. Isso aconteceu no governo do Irineu Bornhausen, o estado tinha pouca arrecadação, uma das diretoras escolares em uma de nossas reuniões, chegou a comentar que nos estávamos trabalhando por amor. Para ser professor era preciso, ter o antigo normal regional. Terminava a quarta série, fazia o ginásio. Para nós tinha a admissão, que era o antigo complementar, era a quinta, sexta, sétima e oitava série. Assim já poderia lecionar como complementar, só que a professora era mais preparada com o normal regional. O professor sempre foi indicado politicamente. Existia muita política naquela época, a professora era removida. Conheci professoras que forma perseguidas e maltratadas mesmo por políticos.</p>
--	---	---	--

Nomes e dados Biográficos	Processo de Aprendizagem	Experiência com Aluno	Quando começou a lecionar como era ser professora
Salette Maria da Luz	Ocorria através de atividades, das provas e deveres escolares. O aluno que tinha dificuldades eu ficava com ele até depois do horário.	Eu tive um aluno que eu briguei com ele um dia, aí eu disse que ele não entrava mais na escola sem a mãe dele porque tinha sido muito malcriado. Quando eu saí da escola a mãe dele estava me esperando furiosa, tocou a boca. Passei e não disse nada, fui embora. No outro dia fui pra escola de novo, quando cheguei a irmã dele veio pedir se ele podia voltar para a escola. Eu disse se ele me obedecesse poderia. E ele voltou, quando eu casei ele me deu duas dúzias de ovos e eu e sua mãe nos tornamos amigas	Era difícil porque a gente era nova e não tinha experiência. Eu trabalhei em uma escola no Estreito em Barreiros, durante 6 meses. Isso foi em 1962 era uma escola pequena, era isolada, com todas as turmas juntas.
Maria da Glória Santos Stucker	Escrevia apagadinho para os ladinos passarem por cima e ensinava as letrinhas, primeiro as vogais, depois as consoantes, depois as sílabas. Ia na mesinha de um por um, às vezes endureciam os dedinhos, era tão difícil, mas ia indo até que aprendiam...	Ia um por um, pegava na mãozinha, e as vezes endureciam os dedinhos, era tão difícil, mas ia indo até que aprendiam.	Naquela época, as pessoas valorizavam a educação. Ser professora tem que ser uma pessoa de uma moral bem boa. Ser professora é uma coisa boa porque a gente ensinava os alunos com prazer, as crianças eram muito obedientes, não é como eles são hoje, e os pais também cooperavam.

			Eu gostava demais de lecionar. A professora era bem tratada, desde que fosse uma boa professora, era então estimada pelo povo. Ah! Não podia ser mãe solteira, tinha que ser uma pessoa bem distinta.
Amélia dos Santos Vitor	Tinha a história do boi, a gente começava com as vogais, depois as consoantes, então falava: B + A = BA. Tinha o livro que ensinava as vogais. A cartilha AEIOU, então dali a gente ensinava a letra A. O que se escreve com a letra A? Eles respondiam Ave. Está certo! Na matemática eu ensinava toda a numeração de 0 a 9. Eu era na linha com eles, bem rígida. Mas para ensinar eu pegava na mão deles, escrevia com ele até ele aprender.	Quando eu olhava para o aluno e não me agradava eu não falava nada, não judiava nas notas nem nada. Eu tinha um aluno que quando eu ia corrigir os cadernos, isso no 1º ano, e ele se metia atrás de mim e fazia careta, eu mandava ele sentar e fazer a atividade, mas ele não obedecia...	Eu já era casada quando comecei a lecionar. Eu tinha 33 anos foi na Escola Isolada da Barra em 1956. Eu fui colocada por política, mas se tinha uma escola e uma professora sem escola, essa professora ia até Florianópolis. Depois vinha a relação lá na Secretaria da Educação e pedia vaga.
Joana Vieira dos Santos	Nós fazíamos o planejamento. O programa de ensino vinha da secretaria de educação. Nós planejávamos em cima do programa. Nós fazíamos cartazes, a criança prestava mais atenção, eles tiravam da revista, as figuras. Tínhamos aulas de geografia, os rios por exemplo, combinando com a matéria dada.	As visitas do inspetor escolar eram freqüentes. Ele chegava cumprimentava a gente, nós ficávamos um pouco nervosas. Ele mandava nós lecionarmos, português, matemática e as outras matérias, tudo junto. Ou melhor se passava de uma matéria para a outra sem que criança	Eu sempre gostei de ser professora, achava que era uma missão bonita. Eu tinha uma vontade e estudar, esse foi o motivo que me chamou a atenção, para ser professora. Eu sempre fui substituta antes de me formar. Se valorizava muito, e os pais também eram cooperadores com a gente. Se acontecia

		percebesse, sem sentir que estava trocando de matéria. Isso era de grande dificuldade, pois eu não tinha experiência.	da gente ensinar alguma coisa, que as crianças não queriam estudar ou estivessem um pouco rebeldes, eu ia nas casas levar até o conhecimento dos pais. E então era resolvido. Eu comecei a lecionar em 1944, vinte anos antes da emancipação.
Dolores Rodrigues	Pereira	<p>Ensinava o conteúdo para os alunos até que eles conseguissem aprender. Para o ensino usávamos diversos materiais, sempre os que tínhamos disponíveis. De vez enquanto fazia prova com eles, ditado, leitura para ver se estavam aprendendo. Lembro da cartilha popular, muito conhecida como a “cartilha do sabiá”. Uma das leituras era a do boi, ba, be, bi, bo, bu. O boi bebeu. Tinha leitura da faca. Eles aprendiam brincando, porque aquela leitura era pequenina, aquilo pra eles era uma distração. Depois aqueles que estavam na sessão A, eram lidos os trabalhos. Eles deixavam a cartilha do sabiá, pegavam o livro trabalho, esse era a primeira leitura do primeiro ano forte que estava se preparando para o exame de fim de ano. O livro do trabalho tinha a leitura do macaco intrometido, as</p>	<p>Para ser professor não podia ser qualquer um, tinha que ter uma boa moral. A relação entre professor e aluno era de respeito e carinho.</p> <p>Decidi ser professora quando o inspetor de quarterão de Taquaras o Sr. Tomas Damásio da Silva, me convidou para substituir a professora Maria Venerosa, na escola de Taquaras. Eu morava na própria escola, era permitido que a professora que fosse casada residisse na escola. A comunidade com a escola davam-se muito bem. Era uma família. Lembro que muitas vezes os pais me procuravam para pedir conselhos. A professora era muito importante, considerada uma autoridade. Os pais concordavam com os dizeres do professor, bem como com o que ele fizesse.</p>

	leituras sempre vinham com uma moral da história. O macaco era intrometido e acabou se cortando com a navalha. A moral da história era que não se deve meter a fazer aquilo que não se sabe.		
Marlene Buratto	Lembro que enquanto o aluno não aprende-se não parávamos de ensinar. Se tentava todos os recursos até atingir o aprendizado	Eu tive uma experiência, eram os meus três meses de magistério. Peguei uma turma, que a professora tinha sido afastada por problemas emocionais. Eu entrei na sala, 40 crianças, eram 40 bonequinho que mal se mexiam. A professora anterior não admitia que eles levantassem se quer o braço, a mão e a fala. Trabalhei muito com aquelas crianças, mas consegui, por isso que eu digo, o professor interfere muito na formação da personalidade, do pensamento, em suma na formação do indivíduo	Naquela época a família tinha noção da parte dela, no acompanhamento do seu filho na escola. Eles tinham essa consciência, não ficavam só esperando só da escola. Havia uma valorização do trabalho do professor. Tínhamos uma aliança maior com a família, então eles educavam também, iam para a escola para adquirir conhecimento mais amplo. Porque a professora também era mais preparada, o ambiente escolar era um templo, não era depósito, tudo isso dá essa conotação diferenciada ao ensino.
Marlene Demonti	Através de provas, todo o mês, nos controlávamos o processo de ensino aprendizagem. Eram provas grandes de até 40 questões. Quando a criança não se saía bem, eu procurava ajudar, às vezes ficava até na hora do recreio ensinando este aluno	Naquela época o aluno só era aprovado para a série seguinte se ele soubesse mesmo. Tinha o inspetor escolar, ele via todos os trabalhos dos alunos, as atas, os relatórios de envolvimento mensal da escola, os livros. E então, o inspetor	Foi em 1956, não era fácil pois eu não tinha experiência. Mas sempre procurava aplicar os ensinamentos que aprendi com minha primeira professora. As crianças respeitavam a gente e os pais gostavam do professor. A comunidade

	<p>para que ele conseguisse aprender. Nós não tínhamos nenhum programa específico para os alunos com dificuldade. A metodologia da época era bem antiga. Por exemplo na primeira série, era o método do “beabá”, era por sílabas, palavras, depois frases. Não era como agora, do todo para o nada. Nós começamos a ensinar primeiro as letras: a,e,i,o,u. Depois as sílabas, depois as palavras. A criança saía da primeira série lendo mesmo.</p>	<p>fazia perguntas para os alunos, procurando descobrir se o ensino estava tendo qualidade ou não, afinal sua tarefa era examinar a escola. Dessa visita era lavrado uma ata, com o número de alunos, quantos tinham aparecido no exame de cada série. Depois era assinada aquela ata. Uma boa coisa da educação era o seguinte: se tu tinhas 90% de aprendizado, tu ganhavas uma promoção. Nós éramos recompensados pela produção.</p>	<p>reconhecia o trabalho do professor. O professor tinha um valor como se fosse um delegado, um padre. O professor era um líder da comunidade. Tanto que se o professor não fosse bem moralmente ele era tirado do cargo. Tinha que ser alguém com a índole bem boa.</p>
--	---	---	--

Nomes e dados Biográficos	Grade Curricular da época	Como era a escola
Salette Maria da Luz	O currículo da época era Português, matemática, história, geografia, educação física e religião.	Nossa escola era pequena, na beirinha do rio, em Balneário Camboriú. Às vezes quando dava muita chuva, os pilares da escola quase caíam. Tinha duas salas de aula, tinha uma varandinha. Dona Amélia trabalhava na sala da direita e eu na da esquerda. E a professora Beth, fazia os cartazes que nós colocávamos nas paredes. Afinal ela era bem prendada. Eu era a professora responsável, pela escola, era como se fosse a diretora.
Maria da Glória Santos Stucker	Tinha português, matemática, geografia, história, e religião.	Eram uma casas bem boas, tinha duas janelas na frente e a porta do lado. Ali tinha as carteiras, tinha tudo direitinho. Só não tinha materiais pra auxiliar as professoras para ensinar os alunos.
Amélia dos Santos Vitor	Tinha português, matemática, catecismo, geografia, história, tinha saber tudo do mapa.	Era de madeira tinha duas salas e tinha um varandão. Também tinha janelas grandes, tinha uma patente de madeira e atrás da escola tinha capim ficava bem na beirinha do rio, ali na Praça dos Pescadores. Então quando era hora do recreio, a gente pegava e ia comer o lanche vendo os barcos passarem.
Joana Vieira dos Santos	Tinha português, matemática, geografia, história, conhecimentos gerais e catequese, que a gente dava aos sábados.	Eu trabalhava numa escola que era uma residência. Essa casa tinha duas salas, e como o numero de alunos iam aumentando, foi preciso desmanchar o fogão a lenha e fazer na cozinha outra sala de aula. O banheiro era só na rua.

<p>Dolores Pereira Rodrigues</p>	<p>Na matemática – divisão, multiplicação, adição e subtração, regra de três simples, regra de juros, porcentagem, o tempo, o capital e raiz quadrada. História- desde Camboriú, até o Brasil e também o Paraguai. Geografia Brasil, Europa e os Estados Unidos...</p>	<p>As escolas da época tinham salas de aula, simples mesmo, apenas meia dúzia de carteiras. Aquelas carteiras grandonas, com um único assento, sem verniz, um quadro negro na parede, o mapa do Brasil, do estado e mais a cadeira e a mesa do professor.</p>
<p>Marlene Buratto</p>	<p>Português, matemática, catecismo, trabalhos manuais, canto orfeônico, desenhos, geografia, história e ciências.</p>	<p>Na escola nós tínhamos o quadro de giz, carteiras individuais, álbuns seriados, cartilhas.</p>
<p>Marlene Demonti</p>	<p>A grade curricular da época era português, matemática, estudos sociais e ciências.</p>	<p>As escolas eram de madeira, com uma sala de aula pequena, às vezes era até em casas alugadas. Eu por exemplo, quando estudava, a escola era a casa da minha mãe. A sala de estar se transformou em sala de aula. Eram salas bem lotadas. Quando comecei em Sombrio eu tinha 45 alunos, inclusive eu tive um aluno que hoje é deputado.</p>

4.9.1 Análise de alguns traços dos professores pesquisados: sentimentos, experiências e vivências nos discursos docentes

Na tentativa de analisar alguns traços relatados pelas professoras pesquisadas, buscou-se interpretar os significados que constituíram as diferentes histórias docentes narradas. As professoras alfabetizadoras entrevistadas nesta pesquisa encontram-se em condições de igualdade no que diz respeito a profissão: são do mesmo sexo, têm aproximadamente a mesma idade, e apresentaram uma dedicação especial ao ensino. Nesse emaranhado de falas, de sentimentos, experiências e vivências, percebe-se que o discurso é

uma construção social e não individual, e que para tanto só pode ser analisado se considerarmos o contexto-social. Observa-se ainda, que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada as experiências vividas, ao percurso de formação, a sociedade em que se vive. Nesta perspectiva tem-se como finalidade encontrar nos relatos de vida docente vestígios, pistas, que demonstrem, principalmente através da linguagem, uma identidade docente. E como a intenção é ousar na interpretação das falas das depoentes, nas suas marcas, de seus traços de subjetividade, cujas representações simbólicas traduzem as ideologias, verificou-se que a memória das professoras seria indispensável na interpretação dos relatos. Nesta sentido, Schmidt (2000, p.102) afirma que:

[...] a memória, mais do que simples arquivo classificatório de informação que reinventa o passado, é um referencial norteador na construção de identidades no presente. Em sua capacidade de manter e segurar o sentido, a memória atua por meio de seus efeitos, que tanto podem ser de lembrança e de renomeação, quanto de ruptura e de denegação do já-dito. Se a memória é, portanto, um fato essencial do processo cognitivo, inerente à construção de identidade, o discurso é o instrumento de (auto) conhecimento, através do qual o(s) ser(es) humano(s) se faz(em) sujeito(s) no campo da produção e das relações sociais.

Assim é pelo discurso, que pode-se verificar os conhecimentos apresentados pelo entrevistado, ou melhor, os significados da trajetória docente na vida de cada um, exercidos nas relações sociais. Desta maneira, é que os relatos de vida docente das sete professoras alfabetizadoras aposentadas, vieram recheados de lembranças, marcas das diferentes, mas não tão diferentes histórias vividas por cada uma delas. À medida que foram surgindo as diversas marcas, acompanhadas de conteúdos, falas e histórias narradas, é que se conseguiu organizar um quadro de categorias, que provocou novos olhares e reflexões, não sendo únicos, porém os exercícios resultaram em registros do meu modo de ver. A professora Joana narra que na grade curricular da época tinha português, matemática, geografia, história, conhecimentos gerais e catequese, que era ministrada aos sábados. No relato de Dolores, a respeito do início de seus estudos escolares, percebe-se uma marca significativa para análise.

A minha primeira professora, foi a Dona Zoê Melo, isso foi no 1º. Ano. Recordo que ela era muito **rígida**², era **enérgica**. Os aparelhos de educação eram a régua, era o milho nos cantos para colocar os alunos desobedientes de joelho, puxão de orelha. Ali ninguém podia falar, ninguém podia sorrir. Ali era uma prisão, dentro da educação, dentro do ensino. Porque quando ela levava os alunos para o quadro pra ensinar, ela queria o máximo de silêncio, para os que estivessem ali ouvissem e viessem a escrever. E os que estavam nas carteiras também ficassem muito atentos, porque se ela ouvisse em riso, uma conversinha pequena, ela executava na hora do recreio.

No comentário acima, acerca dos anos escolares iniciais, percebe-se a postura da professora e o tipo de disciplina adotada no cotidiano escolar. Em todos os relatos pesquisados, foi possível identificar um perfil pedagógico aparentemente comum entre as diferentes instituições de ensino. Cabe ressaltar, que estas diferentes instituições de ensino, são os ambientes escolares vivenciados por cada uma das professoras entrevistadas quando discentes. O ensino da época, segundo a narrativa desta professora, era centrado na figura do professor.

As lembranças de Dolores, foram as escolhidas para representar aproximadamente o vivido por cada uma das depoentes. Em seu relato aparece os adjetivos **rígida** e **enérgica**, que qualificam o itinerário do professor, como algo extremamente controlado. A expressão **rígida** que significa uma conduta inflexível e rigorosa, vem acompanhada do termo “muito” que designa o grau de intensidade. Nota-se que a escola da época exigia tanto do professor, quanto do aluno uma conduta diferenciada das usadas atualmente. A escola da época destinava unicamente à transmissão e assimilação dos conteúdos. Segundo Rego (2003, p.379)

Parecia haver também uma imensa distância separando o universo da infância, marcado pelo movimento, espontaneidade, curiosidade e ação, do mundo da escola, caracterizado pela rotina, pelo tédio, pela obediência, pela contenção e pela inércia, pelo domínio do corpo e pela disciplina do silêncio.

Isso fica evidente, por exemplo na experiência de Marlene Demonti, quando narra o quanto foi cobrada, além de ser filha de professora, era aluna da mãe. Em sua fala encontra-

² As expressões (palavras) em negrito objetivam chamar a atenção para a sua interpretação posterior.

se este trecho: “[...] era **muito cobrada**, a **cobrança** era enorme, ela foi minha primeira professora, minha primeira catequista. Recebi os primeiros ensinamentos com minha mãe”. A expressão **cobrada** está destacada com auxílio do advérbio muito, que concede ao verbo um efeito de quantidade, abundância ou ainda excessividade. A relação entre professor e alunos em praticamente todos os depoimentos, afirma sem dúvida, uma relação de respeito, exigidos no cotidiano escolar.

Há portanto, nas falas de Dolores e Marlene Demonti, expressões que retratam a autoridade do professor. Mas é preciso que se entenda, que este regime disciplinar foi vivido em diferentes décadas. Cabe salientar, que Dolores é dezoito anos mais velha que Marlene, no entanto, as narrativas expressam as marcas do autoritarismo, impressas na memória coletiva (sobretudo popular) de uma geração que viveu um regime ditatorial. Desta forma, Eco (2005, p.37) menciona que “o universo torna-se uma grande parede de espelhos, onde cada objeto individual reflete e significa todos os outros”.

Nesta perspectiva, os episódios narrados, apresentam constrangimentos vividos na escola, a maioria das entrevistadas consideraram que algumas experiências causaram um sentimento de tristeza. Mas estas experiências relatadas servem para compreender as práticas pedagógicas adotadas na época. Sabe-se que são experiências singulares, mas que mesmo sendo reflexos individuais, acabam por traduzir significados das experiências coletivas vivenciadas na escola.

Nas memórias de Marlene Demonti, encontra-se o relato sobre as técnicas usadas para conseguir disciplina em sala de aula. Em suas palavras ela conta: “era uma técnica bem antiga, era pra ficar quieto, e tinha que ficar. Se não se comportasse, a professora colocava de castigo. Eu nunca gostei de trabalhar assim”.

Percebe-se no depoimento o verbo **ficar**. Expressão que designa um verbo intransitivo. Este tem como sinônimo a expressão permanecer. Neste sentido, compreende-se que o comportamento exigido por alguns educadores era que o aluno deveria conservar o silêncio em sala de aula, permanecendo sem conversar, evitando cochichos, sussurros, enfim, sem pronúncia de qualquer palavra. Observa-se uma certa insensibilidade por parte do professor, em estar possibilitando um espaço de construção, integração e interação entre alunos e até mesmo prejudicando a relação professor e aluno. Quantos comentários já ouvimos sobre alguém ter feito xixi na sala de aula ou ter ocorrido uma outra situação por

não ter conseguido pronunciar-se ou por não poder falar e assim por diante. Para melhor esclarecer o contexto vivido naquela época, faço uso das palavras de Rego (2003, p.389)

Geralmente ao aluno cabia ficar quieto, comportado, atento e disposto a absorver as informações transmitidas. A visão subjacente era de que os ensinamentos dos professores estavam diretamente relacionados ao aprendizado dos alunos. Como se essa relação obedecesse uma casualidade inequívoca: se o estudante prestasse bastante atenção aos ensinamentos transmitidos, ele aprenderia. Nessa ótica, o aluno era visto como o principal (e em alguns casos exclusivo) responsável pelo seu sucesso ou fracasso acadêmico.

Nas palavras da autora acima tem-se um modelo de prática pedagógica, ou melhor, de educação, também vivido pelas professoras pesquisadas. Considera-se que este modelo, ao mesmo tempo que recebe inúmeras críticas nos dias atuais, continua por ser fortemente plausível. Pois, por um lado o professor continuava exercendo sua autoridade, e por outro a relação professor e aluno respeitava seriamente a hierarquia. Desta maneira, não restava dúvidas de que o professor era uma autoridade, não apenas na escola, mas também na comunidade. Nas lembranças das professoras pesquisadas, Marlene Demonti diz que: “O professor tinha um valor como se fosse um delegado, um padre. O professor era um líder na comunidade”. Também na fala de Dolores isso aparece: “A professora era muito importante, considerada uma autoridade”.

É relevante frisar que, os relatos das professoras pesquisadas, sugerem o que anteriormente se comentou em relação ao uso da autoridade em sala de aula, o poder exercido pelo professor sobre o aluno. Mas é possível identificar em vários trechos dos depoimentos, que apesar do modelo tradicional vivido na época, a escola e seu itinerário ofereciam experiências bastante interessantes. Como no relato de Maria da Glória, que fala sobre a experiência vivida com os alunos: “Para ensinar eu ia um por um, pegava na mãozinha e as vezes endureciam os dedinhos. Era tão difícil, mas ia indo até que aprendiam”. Na lembrança de Joana isto também fica explícito: “Eu achava feio uma professora ficar gritando com os alunos. Naquela época nós éramos como mães dos alunos, eles eram como se fossem nossos filhos. Então com disciplina eu não me incomodava”. Já na memória de Salete: “Eles não eram naquela época indisciplinados, eles eram levados e

dava para contornar. Eu conversava e naquela época não tinha televisão. Acredito que a televisão deseduca”.

É importante ressaltar que nos relatos as experiências proporcionadas na escola aparecem como extremamente marcantes e significativas. As relações de poder que são estabelecidas e nítidas no cotidiano escolar, podem ser esclarecidas por Foucault (1980 apud GORE, 1994, p.12):

Na educação por exemplo, é claro, que o poder não está apenas nas mãos das professoras. Os estudantes (e as mães e os pais e as administradoras do governo) também exercem poder nas escolas. A fim de compreender o funcionamento do poder em qualquer contexto, precisamos compreender os pontos particulares através dos quais ele passa.

Obviamente que todo esse contexto de poder e saber produzidos na escola, demonstram que o exercício da autoridade e do poder, um poder disciplinador e absolutamente invisível, se impõe aos que são submetidos a ele, traduzindo certa visibilidade de obrigatoriedade. A dinâmica estabelecida na sala de aula, no momento da aprendizagem de repetição, de memorização, de educação seguindo os padrões e normas familiares, registram o quanto invisivelmente ocorria o controle das ações desenvolvidas pelos alunos. Mas nesse jogo de poder, de controle, o professor também está submetido, pois é dirigido por superiores. Como por exemplo, no relato de Marlene Demonti:

Naquela época o aluno só era aprovado para a série seguinte, se ele soubesse mesmo. Tinha o inspetor escolar, ele via todos os trabalhos dos alunos, as atas, os relatórios de envolvimento mensal da escola, os livros. E então, o inspetor fazia perguntas para os alunos, procurando descobrir se o ensino estava tendo qualidade ou não. Afinal sua tarefa era examinar a escola. Dessa visita era lavrado uma ata, com o número de alunos, quantos tinham aparecido no exame de cada série. Depois era assinada aquela ata.

Nesta perspectiva, a dinâmica que indica o jogo do poder, aparece nas regras predeterminadas no caso, na prática docente exigida pelo departamento estadual de educação. Os modelos organizados e cobrados pela instituição eram por intermédio do inspetor escolar, figura esta que tinha como função primordial fiscalizar e controlar o itinerário escolar. Desta forma, Tesser (2000, p.154) contribui para a reflexão,

Portanto, é nesse espaço contraditório do poder que os indivíduos, ao exercê-lo, atuam participando de um processo cuja dinâmica faz com que este jogo do poder se renove através da oscilação constante e recorrente das forças que o constituem. E ainda nesse espaço, atravessado pelos interesses ideológicos, que os indivíduos legitimam seu estatuto de Sujeito, atuam e definem suas relações com o poder.

Neste sentido, a organização do espaço escolar é determinada por uma hierarquia, que é composta de relações humanas, com finalidades e valores que orientam o ensino. Assim, não se pode negar que dependendo de determinadas regras, certos modelos do trabalho docente possam tornar-se mais ou menos eficientes, mais ou menos autoritários, ou ainda, mais ou menos subordinados à um sistema. Mas mesmo que exercesse uma certa autoridade de forma um pouco mais democrática e participativa, era óbvio que era responsabilidade do professor manter o silêncio na sala de aula, condições propícias para que ocorresse a aprendizagem. E o aluno naquela época tinha seu aprendizado como compromisso, enfim, seu dever era dedicar-se com perseverança aos estudos.

Em relação à infra-estrutura da instituição de ensino as sete professoras pesquisadas comentaram que as escolas públicas ofereciam condições que atualmente seriam consideradas precárias, mas na época era o que seria possível.

As observações detalhadas sobre a arquitetura escolar, um dado que se pode considerar, como aparentemente sem importância para a qualidade de ensino revelam o quanto o espaço da escola era restrito, de difícil acesso, mas que no olhar do professor era relevante. Na lembrança de Salete: “Nossa escola era **pequena**, na beirinha do rio, em Balneário Camboriú. As vezes quando dava muita chuva, os pilares da escola quase caíam. Tinham duas salas de aula, tinha uma **varandinha**. Dona Amélia trabalhava na sala da direita e eu na da esquerda”. Já na memória de Maria da Glória, a escola: “Era uma casa **bem boa**, tinha janelas na frente e a porta do lado. Ali tinha as carteiras, tinha tudo direitinho. Só não tinha materiais para auxiliar as professoras para ensinar os alunos”. No relato de Amélia a escola encontra-se assim:

Era de madeira tinha duas salas e tinha um **varandão**. Também tinha janelas grandes, tinha uma **patente de madeira** e atrás da escola tinha capim. Ficava bem na beirinha do rio, ali na Praça dos Pescadores. Então

quando era hora do recreio, a gente pegava e ia comer o lanche vendo os barcos passarem.

Os três depoimentos acima, trazem olhares um pouco diferentes sobre a escola. Foram selecionados por se tratar da mesma escola que ficava localizada no bairro da Barra, primeiro distrito da cidade de Balneário Camboriú. O nome dado a esta instituição era Escola Isolada da Barra.

A relação com o ambiente físico é registrada na memória das professoras com expressões do tipo: nossa escola era **pequena**, tinha uma **varandinha** ou tinha um **varandão**, tinha uma **patente de madeira**, era uma casa bem boa [...] Descrevem o que foi ou o é significativo em cada uma das lembranças recordadas pelas professoras entrevistadas.

Sem dúvida esse conjunto de características observado nos relatos, tem uma função especial, que seria a descrição do ambiente escolar. Características que evidenciam os valores culturais e pessoais produzidos através das diferentes histórias vividas por cada uma das professoras aposentadas.

No que diz respeito à arquitetura escolar, adjetivos como **pequena e boa**, permitem a interpretação de que a escola apresentava um espaço reduzido, talvez fosse insatisfatório, devido ao número de alunos, assim a sala de aula não era ótima e sim boa.

As considerações relatadas pelas professoras são motivadas por particularidades do imaginário sócio-histórico e cultural. Explicita-se melhor, cada uma das depoentes descreveu o que acreditava ser importante no momento da entrevista e esta informação vem contextualizada na história de vida, na formação, nas diferentes experiências, enfim, nos percursos docentes e pessoais vividos por cada uma delas. A única professora que fala do sanitário (banheiro) foi Amélia que relatou tinha uma **patente de madeira**. Talvez para ela as necessidades fisiológicas dos alunos estivessem atreladas ao bom aproveitamento do ensino, ou ainda demonstrava a arquitetura da época, algo curioso, pouco conhecido, e por último quem sabe, demonstra-se o cuidado com o corpo, higiene e a saúde .

As professoras também tecem comentários sobre os materiais didáticos adotados no cotidiano escolar. Marlene Demonti narra que: “Para ajudar na aprendizagem do aluno, nós

fazíamos **muito** material didático. Usávamos cartazes, palitos, feijão, figuras, enfim, sempre procurávamos criar meios para auxiliar a aprendizagem”.

É notável no relato acima, o enriquecimento na descrição de como desenvolver o processo de ensino e aprendizagem, por intermédio de traços lingüísticos verbais. Como por exemplo, o representado pelo advérbio de intensidade **muito**, quando a depoente fala sobre a confecção de materiais didáticos. Fica claro o cuidado e a dedicação de produzir não apenas um, mas produzir muitos materiais, que serviriam de instrumentos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Os recursos utilizados em sala de aula como as cartilhas enfatizam o treino psicomotor em detrimento ao aprendizado da linguagem escrita. No depoimento de Maria da Glória, observa-se o treino: “[...]escrevia apagadinho para os ladinos passarem por cima, e ensinava as letrinhas [...]” Já para os alunos alfabetizados o primeiro livro de leitura servia de referência para ação educativa. No comentário de Amélia, nota –se isso: “Eu fazia assim: vamos ler a página tal, um lia um pedacinho, o outro lia outro pedacinho. Assim, eu via se estavam prestando atenção. Eles levavam para estudar, mas [...] alguns estudavam (**risos**), malandros né. Eu tinha uns alunos bons na classe”.

As expressões usadas por Amélia traduzem de maneira significativa e contraditória a sua idéia de julgamento. Os alunos estudavam, alguns não estudavam, eram bons ou malandros. Ela enriquece sua fala, com um traço prosódico expressivo o (**riso**), que revela sua emoção, sinalizando pelo riso liberado sua lembrança de como era difícil conseguir a dedicação do aluno preguiçoso. O traço fisionômico, tratado por Urbano (2005), traz para a interpretação um grande efeito expressivo e apelativo percebido a partir do registro das imagens através do documento áudio-visual (filmagem). Visualizado durante a revisão do documentário, onde as respostas tanto de Amélia como de Glória vinham acompanhadas de risos. De acordo com Urbano (2005, p.132)

Há que se supor ainda, em coocorrência como riso, a expressão do traço fisionômico, de grande efeito expressivo e apelativo, de vez que se tem em conta que as emoções são contagiantes, tanto mais quanto forem exteriorizadas visivelmente.

Nesse sentido, as narrativas docentes apresentam expressões que evidenciam os diferentes sentimentos vividos por cada uma das depoentes. E é nesse movimento de narrar

sua história de vida pessoal e profissional que as professoras aposentadas acabam entrelaçando o passado como presente, provocando a compreensão de que se existem histórias individuais, estas se refletem nas histórias coletivas. Segundo Jesus (2003, p.23) “A memória vai sendo vasculhada, revirada e o que vem à tona é o que importa para o (a) narrador (a) naquele momento”. Desta maneira, as expressões, os traços fisionômicos, o gestos exprimem o que a entrevistada estava sentindo no momento da entrevista, mas que viveu anteriormente. As narrativas apresentadas pelas professoras entrevistadas mostram o que foi ou o é significativo, são conhecimentos diversos, tomados de consciência sobre si, sobre as relações com os outros em diferentes contextos e situações.

Finalmente, as leituras analíticas e interpretativas das narrativas das professoras alfabetizadoras, evidenciam recortes de suas vidas pessoal e profissional, que serviram de caminhos singulares e plurais para a compreensão de como cada uma se fez professora, bem como possibilitaram conhecer um pouco mais sobre a história da educação no município de Balneário Camboriú.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou apresentar o cotidiano escolar, o ideário das práticas escolares, nas décadas de 30 a 70, na cidade de Balneário Camboriú. Contou-se com as narrativas de professoras alfabetizadoras aposentadas para compreender este contexto vivido pelos professores e alunos. E foi neste cenário que foi construída uma memória, uma representação sobre a escola e o professor, sobre o cotidiano escolar, que durante muito tempo foi hegemônica e que alguns elementos ainda estão presentes nos dias atuais.

Como sujeitos investigados a pesquisa buscou o relato de vida de sete professoras alfabetizadoras aposentadas. A escolha destas professoras foi resultado de uma pesquisa exploratória nos poucos documentos históricos, encontrados e consultados no Arquivo Histórico da cidade, em livros que tratam da história da cidade, por intermédio de depoimentos de ex-alunos, pais de ex-alunos e pessoas comuns da comunidade balneocamboriuense. Na elaboração dos critérios que estariam auxiliando a seleção das possíveis entrevistadas, foi considerado: professores aposentados, professores com idade mínima de sessenta anos, professores que exerceram docência a maior parte de sua vida em escolas públicas de Ensino Fundamental (alfabetizadores, diretores e especialistas), professores que trabalharam em escolas situadas na cidade de Balneário Camboriú.

A solicitação das narrativas foi precedida de um primeiro contato por telefone, onde nos apresentamos e marcamos com a depoente um horário para a gravação da entrevista. No momento da gravação da entrevista fizemos alguns acordos que foram orientados, através de diferentes bibliografias consultadas, como por exemplo, Verena Alberti (1989). Os encontros foram todos realizados na residência das depoentes, respeitando sempre o horário sugerido por elas, o instrumento de pesquisa utilizado foi um roteiro longo de perguntas semi-estruturadas. Para o registro das narrativas foi utilizado, uma filmadora Mini DV e um gravador com microfone embutido. E também diário de campo, no qual foram anotados fatos, impressões e observações não presentes nas gravações. A análise documental foi também um procedimento que aconteceu durante toda a pesquisa.

Os caminhos percorridos durante esta pesquisa oportunizaram a construção de um memorial da escola, que oferece oportunidades de revisitar um passado que, paradoxalmente, se faz novo, a cada momento que é lembrado.

No esforço em examinar essas questões, acredita-se que representou uma importante contribuição para o registro da história da educação em nossa cidade. Anteriormente a esta pesquisa, nossa história estava um tanto esquecida, hoje podemos dizer que ela começa a ser registrada de maneira coletiva, por intermédio destas memórias pesquisadas, destas histórias vivas que contribuíram com os seus depoimentos. Assim resultou num espaço criado na Fundação Cultural para organização do “Memorial do Professor de Balneário Camboriú”.

A análise dos dados obtidos através das histórias de vida e relatos, foi essencialmente qualitativa e teve como pano de fundo pressupostos teóricos que indicam a memória como instrumento de reconstrução da identidade. Durante este processo efetuou-se um trabalho de análise dos relatos de vida da seguinte maneira: depois que todas as histórias estavam transcritas, realizou-se uma leitura criteriosa, detectando algumas categorias e relacionando-as com o referencial teórico pesquisado. Procurou-se organizar quadros com estas categorias apresentadas em cada um dos depoimentos. Foram analisadas e comparadas entre si, neste sentido, buscou-se, pontos, referenciais que estruturassem as memórias, outro aspecto importante foram os pontos em comum encontrados a partir deste exercício.

Observou-se uma semelhança na trajetória das sete professoras, num fazer-se ou tornar-se professor (a) na escola. De modo diferente ou ainda em rotas semelhantes, suas práticas pedagógicas são construídas a partir de referências a saberes (práticos e teóricos) num conjunto de valores imbuídos das dimensões pessoais e profissionais. Contemplam em suas subjetividades suas experiências familiares e escolares anteriores, crenças, emoções, representações cognitivas, dimensões afetivas, normativas e existenciais, estas que estão enraizadas em sua história de vida e em sua experiência como professor (a).

Desse modo, cada uma das professoras alfabetizadoras aposentadas, apresentaram como o gesto de narrar é uma importante fonte para registrar de maneira individual mais organizadamente o vivido na escola. Por intermédio das narrativas observou-se que as professoras carregam consigo a lembrança, mas que a cada momento que são recordadas, narradas acabam tendo novos sentidos. Essas lembranças não são apenas individuais, mas fazem parte de momentos vividos com outros atores, que estão interagindo-o todo tempo. Nas sete narrativas, constatamos inúmeros elementos que se assemelham: o percurso na

formação do professor, o esforço e as dificuldades encontradas no início da profissão, a dedicação quase que exclusiva para a escola, os bons costumes para fazer da escola um reduto moral, os constrangimentos com a visita do inspetor escolar, a construção de materiais didáticos, o culto à Bandeira e ao Hino Nacional, etc. Estes elementos davam sentido a sua prática que indicava uma melhor maneira de agir e disponibilizar dos recursos na época.

As recordações tanto positivas como negativas, demonstram que mesmo sem muitas opções no mercado de trabalho, na época, não era qualquer pessoa que aceitava o desafio de ser professor. Sem conseguir separar os tempos de escola dos outros tempos, carregavam angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola, as angústias neste caso podem ser retratadas numa perspectiva política, que não se revela diferente dos dias atuais na indicação política de vagas na escola.

Observou-se que a identidade profissional dos professores apresenta-se numa dimensão espaço-temporal, isto é, atravessa a vida profissional e envolve os diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola, é uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações quer ao nível do trabalho concreto.

Neste sentido, as memórias deixam de ser apenas individuais e passam a ser coletivas, assim como a identidade. Pois, encontra-se nas professoras muito dos outros, idéias, modos de pensar e agir. Estes não são construídos sozinhos, mas num processo de interação, dialético, histórico-social e cultural. O prazer de ensinar, o processo de ensino-aprendizagem, o reconhecimento da comunidade, bem como a autonomia aprovada pela família na educação dos filhos aparecem como constituintes de suas trajetórias profissionais, ser professora era um presente para a família, quase uma honra, valores estes que aparecem em alguns depoimentos. Os materiais caseiros se constituíam em instrumentos de ensino na época.

Toda pessoa é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas, neste sentido as narrativas anunciam que a vida profissional não deixa de ser um reflexo da busca pessoal, percebe-se que a motivação está associada ao trabalho de recordar sua dimensão utilitária do assunto narrado. Nos depoimentos encontraram-se elementos de comportamento moral,

resistências, frustrações, realizações, determinantes pessoais/profissionais e ideológicas que refletem o saber docente.

Notou-se até o momento que estas trajetórias não deixam de mostrar o paradoxo que define a identidade, do querer se assemelhar e ser diferente ao mesmo tempo, de um movimento que é estável e transitório, permanente e múltiplo e estes ficaram registrados na memória de cada depoente. Portanto, a memória, é constituinte do sentimento, tanto coletivo como individual. A lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda dos dados emprestados do presente, é como se fosse a sobrevivência do passado.

Encontra-se em cada relato de vida e no conjunto deles a construção de uma identidade que é coletiva, que se concretizou na continuidade de suas vidas profissionais e pessoais, ainda, que cada professora desenvolveu práticas pedagógicas diferenciadas, com alunos diferentes. Todas demonstraram através da pesquisa preservar a escola vivida e uma escola que foi possível na época.

Conclui-se no final deste estudo que inquietações ainda permanecem, o sentimento é de incompletude e curiosidade, pois o conhecimento não tem fim e nossa identidade denota sempre um processo aberto e inacabado. Quem sabe seja intencional para a trajetória que pretendo seguir na comunidade de estudos. Muitas destas inquietações vividas durante o processo de investigação continuarão a povoar meus pensamentos, respostas que não foram possíveis obter pelo tempo que demandou o término da pesquisa. Considero que algumas questões ficam em aberto, para posteriores estudos referentes à temática ou sua complementação, em outros tempos e espaços constituídos. Neste sentido, espera-se que esta pesquisa também venha a contribuir como referência para futuros pesquisadores.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas : Papyrus, 1995.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.

AMARAL, Giana Lange do. **Leituras de formação docente**. Tese de doutorado. CEIHE. Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CODO, Wanderlei e JACQUES, Maria Graça. **Saúde Mental e trabalho: leituras**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CORREA, Isaque. **História de duas cidades: Camboriú e Balneário Camboriú**. Balneário Camboriú: Editora do autor, 1985.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, Olga Moraes Von (org.) – **Experimentos com histórias de vida**. Revistas dos tribunais. São Paulo: Vértice, 1988.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto, 1997.

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias Silva. **O estudo das identidades individuais e coletivas na constituição da história da Psicologia**, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembrança de velhos**. 7ª. edição . São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, 1993.

BORBA, Amândia Maria de. **Identidade em Construção**. Investigando professores na prática escolar. São Paulo: PUC / Editora UNIVALI, 2001.

DIAS, Cleusa Maria Sobral. **Alfabetização de mulheres construindo um projeto político interdisciplinar a partir das histórias de vida de mulheres não alfabetizadas**. In: 21ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1998.

DUBAR, Claude. **A socialização, construção das identidades sociais e profissionais** . Portugal: Porto Editora, 1997.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo : Martins Fontes, 2ª. edição, 2005.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (et al.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONTANA, Roseli A Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autentica, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

GORE, Jennifer M. Foucault e educação: fascinosos desafios. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação** (estudos foucaultianos). Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

HYPOLITO, Dinéia. **Repensando a formação continuada**. USJT. São Paulo, 2004.

JESUS, Regina de Fátima. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora... In: VASCONCELOS, Geni A. Nader. **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 2ª. edição.

JOUTARD, Philipi. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. cap. 4, p. 267-277.

LINHARES, Célia Frazão Soares e NUNES, Clarice. **Trajetórias de magistério: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

LOCCO, Leila de Almeida. **A supervisão educacional do Paraná: uma análise crítica**. Dissertação, PUC, São Paulo: 1987.

LOUREIRO, Ana Maria Bastos. **Cultura, Identidade e Mediação: o cotidiano de uma professora**. Dissertação, PUC - Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2003.

LOPES, Sônia Maria de Castro Nogueira. **A oficina de mestres o Distrito Federal: história, memória sobre a escola de professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)**. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro: PUC, 2004.

MARIN, Alda Junqueira. Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade. In: TIBALLI E. F. A., CHAVES, S. M. (org.) **Concepções e práticas em formação de professores – diferentes olhares**. Rio de Janeiro, 2003.

MELUCCI, Alberto. **IL gioco delbio: il cambiamento de sé in uma società globale**. Milano: Editor Feltrinelli, 1996 – “Tradução Livre” realizada pela equipe do Seminário Avançado EDP153: A obra de Alberto Melucci e suas contribuições para a educação. PPE/EDV/UFRGS, 2002.

MINGOT, Ana Chrystina Venânci e CUNHA, Maria Teresa Santos. **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção cultura, memória e currículo, volume 3)

MIRANDA, Maria Salete de. **Docência e Devir: com a palavra a professora**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Historia oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5^a. edição. São Paulo : Contexto, 2003.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e Identidade: travessia de velhos professores**. Maringá: EUEM, 1998.

NÓVOA, António. **Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa**. In: Ivani fazenda (org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995a.

NÓVOA, António. **Formação de professores e formação docente**. In: António Nóvoa (org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995b.

PASSOS, Carla Mailsa. Memória e história de professores: como praticar também é lembrar. In: VASCONCELOS, Geni A. Nader. **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 2^a. edição.

PENNA, Rejane Silva. **Fontes Orais e Historiografia: Avanços e Perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

QUARESMA, Maísa dos Reis. **Trajetória espacial e temporal no PAS: Uma perspectiva singular na alfabetização de jovens e adultos de Buíque/PE**. Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2004.

RAITZ, Tânia; LINHARES, Elisangela; CUTINHO, Priscila. **Título do trabalho**
In: Anais do III Fórum Interno do projeto pedagógico. Itajaí: UNIVALI, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere.** São Paulo: Record, 2004.

RABELO, Amanda Oliveira. **A memória das normalistas do IESK de Campo Grande.** Dissertação. Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias da escola: cultura escolar e constituição de singularidades.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REBELO, José Ângelo. **Sem história não dá. E assim se fez Camboriú.** Balneário Camboriú: Editora do autor, 1997.

SARMENTO, Teresa. **Histórias de vida de educadoras de Infância.** Ministério da Educação/IIIE. Lisboa, 2002.

SCHULTE, Maria Rosa Heleno. **Desenrolando o carretel: vida de professora.** São Paulo: Editora Articulação Universidade/escola, 1996.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história contada ou: o que acontece quando o objeto coça a falar. In: INDURSKY, Freda e Maria do Carmo Campos (org.) **Discurso, memória e identidade.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

SCOZ, Beatriz J. L. **Identidade e subjetividade de professoras (es):** sentidos do aprender e do ensinar. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2003.

STUART, Hall & Hathryn, Woodward. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) **Identidade e Diferença** : A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

SPERB, Dalila. **Administração e supervisão na escola primária.** Porto Alegre: Editora Globo, 1963.

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. de. **Ensaio sobre a escola e memória.** Tese de Livre Docência. São Paulo: FEUSP, 1997.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TESSER, Nayr. Os movimentos do sujeito nas relações de poder. In: INDURSKY, Freda e Maria do Carmo Campos (org.) **Discurso, memória e identidade.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

TITTON, Maria Beatriz P. **Identidade coletiva de professores na escola pública : uma**

construção possível, difícil e necessária. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: 2003.

URBANO, Hudinilson. A expressividade na Língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, Dino (org.) **O discurso oral culto.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

VASCONCELOS, Geni A. Nader. **Como me fiz professora.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 2^a. edição.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO ENTREVISTA



Mestrado em Educação
Pesquisa : Memória e Identidade:
Trajetórias de Professores
Alfabetizadores da Rede Municipal de
Ensino de Balneário Camboriú.
Base para o Programa de História Oral

Cadastro da Entrevista

Nome: _____

Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____

Naturalidade: _____ Data de Nascimento: __/__/____

Filiação – Pai: _____

Mãe: _____

Profissão: _____

Ativo () Aposentado ()

Endereço: _____

Telefone: _____

Razões da escolha do entrevistado e objetivo da entrevista:

Roteiro da Entrevista

1-) Até que série estudou? Qual o nível de formação?

2-) Como se chamava sua primeira professora?

3-) Como foram os anos escolares? Comente sua vida escolar? Quais s motivos que levaram a escolha da profissão?

4-) Qual a escolaridade d seus pais/ Qual a profissão de seus pais?

5-) Fale de sua infância no município ou bairro que morava ou mora?

6-)Quando começou a lecionar como era ser professora? Fale um pouco dessa experiência.

7-) Qual a concepção de educação na época?

8-) Qual a metodologia da época?

9-) Em relação ao sexo ou gênero, o que predominava nas classes? Quais as razões para isso?

10-)Quais eram os conhecimentos necessários à formação do professor na época?

11-) O professor era escolhido por seu domínio de conhecimentos ou indicado?

12-) Quais as técnicas ou metodologia disponível para ministrar as aulas, auxiliando o processo ensino- aprendizagem?

13-) Qual a infra – estrutura escolar da época? Como eram as escolas?

14-) Os pais, a família de modo geral participavam da vida escolar dos filhos? De que maneira?

15-) Qual a relação entre escola, família e comunidade? Qual o papel do poder público na época? O poder local era exercido por quem?

16-) Existia algum tipo de associação? Qual?

17-) Como era tratada a professora na comunidade? Qual a concepção de professora naquela época?

18-) Quais as técnicas utilizadas para exigir disciplina dos alunos na época?

19-)Existiam perseguições político – ideológicas naquela época? Comente sobre isso.

20-) Fazendo uma comparação entre aquela época e hoje, quantos salários mínimos ganhava um professor? O que isso representaria?

21-)Qual a relação que se estabelecia entre igreja e escola?

22-) Como ocorria o processo de formação do professor na época? Existia curso de formação, como o professor era preparado para o trabalho docente?

23-) Como acontecia o processo ensino – aprendizagem?

24-) Qual o processo de avaliação utilizado na época?

25-) Qual a grade curricular adotada na época? O professor fazia planejamento de suas aulas?

26-) O professor incentivava a leitura? De que forma?

27-) Comente um fato que marcou sua vida docente?

28-) Qual o sentido ou significado de educação para você?

29-) Qual o sentido ou significado do trabalho docente para você?

ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS



UNIVALI

Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral

1. Pelo presente documento,Nome, nacionalidade....., estado civil.....,profissão....., carteira de identidade no.emitida por..... CPF no., residente e domiciliado em

cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade do Vale do Itajaí a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral, como também as imagens iconográficas e filmadas, prestado no dia....ou entre os dias)....., na cidade de.....perante a pesquisadora.....

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois a Universidade do Vale do Itajaí plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Local

Data

Nome do Cedente

Universidade do Vale do Itajaí

TESTEMUNHAS:

Nome Legível

Nome Legível

CPF:.....

CPF:.....

ANEXO C – DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS

Livro de Lições Primárias – CARTAS de ABC – Ano de 1929.

ANEXO D - Desfile de 7 de setembro – Alunos na Avenida Central. Ano de 1968

Cerimônia de comemoração ao 8º. Aniversário de emancipação do município. Alunos do Colégio João Goulart. Ano de 1972.

ANEXO E - Alunos em desfile na Avenida Atlântica – Desfile de 7 de setembro, ano de 1966.

Escola de Taquaras. Ano de 1975.

ANEXO F –Fotografia da apresentação artística, comemoração Dia do Folclore. Os alunos da Escola Isolada da Barra recebem a visita dos alunos Colégio João Goulart, ao fundo Escola da Barra em madeira. Agosto de 1973.

ANEXO G- Fotos espaço: Memorial do Professor. Inaugurado em 2005

ANEXO H – Foto da Primeira escola da Barra, na época anterior à 1940, quando a escola ficava localizada em uma casa alugada.

ANEXO I - Escola Isolada da Barra, agora com sede própria, localizada na Praça dos Pescadores próximo ao Rio Camboriú. Ano de 1940.

ANEXO J – Convite de inauguração espaço “Memorial do Professor”.

ANEXO K – Entrevista concedida ao Jornal Tribunal Catarinense em dezembro de 2005.

ANEXO L – Publicação Revista Eletrônica UNIVALI, referente apresentação da Pesquisa no III FÓRUM Interno do Projeto Pedagógico.

**ANEXO M – Correspondência recebida para solicitação de visita dos Acadêmicos
Curso Normal Superior ao “Memorial do Professor”.**

ANEXO N – Correspondência de agradecimento pela palestra proferido sobre Histórias de Vida Docente em Balneário Camboriú.

ANEXO O- Lista de Visitantes do Memorial do professor

GLOSSÁRIO

ABC – alfabeto

B+A – método silábico de ensino.

Caneta tinteiro – caneta com reservatório para enchimento com tinta.

Canto orfeônico – uma das disciplinas ministradas na escola das décadas de 30, 40, 50 e 60.

Cartilha escolar – Livro didático utilizado na época para alfabetizar.

Ceirões – balaio, cestos, são bem modelados no lombo do animal. Eles Poe em cima da cangalha, um balaio do lado e mais um balaio do outro lado.

Centros de interesse – Metodologia adotada na época (1937), na escola de Taquaras. A aula tinha um tema central e as diferentes áreas de conhecimento eram trabalhadas dentro do mesmo tema.

Curso Normal Regional – Ensino fundamental (disciplinas: português, matemática, historia geral, noções de anatomia e fisiologia humana, cantos orfeônicos, caligrafia, trabalhos manuais, economia domestica, desenho e educação física).

Dez tostões – na época, seriam dez mil réis.

Escola Isolada – escola localizada em lugar distante. Geralmente atendia as quatro séries juntas.

Estudo Complementar – 5^a. série. Precisava antes fazer o exame de admissão, como hoje o vestibular.

Inspetor escolar – pessoa nomeada pelo Governo para fiscalizar as escolas.

Inspetor de quarteirão – Responsável pelo controle e ordem, bem como tinha o comando do local em que era designado.

Método – meio de fazer ou dizer alguma coisa com ordem, sentido pedagógico que o professor segue para guiar seus alunos para a boa compreensão do conhecimento.

Palmatória – Instrumento usado para exigir a disciplina em 1930. Era uma espécie de escoredeira pequena. Era alta bem perfuradinha tal qual uma escoredeira. O furinhos eram cinco, serviam para saída de ar, pra não deixar vermelha a palma da mão da criança.

Patente – Construção pequena em madeira, construída longe da casa. Com telhado, três paredes de aproximadamente 1 metro de largura e 1.80m de altura, com uma porta e dentro um banco com um círculo recortado ao centro. Usada como banheiro, até a década de 1960.

Professora Regente – professora responsável pela escola, hoje seria a diretora escolar.

Professora substituta – professora contratada pelo governo, ou pela própria professora regente para substituir quando necessário a professora concursada.

Removida – situação vivenciada pela professora que fosse contrária ao partido que estivesse no poder.

Tocou a boca – falou o que queria, brigou, xingou.

Pegou na surdina – chegou derrepente , chegou sem se esperar, ou ainda chegou de surpresa.

Varinha de marmelo – um galho de árvore, usado para surrar os filhos considerados desobedientes naquela época.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)